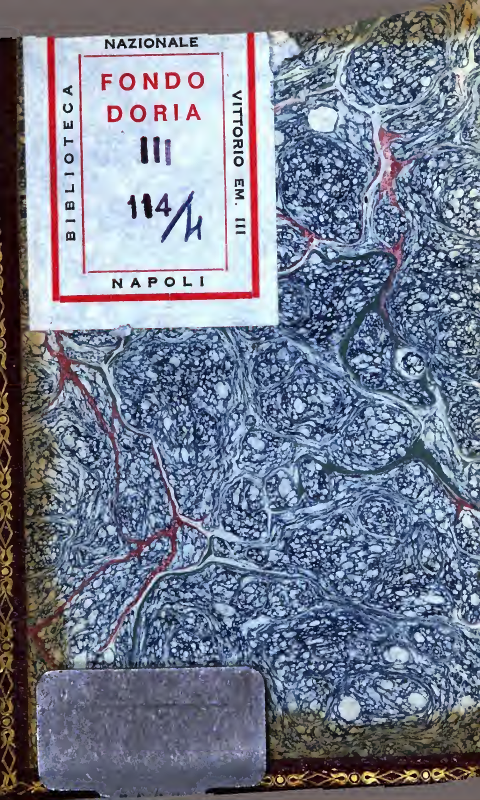
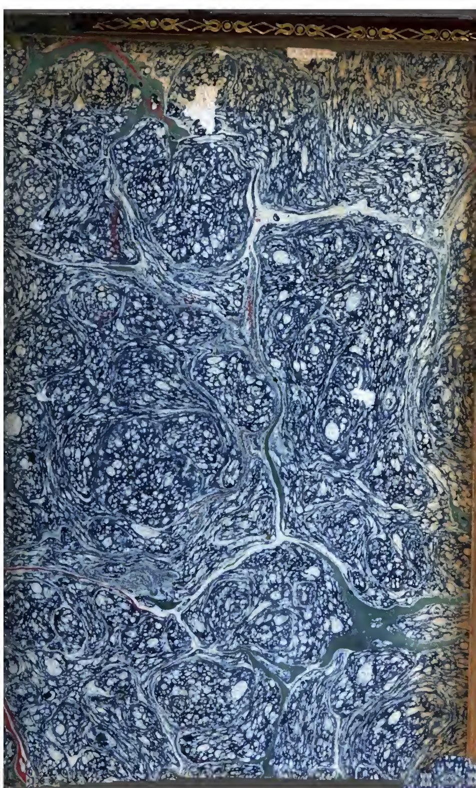




NAZIONALE
BIBLIOTECA
VITTORIO EM. III
FONDO
DORIA
III
114/4
NAPOLI





OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

TOMO QUARTO.

OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES,

PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

TERCEIRA EDIÇÃO,

DA QUE, NA OFFICINA LUISIANA, SE FEZ EM LISBOA
NOS ANNOS DE 1779, E 1780.

TOMO IV.



PARIS,

NA OFFICINA DE P. DIDOT SENIOR.
E ACHA-SE EM LISBOA,
EM CASA DE VIUVA BERTRAND E FILHOS.
MDCCCXV.


Biblioteca Nazionale
NAPOLI
V. E. III

PROLOGO.

Damos neste terceiro Tomo mais sete Eclogas de Luis de Camões, álém das oito que atéqui unicamente corrêraõ impressas debaixo do nome deste Poeta (*). O desejo, e o gosto de darmos ao Público huma Ediçaõ quanto pudesse ser exacta, e completa destas Obras, nos conduzio (como já dissemos em outro lugar) a seguir os exemplares impressos da Ediçaõ de Manoel de Faria e Sousa, naõ só como mais certos, senaõ tambem como mais bem ordenados; supposta a assidua diligencia, summo

(*) Porque ficassem mais iguais nos corpos estes volumes, e tambem porque as Eclogas do nosso Poeta se achassem juntas, se fez necessario passar as primeiras oito, que aqui vaõ, do fim do segundo volume da primeira Ediçaõ, para o principio do terceiro desta segunda.

trabalho, e estudo, com que este judicioso Escriptor tratou estas cousas. Mas parando pela desordem dos tempos (assim costumam chamar á negligencia, e incuria dos homens) a impressaõ dos Commentarios de Faria na oitava Ecloga de Luis de Camões; chegando aqui, nos achámos embaraçados, e suspensos, sem ter hum Exemplar (tendo muitos, e de differentes Edições) livre de erros, de que nos podessemos valer, e que nos servisse de norte na conferencia dos versos a que chamam menores; das Cartas, Comedias, etc. do Poeta, que ainda nos restavam. Nesta consternaçaõ, e perplexidade, lembrando-nos de que na Livraria do Real Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, se conservavam os Originaes dos Commentarios do mesmo Manoel de Faria e Sousa, que em outro tempo, naõ sem hum consideravel emolumento nosso, haviamos tido por diversas vezes nas nossas mãos, procurámos ao Reverendissimo Senhor Fr. Vicente Barbosa, benemerito filho de Santo Agostinho, e da estimaçaõ dos Sabios, e ao presente di-

gnissimo Bibliothecario daquella insigne Bibliotheca; o qual, certificado do que pertendiamos, ponderando as cousas á luz de huma recta razaõ, convencido de que o bem commum se deve sempre preferir ao particular; com huma benignidade propria da sua pessoa, e do seu caracter; e tendo tambem hum claro conhecimento do muito que o Público, e a Naçaõ interessa em semelhantes descobrimentos, condescendendo com os nossos rogos, nos facilitou o extrahirmos huma cópia do que alli se achasse de mais, e podia contribuir para o complemento desta nossa Ediçaõ; tanto de Obras pertencentes a Luis de Camões, como ao mesmo Manoel de Faria e Sousa seu Commentador.

Naõ he explicavel o contentamento que entaõ tivemos, e ainda hoje temos, vendo que depois de passarem dous seculos, por diligencia nossa, appareciam Obras de Luis de Camões naõ impressas; e que depois de tantas, e taõ multiplicadas Edições, sahe desta nossa Officina huma, que (sem jactancia) mais que todas

as antecedentes ha de acreditar a illustre memoria do nosso Poeta. Será eterno o agradecimento em que a Republica Litteraria fica a este sabio Religioso; e o seu louvavel zelo ficarà tambem servindo de documento áquelles, que com huma pertinaz avareza, inconsideradamente conservam (para ninguem ver, e para o tempo consumir) no pó e no esquecimento, Manuscriptos de homens insignes, e que toda a sua vida trabalháram para utilizar a Republica, e a Patria, com monumentos de erudiçaõ, e de doutrina: sem se desenganarem de que esta fanatica soffreguidaõ, longe de lhes aproveitar, tem sido a causa da irreparavel perda de preciosos Originaes dos Barros, dos Coutos, dos Barretos, dos mesmos Farias, e de outros innumeraveis, estragados pela voracidade do tempo.

Mas deixando por ora de fallar desta desordenada, e perniciosa teima, (naõ practicada das Nações cultas, e eruditas) e voltando aos Manuscriptos do incansavel Faria, nelles achámos as sete Eclogas, de que já acima fizemos

mençaõ, e aqui damos neste terceiro Tomo: cinco usurpadas (e impressas, aindaque com muita differença) pelo plagiario Bernardes, e duas nunca impressas até ao presente. Em varios lugares dos seus Commentarios impressos affirma, e prova Manoel de Faria, que Luis de Camões compuzera mais de oito Eclogas; o que tambem nos instigou a fazer toda a diligencia para conseguirmos o ver os referidos Originaes. Expondo a Sextina III., diz sobre a primeira Estancia: « El assunto desta Sex« tina és el mismo de la Egloga XV., que el « Poeta escriviò a la muerte de su querida Na« tercia; y en essa Egloga se hallaran tódos los « terminos que se ven usados en esta Sextina. » Aqui mesmo sobre a 2. Estancia diz: « Todo « esto se vè en la Egloga XV. »

Commentando o primeiro verso da Ecloga VIII. faz o mesmo Faria mençaõ da Ecloga IX. No Discurso, que nos Commentarios impressos precede ás oito Eclogas, pag. 160., col. 2., num. 6., fallando de Luis de Camões diz: « Fue su contiemporaneo Dieg) Bernardes,

a.

« que publicò muchas Eglogas, razonables en
« lo rustico, las que pueden ser suyas; por-
« que las màs dellas usurpò el a Luis de Ca-
« mões; como lo mostrarè largamente en un
« Discurso, que precederà a la nona. » Naõ
só neste Discurso : em muitos outros lugares
dos Commentarios aos Sonetos, e sobre as Oitavas a Santa Ursula, (usurpadas a Luis de Camões por este mesmo versejador) põe Manoel de Faria patente o plagio de Bernardes. Tambem achámos este Discurso, que Faria diz que havia de preceder á Ecloga IX., o qual damos aqui gostosamente ao Público, para que se veja a animosidade com que o bom Bernardes se aproveitou do trabalho alheio, para vender como proprio. E para que naõ perca nada na nossa traducçaõ, ou nos digam se traduzio menos fielmente, irá na mesma energia Castelhana, em que seu Author o escreveo. Aqui conheceráõ os nossos Leitores, que naõ tem todo o conhecimento necessario em materia de estylos, o quanto atégora vivêram enganados com os Poemas de Diogo Bernardes. Tam-

bem achámos nos mesmos Originaes de Faria, entre outras Obras suas, huma Ecloga, (naõ nos consta que se imprimisse separadamente, nem tam pouco conservamos memoria de a ver nas Obras Poeticas do mesmo Faria, que correm impressas) em que elle descreve a vida de Luis de Camões, pela mesma ordem com que a havia escripto em prosa ao principio dos seus Commentarios. Nesta Obra, que contém 1414. versos, tirados todos de diversos lugares dos Poemas de Luis de Camões, mais do que em outra alguma, se conhece bem a grandeza de engenho de Manoel de Faria, e Sousa, e o grande estudo que havia feito nas Obras do nosso Poeta. Por naõ defraudarmos o Público de hum monumento taõ relevante, que a naõ ser esta nossa diligencia, ficaria em perpétuo esquecimento; e em obsequio dos Estudiosos, o daremos no fim do IV. Tomo.

Cremos que os nossos Leitores, com o que atéqui temos dito, ficam sufficientemente informados: e por naõ molestá-los mais, passamos a dar-lhes o Discurso que Faria escreveo

para preceder á tal nona Eclòga, que tambem nesta nossa Ediçaõ vai debaixo do mesmo número, pois as levamos pela mesma ordem com que o mesmo Faria as levava. He, pois, o referido Discurso como se segue:

Las ocho Eglogas antecedentes son las que asta agora anduvieron impressas, desde la primera Edicion que se hizo destos Poemas varios de mi Poeta (*). Las siete que se siguen, por la misma orden que llevan, hallè yo en un Manuscripto, que casi todo és de Obras suyas; aunque notablemente viciadas de los Copiadores. Entre ellas ay algunas agenas, pero tan pocas, que (segun los titulos con que se hazen conocer) no exceden de las que nombrarè, porque sirve esto a lo que luego he de dezir. En la hoja 1. aparece la Carta septima de Diego Bernardes a Pedro de Lemos, Secretario de la Marqueza de Alcanizas. Del mismo, adelante,

(*) Este Discurso de Faria deve suppôr-se escripto depois da Ecloga oitava.

la Egloga que entre las suyas es la 14. En la hoja 45, un Soneto, que dize ser del Duque de Aveiro; y es el 133. de mi Poeta. En la hoja 48. unas Estancias, que son de la Egloga 11. de Bernardes: en la 50. un Soneto de Luis de Castro al Rei Don Sebastian; y otro amoroso de Luis Franco: y el de Garcilasso, que empieça: *O' dulces prendas*, etc. En la 54. otro de Luis Franco a un desafio que tuvo en Castilla D. Martin de Castelobranco. En la 55. otro, que dize ser de Simon de Veyga a D. Luis de Ataide; y siempre fue impresso por de Luis de Camões, y es el 64 entre los suyos: y a el se sigue otro del mismo D. Luis, en respuesta, que es el 196 de mi Poeta. Esto es lo que en este Manuscripto se halla con otros nombres, que no sea el de mi Poeta: y tambien sin el, se hallan otras cosas (pocas) que claramente se vè, que no son suyas, por ser disparates. Todo lo otro es suyo; aunque no todo tiene su nombre. Sin su nombre está la Egloga 3., y la Cancion 1., y muchos Sonetos que indubitablemente son suyos: con el está por suya la Ecloga 15. Mas

porque las 9. 10. 11. 12. 13. 14. estan sin nombre alguno, y las 9. 10. 11. 12. 13. andan impressas por de Diego Bernardes, (en su livro intitulado el Lima, que consta de 20. Eglogas, y de 33. Cartas) y yo tengo por cierto que son de Luis de Camões, y las pongo aqui por suyas, soi obligado a dar la razon porque lo hago, para que no parezca, que sin ella quiero quitar a alguno su gloria; y mas quando con esto no se puede añadir alguna a Luis de Camões: porque la que el no mereciere por lo impresso (que fue lo que se halló mas correto) mal la podria merécer por lo que se halla tan estragado. Peró no es justo (sea lo que fuere) que de un tan grande hombre se pierda cosa alguna de las que se hallaren con luz de suyas; porque la suya fue tal, que aun por entre essas tinieblas se descubre.

Digo, pues, que lo que me obliga a tener por de Luis de Camões essas cinco Eglogas que andan inpressas por de Diego Bernardes, és lo que se sigue distribuido por numeros de razones.

Que para quien conoce de estylos, es cosa clara que son de Luis de Camões: y esta razon sola bastava, quando no uviesse más. Al grande Apelles, que nunca el otro Pintor avia visto, conociò el solamente por una linea, que avia echado en una tabla. Quien tendrá conocimiento de los pinceles Poeticos de Camões, y de Bernardes, que pueda creer, que es de los deste, lo que es de los de aquel? En Bernardes no ay erudicion; no ay affectos; no ay conceto considerable; no ay elevacion alguna; no ay constancia; porque si acaso tiene dos versos sufficientes, los ahoja con mil sin numero, y con mil desaires. Pues si en estas cinco Eglogas ay todo esto tan proprio de Luis de Camões, como dexaran ellas de buena gana de ser suyas, por ser de quien nunca pudo tanto? Bernardes usó de una llaneza, que aunque mal cultivada, se hizo lugar en el vulgo.

Que Bernardes viendo muerto a mi Poeta, y que sus Obras sueltas andavan perdidas, se quiso apropriar algunas dellas. como consta claramente de sus Libros intitulados: *Flores*

del Lima, y *Rimas de devocion*, en que ay algunas cosas conocidamente de Luis de Camões, como en sus lugares voy mostrando.

Que las cosas que se ven en el Manuscripto, con evidencia de ser de Luis de Camões, y estampadas por Diego Bernardes en su nombre, estan menos correctas, y con mas defetos en la estampa, que en el Manuscripto: y no és de creer que si ellas fueran de Bernardes avia el de estampar lo peor; sinò, que siendo de Camões, que las fue limando, Bernardes usó de las que avia hallado antes de limadas.

Que Luis de Camões el año de 1555. escribió en la India una Carta a un amigo, avisandole, de que havia compuesto la Egloga primera a la muerte de D. Antonio de Noroña, y del Principe D. Juan; y en ella dize esto: « Esse Soneto que hize a la muerte de D. Antonio de Noroña os embio, por señal de quanto della me pesò. Una Egloga hize sobre la propria materia, que tambien trata algo de la muerte del Principe, la qual me parece mejor, que quantas hize. » Claramente dá a

entender, que avia hecho muchas Eglogas, y hasta oy no se han impresso ni visto suyas mas de ocho; y una dellas és essa primera de que dava quenta: y las siete, que quedan, no son tantas, que un hombre por ellas solas ubiesse de dezir, *que quantas hize:* porque este modo de hablar, denota mucho mayor numero que el de siete; y mucho más si se considera, que tres dellas, que son la quarta, quinta, y otava, no son capaces de que un tan gran hombre se acordasse de ellas: de la quarta y quinta por ser de sus principios de moço; la otava, porque és de ningun cuerpo: y de las quatro que quedan, para las siete, dos a lo menos son hechas despues de haver buelto de la India: de modo, que entre las siete, no quedan mas de dos ò tres que pudiessen ser escritas antes de partir para la India; y no avia de dezir Luis de Camões, que aquella le parecia mejor que quantas avia hecho, no aviendo hecho más de dós ò tres: ni este modo de hablar, en un hombre que habló siempre con tanta medida, pudo caer sinò sobre aver hecho muchas Eglogas.

Y pues esto és assi; y que en la India escribiria algunas, pues anduvo allá 16 años, y que tambien escribiria algunas en el Reino despues de bolver, aviendo vivido aun en el diez años; necessariamente hemos de creer que hizo muchas Eglogas: y de todas estas no uvo hasta agora mas de ocho: y agora hallo yo más siete en este Manuscripto de sus Obras, y cinco dellas son de las que andan impressas en nombre de Diego Bernardes, que imprimiò veinte; y dellas tengo yo por suyas solamente la primera, y la sexta, y la doze, y la catorze, y la 16; y las 18., 19., 20., dudo mucho si son suyas; porque sendo en Castellano, que el hablava con mucho error, tienen mucho de aquella limpieza con que Luis de Camões le hablava, como consta de lo que permanece suyo en Castellano; además del aire proprio del estylo. Desto se sigue, que entre las 20. Eglogas que Bernardes publicò, no ay más de cinco, ò seis, que parezcan suyas; y las catorze, ò quinze, en mucho estan mostrando ser de Luis de Camões, aunque faltas de la

ultima lima, sobre el estrago que en todas sus Rhythmas varias hizieron los Copiadores, por haver el fallecido sin darlas a la estampa. Assi, pues, las 14. que destas 20. pueden ser suyas, y las ocho que andan impressas en su nombre, y dos que yo hallè de nuevo, hazen 24.: y aun estas no son muchas, para quien viviò 25. años, despues de aver dicho, que avia escrito muchas. Però yo no quiero poner aqui por suyas todas las 14., que me parecen serlo, y andan por de Bernardes, sinò las cinco que se ven en este Manuscripto, sin que en ellas esté el nombre de Bernardes, estando ellas entre outras de Luis de Camões, que tambien no tienen su nombre.

Que quando se halla un Manuscripto, en que ay Poemas de differentes Authores, se deve presumir que los que estan sin nombre son de aquel Author que tiene la mayor parte en aquel Manuscripto : y en este que tiene más de cien hojas, las noventa son de Obras de Luis de Camões; unas que tienen su nombre, y otras que aunque no le tienen, son co-

nocidas por suyas, y por suyas andan impressas: y pues en este Manuscripto ay siete Eglogas, unas tras otras, y entre ellas una de las impressas de Luis de Camões, que és la tercera, tambien sin nombre suyo; siguese, que assi como esta no dexa de ser suya, por no tener su nombre, no lo dexan de ser las otras, por no tenerle: antes és más creible, que por ser el Manuscripto casi todo suyo, se escusó el ponerse su nombre en cada Poema; y que se pusiera, si fuera ageno. Agora entremos a hazer examen de cada una de las cinco Eglogas que se siguen, y son las 9., 10., 11., 12., 13., y del sacaremos nuevas razones, para assegurar que son de Luis de Camões, y no de Diego Bernardes. Prosigue el numero de las razones.

La Egloga 9. és del Tajo, y de Galatéa, y por esto és compañera de la otava, que tambien és de Galatéa en el Tajo; y concurren ambas en unos mismos concetos, y Diego Bernardes no cantava del Tajo, sinó del Lima, de que era natural: y por esto, de tres librillos

que imprimiò, los dos primeros se intitulan, uno *Flores del Lima*, que és el de los Sonetos, y otro, varios Poemas, y otro *Lima*, que és el de las Eglogas, y Cartas.

En esta Egloga nona dize que irá a pescar en playas remotas las perlas para offrecer a Galatéa: y esto dá claramente a entender, que escribiò esta Egloga al tiempo que andava de partida para la India, adonde las perlas se cogen: pues en algunos lugares destas Rhythmas confiessa, que por mejorarse de algun caudal avia hecho este viage; para el qual estuvo alistado el año de 1550., aunque no partiò sinó el de 1553. Y assi pudo èsta Egloga ser hecha en este tiempo; en el qual Diego Bernardes estava bien fuera de hazer tal viage; ni hizo otro, que el de Africa el año de 1578., passando con el Rei D. Sebastian.

Esta Egloga 9. en el Manuscripto está sin Dedicatoria, y la tiene en la impression de Diego Bernardes, adonde és la 11.: y claro está, que si Luis de Camões la ubiera dedicado, no faltára alli la Dedicatoria; y tambien

b.

claro, que no faltàra la Dedicatoria, si ella fuera de Bernardes: de que se sigue, que Bernardes se aprovechó della dedicandola.

Que la Dedicatoria que della hizo Diego Bernardes anda en el proprio Manuscripto solamente con este titulo, *Otavas:* porque son siete Otavas, sin dizir que és Dedicatoria de Egloga alguna: y ella está tan desviada dellas, que ellas van en la hoja 48. y ella se queda en la 3.

Que estas Otavas en el Manuscripto estan pontualmente conformes con las impressas: y al contrario la Egloga tiene mucha differencia de la impressa al Manuscripto, estando mejor en el.

Que por ser estas Otavas Dedicatoria de aquella Egloga a un Señor, ubieran de ser de estylo mas elevado que ella, y a lo menos igual, y parecido: y que el de la Egloga és grande, y el de la Dedicatoria és mui miserable. Y para que esto se vea con claridad he de copiar aqui dós Otavas, que seran la primera, y la ultima.

Illustre Senhor meu, a quem me manda
Minha fatal estrella que só cante
Com Musa natural, taõ doce, e branda,
Que a toda a estrangeira vença, e espante;
A pezar da cruel, que em mi desanda
A sua roda, sempre irei avante,
Seguindo pouco a pouco este desejo,
De que só digno vós, outro naõ vejo, etc.

Acceitai entre tanto por começo,
Do que pagar espero inteiramente,
Esta pequena offerta, que offereço
A vós, grande Senhor, devotamente.
Se por taõ pouco, tanto bem mereço,
Os olhos ponde nella alegremente.
Ficarei satisfeito, e atrevido,
Para poder cumprir o promettido.

De las siete Otavas desta Dedicatoria me parece que estas dós son las mejores, y en ellas no ay un verso que tenga algun adarme de espiritu : y en la Egloga sin espiritu casi no ay verso. Vease allá. Las Otavas, luego, son de uno, y la Egloga de otro : de quien ella, y ellas pueden ser, queda claro.

Que las Otavas no declaran lo que se de-

dica con ellas, si és Egloga, ò outro Poema; y Luis de Camões no hizo Dedicatoria de Egloga, en que no declarasse el argumento, como se puede ver de las suyas 4. 5. y 6. que son dedicadas.

Que esta Egloga se escribiò a imitacion de las 1., y 2. de Sanazzaro, como de las notas se puede ver; y Luis de Camões le tenia por Maestro de las Piscatorias, y se preciava de imitarle, como consta desta misma Egloga, pues los dos tercetos que principian, « Deixan- « do este lugar taõ infamado, » son expressa imitacíon deste lugar de Sanazzaro en la Eglog. 2.

Scilicet hæc olim, veniens, seu littore curvo
Caietæ, seu Cumarum navalibus altis,
Dum loca transibit, raucus de puppe magister
Hortatus socios; dextrum deflectite (dicet)
In latus, ó socii, dextras deflectite in undas.

Y los quatro que empieçan :

.... *Glauco, deos vosso,*

tambien son clara imitacion de estotros versos del mismo Sanazzaro en la Egloga 1.:

Quos mihi nunc divæ scopulos, quæ panditis antra
Nereides! Quas tu secreti littoris herbas
Glaucepater, quæ monstriferis mihi gramina succis
Ostendes nunc Glauce! Quibus tellure relicta:
Ah miser, et liquidi factus novus incola ponti
Te sequar in medios, mutato corpore fluctus,
Et feriam bifida spumantia marmora cauda!
Nam quid ego, (heu!) solis vitam sine Phyllide terris
Exoptem miser? etc.

Si ya no lo és de estos de la 2., que és la que principalmente imita en esta:

Scilicet exiguæ videor quòd navita cymbæ,
Quodque leves hamos, nodosaque retia tracto
Despicis? an patrio non hoc quoque littore Glaucus
Fecerat? Æquoriæ Glaucus scrutatur arenæ?
Et nunc ille quidem tumidarum numen aquarum.

No tratando por aora de otras imitaciones del mismo Sanazzaro, que reservamos para las notas, onde se poderan ver (*), y de las mu-

(*) Muitas imitações de Sanazzaro appareciam nas

chas que deste Author descobrimos en todas estas Rhythmas : cosa que no se hallará en todas las de Bernardes.

Agora passamos a la Egloga 10., que en Diego Bernardes és la 13., y és tambien Piscatoria; y aunque Piscatoria la pudo tambien hazer Bernardes, ya queda mostrado arriba, que el Camões se preciava de imitador de Sanazzaro en ellas, y hazia clara demonstracion de agradarle este genero de Poemas : y esta és imitada de la 3. de aquel Poeta.

Que el Poeta en esta misma Egloga dize, que trae aventurada la vida en el mar, y en la tierra; y esto no succediò a Diego Bernardes, sinò a Luis de Camões, que anduvo por muchas tierras, y navegò muchos mares, siem-

---

notas de Faria, sobre esta Ecloga, e a seguinte : e naõ menos da Ecloga terceira de Virgilio, nas notas sobre a XIV. do nosso Poeta, que aqui vai : o que tudo deixamos de copiar, naõ só por nos naõ apartarmos da brevidade que seguimos, como por naõ ser do nosso instituto o darmos annotações.

pre con gran riesgo, como consta de todas sus obras, y de la publicidad.

Que en esta misma Egloga dize a la Nympha, que si está aficionada a Pescador de gentil presencia, y buen ingenio, etc. en el tiene lo que desea. Y esto son cosas de que mi Poeta se precia en estas Rhythmas, como en la Egloga 2. Vease tambien la Lusiada Canto 9. onde se representa en Leonardo: y luego aqui mismo la dize, que si quiere Pescador noble, que tambien el lo és, porque deciende de honrados Pescadores; y esto no lo podia dizir Bernardes con tanta confiança, como Camões; porque este era Çavallero notorio, y essótro un Escudero, de cuyos Padres no ay noticia.

La Egloga 11., que en Bernardes és la 15., contiene más razones. Entra Anzino diziendo a Limiano, que ya en otro tiempo le viò alegre en el Tajo, adonde agora le vè triste: y el le responde, que assi podia ser, porque del Tajo era, y avia andado mucho tiempo ausente, y buelto alli con deseo de estar entre los suyos, y que de ellos se vè de nuevo perseguido: y

esto no lo podia dizir Diego Bernardes, porque ni era del Tajo, ni avia andado tierras: y assi esta Egloga fue escripta despues que Camões bolviò de la India a Lisboa; y és suya.

En el Manuscripto dize Anzino, y no Peregrino, como lo dize lo impresso de Bernardes: y ay otros nombres mudados, como el de Tityro en Silvano; el de Fulgencia en Laurencia: y estes nombres serian del intento de Camões, y mudados por Bernardes al suyo.

En esta misma Egloga 11. dize Limiano (que és el que representa a mi Poeta) que experimentò quan vanas eran las promessas de los Señores: y esto le sucediò a el, y principalmente con Pedro de Brito, en la forma que se verá, de lo que diremos sobre este lugar.

Aqui mismo, Limiano, que és el Pastor del Tajo, y representa a mi P. enseña a Anzino, como a estrangero, que no sabia los sitios de aquella tierra, uno en que se pueden recoger: luego el Camões és el Pastor del Tajo, y Author desta Egloga, en que quiso tratar de sus cosas.

Que siendo Bernardes natural del rio Lima, y pudiendo por esto llamarse Limiano, no dexára de representarse con este nombre en esta Egloga, si el la ubiera escripto; y se acaso el se representa en ella, és con el nombre de Anzino; porque lo que dize Limiano, todo muestra que Limiano representa a Camões, porque dize que és del Tajo, y que anduvo mucho tiempo fuera, y que fue maltratado de su patria, y que bolviò a ella, y que hallò engaños en los hombres, y todo esto sucediò pontualissimamente a Luis de Camões.

Que aqui mismo, Anzino que és el Pastor estrangero, habla con Limiano, que és natural del Tajo, como con persona muy conocida; y el al estrangero le pergunta quien és, para saber a quien debe el amor, respeto, y cortezia con que le habla, y se duele de su mal: y esto era que Camões era mui conocido, y podia desconocer al otro, aunque represente al proprio Bernardes, que era conocido de poucos: y yá puede ser que no le tratasse, sinò despues de venido de la India.

Esto en caso que Bernardes se represente aqui en Anzino; lo que yo no creo por las razones que se siguen.

Dize Anzino a Limiano, que fue hallado en la sierra de la Estrella exposito; y Bernardes que se podia presumir representado en Anzino, era natural de Ponte de Lima, y alli viviò siempre; y la historia que Anzino alli cuenta no és verdadera, sinó trasladada de la de Abinderraes, y Xarifa, contada por Jorge de Montemayor en su Diana.

Dize mas Anzino a Limiano, que vá peregrinando por el Mundo, y que desde el Tajo adonde agora se halla, ha de ir a Sant-Iago de Galicia : y si Anzino fuera Bernardes, vendria a dizir en esto un desproposito; porque Bernardes era natural y morador en Ponte de Lima, que és Villa muy cercana a Sant-Iago de Galicia, y por esso és bien creible, que no estaria sin avér visitado la Iglesia de Sant-Iago : y aqui dize, que por novedad, y como peregrino, la irá a visitar : y assi esto no quedaria siendo peregrinacion, sinó seria bol-

verse a su patria. De todo se sigue, que Bernardes no entra en esta Egloga, y que Camões entra en ella diziendo cosas que son proprias suyas, y de su vida; y assi el la escribió. Y el podia dizir de si, que andava peregrinando, y que determinava ir a visitar la Iglesia de Sant-Iago : e bien puede ser lo hiziesse; porque estando ella en Galizia, sus mayores fueron Gallegos, y allá está el solar de los Camões : y los ay en Portugal, que procedieron de Vasco Pires de Camões, que passò a servir en este Reino al Rei D. Fernando, el año de 1370. Y deste Cavallero, que fue gran Señor en Portugal desciende mi Poeta, deste modo : de Vasco fue hijo Juan : de Juan, que tambien fue gran Señor, fue hijo Antonio : de Antonio lo fue Simon : y de Simon lo fue mi Poeta : y puede ser que no tanto por visitar a Sant-Iago tuviesse intẽto de ir a Galicia, quanto por ver a sus parientes. De todo sacamos en limpio, que assi Anzino, como Limiano, representan en esta Egloga ambos a mi Poeta; refiriendo uno unos successos suyos, y

otro otros, y que no entra aqui Diego Bernardes; y por esto, no el, sinò Camões, puede ser el Author desta Egloga.

Que en esta Egloga ay muchos versos más en lo impresso por Bernardes, de los que ay en el Manuscripto; y assi si ella fuera de Bernardes estuviera en el Manuscripto lo que está en lo impresso : mas como ella era de Camões, y el la limò despues, quitandola juntamente versos escusados, por escusar prolixidad, el Bernardes no alcançandola limada, sinò los primeros borradores, los puso todos assi como los hallò. Otras razones más se hallaran por las notas a esta Egloga.

Entramos en la Egloga 12., que entre las de Bernardes és la tercera. En ella son Interlocutores Alcido, Delio, y Galasio en el Manuscripto; y en lo impresso está Galicio, por Galasio; aunque esto importa poco. Alcido és el proprio nombre que Bernardes tomó para si en todas sus Rhythmas, y Delio representa a Luis de Camões : y en todas las Eglogas de Ber-

nardes nò ay el nombre Delio : y ay le en la 14., que sin duda és do Camões.

Que esta Egloga 14., que és sin duda de Camões, és la misma que essotra, que és tercera en Bernardes, en argumentos, en concetos, en invencion, y en orden; sinò que el Camões desagradado del modo con que la escribiò la primera vez, la bolviò a escribir segunda, y la mejorò mucho; y como Bernardes nò alcançò esta, sinò essotra, essotra puso : y claro és, que si hallára la mejor, no pusiera la peor, y tambien és claro, que si fueran ambas suyas las pusiera, porque el imprimiò todo lo que avía escripto; y de Camões quedò perdido todo lo que eran Rhythmas varias, porque nó imprimiò sinò el Poema heroico. Y que sea cierto que estas dós Eglogas son una misma, se verá dellas proprias. Ambas entran tratando del peligro que traen consigo las riquezas, y la codicia. Ambas vienen a ser expressa imitacion de la tercera de Virgilio : y en ambas se ven los pensamientos tan unos, que las Es-

e.

tancias que en competencia cantan los Pastores, conforman en ambas mucho : y las 24., y 25. de la 12., que és de que se aprovechò Bernardes, son puntualmente las 21., 22. en la 14., que és sin duda de Camões. Dexo otras muchas señales, que por allá se veran en las notas. De todo se sigue, que quien escribiò la una, escribiò la otra. Y pues queda claro que Camões escribiò la 14., y que esta és la mejor, y que Bernardes no tiene esta, sinò la primera siguise que la primera és de quien la segunda, y que ambas son de Camões, pues una y otra estan juntas en su Manuscripto, no estando la segunda, que és mejor en lo impresso por Bernardes.

En esta Egloga, que en Bernardes és (como yá dixe) la tercera, és Alcido uno de los Interlocutores; y en ella su nombre el Lima, de donde Alcido (que és Bernardes) era natural: y en la del Manuscripto (que como dixe és la misma) no ay Alcido por Interlocutor, ni se nombra el Lima : y de aqui infiero yo, que Luis de Camões quando hizo la de que Bernardes

se aprovechò, estava conforme con el, y por esso (en gracia suya) se acordó del Lima : y despues (discordantes por ventura) no le introduxo en la que bolvio a hazer de nuevo. Y aun puede ser que essa discordia le hizo que hiziesse en ella esta mudança : como sucedió a T. Tasso, que haviendo dedicado su Poema de la Liberata al Principe de Parma, disgustado del, le hizo de nuevo, y le intituló Conquistada, dedicandole al Nepote de Clemente VIII.

Agora la Egloga 13., que és la ultima de las cinco que hallo en el Manuscripto de las Obras de Camões, y que en Bernardes és la quarta, y que en el tiene un Soneto Dedicatorio, sin el qual se vè en el Manuscripto : y és cierto, que si el Camões le ubiera dedicado, estuviera alli aquel Soneto; y tambien és cierto que estuviera con ella, si Bernardes la ubiera escripto.

Aquel Soneto Dedicatorio és del proprio estylo que son las Otavas con que Bernardes dedicó la Egloga 11., que aqui és la 9. y ay so-

bre esto las mismas razones que allá dimos, para que la Egloga fuesse de Camões, y la Dedicatoria de Bernardes; que son, ser el estylo de la Dedicatoria con gran distancia inferior al de la Egloga, deviendo ser al contrario. Luego siendo proprio de Bernardes el estylo humilde, y de Camões el elevado, este hizo esta Egloga, y essotro la Dedicatoria. Quien lo puede negar? La Egloga ahi se está para que se vea su estylo: el Soneto Dedicatorio pondré yo aqui, para que se vea quan inferior és a la Egloga. Dize assi:

As lagrimas de amor, os tristes ais,
A fé quebrada em parte, onde segura
Devera mais estar, entre brandura,
Cruezas descobrir tantas, e tais,
Aqui vereis, Senhor, se ouvidos dais
A duas tristes Nymphas sem ventura,
Conformes em aviso, e formosura,
Nas magoas, e nas queixas, inda mais
Do Lima se vaõ ao Tejo aggravadas:
A culpa quem a tem, e sempre teve,
Senaõ amor, ingrato a bõos amores?
Favor por estrangeiras se lhes deve:

Naõ se vejam tambem lá desprezadas,
Como se viram cá de seus Pastores.

No avrá quien tenga conocimiento de estylos, que diga que este Soneto és de quien és la Egloga, por ser ella elevada, y el baxissimo.

El Soneto Dedicatorio dize, que se verá en la Egloga dós Pastoras quexosas de sus Pastores; y en ella no ay más de la Pastora Phyllis, quexosa de Corydon; y la Pastora Galatéa, muy fuera de quexosa, antes dava causas de quexa a Corydon, por no hazer caso del, quando el por ella dexava a Phyllis.

Phyllis en esta Egloga se compara a la violeta negra, en respeto de Galatéa, por quien se via dexada, diziendo della, que era blanca: y bien puede ser que esta Phyllis fuesse la negra de quien mi Poeta fue amante (como consta de su Oda 10) y que estuviesse quexosa del, porque la avia dexado por una blanca.

De manera, que son treinta las razones que hallamos, para ser de Luis de Camões estas Eglogas. Las que puede aver en contrario no son mas de dos: una, que se hallan impressas

por de Diego Bernardes; y esso se queda facilmente deshaziendo con ser cierto que el usurpò algunas cosas a Camões; y quien lo hizo en unas, lo haria en quantas pudiesse: y no imprimió sus Obras sinò despues de la muerte de Camões. Otra, que en algunos lugares de algunas destas cinco Eglogas se habla del Lima, de donde era natural Bernardes: y tampoco esta razon tiene vigor considerable, porque bien pudo Camões, en gracia de Bernardes, con quien trataria amigablemente algunos dias, hablar del Lima, y introduzir en sus Obras a Alcido, que és el nombre de Bernardes en sus Rhythmas. Y ya diximos que en la Egloga 14. no habla del Lima, aviendo hablado del en la 12. que és la que reformò con la 14. Vease lo que diximos sobre esto, arriba.

Aviendo dado fin a las razones que tengo para creer que estas cinco Eglogas fueron usurpadas por Diego Bernardes a Luis de Camões; quiero dar algunas de las que me obligan a creer que le usurpò otras, aunque no

las pongo aqui, por no hallarlas en el Manuscripto, como hallo las cinco. Sea la primera, que en el Manuscripto no estan muchos Poemas de que realmente se sabe que son de Camões, y assi lo pueden ser estas Eglogas, aunque no esten en el: y despues desta, digo lo que se sigue.

La Egloga que está por primera en Diego Bernardes, és a la muerte del Principe D. Juan, a la qual és la ultima mitad de la Egloga primera de Camões; y siendo este assunto de tanta grandeza, parece que en el avia Bernardes echar el resto; y aquella Egloga suya és tan miserable, quanto puede ser, principalmente desde que entra en unas lyras, que alternadamente cantan Franco, y Limiano; de las quales la primera Estancia és esta:

Cansados olhos, se des que partistes
Donde tal perda vistes,
Nunca fizestes al, senaõ chorar:
Que razaõ me dareis de naõ cegar?
Pois para descansar,
Vendo, naõ podeis ver contentamento.

Y luego prosigue Limiano, tomando este ultimo verso, para principio de su Estancia, y dize :

Vendo naõ podeis ver contentamento,
Olhos, que morrer vistes tal Pastor.
Ah dura estrella! Ah nunca vista dor!
Ah surdo e cego amor!
Surdo, e cego mais cego em taõ grão mágoa.

E assi van tomando estos Pastores el uno del otro los versos ultimos, para principio de los suyos, con tanta frialdad, como se vê en essas dos Estancias : que esse era el modo de proceder de Bernardes, como lo puede ver quien quisiere hazer examen de sus escriptos.

Luego se sigue la segunda Egloga, que és a la propria muerte del Principe D. Juan; y empieça deste modo :

N'hum solitario valle, fresco, e verde,
Onde com vea doce, e vagarosa,
O Vez, no Lima entrando, o nome perde, etc.

Y esta Egloga és tan differente de essotrà en Estylo, como és la noche del dia. El Vez, que

alli dize, és un rio pequeño, que muere entrando en el Lima, que és mayor : y para llorar la muerte del Principe, no era necessario que quien la llorava (antes descuido) acordarse de rios de tan poca fama, estando ahi el Tajo de tanta, y sobre cuya margen avia fallecido aquel Principe natural suyo. Y esto és tanto assi, que escribiendo mi P. la Egloga primera en la India a la muerte de D. Antonio de Noroua, y del proprio Principe, ambos naturales de Lisboa, bañada del Tajo, y podendo hablar del Indo, y del Ganges, rios famosos de aquella parte del Mundo, en que escribia la Egloga, haze que el theatro della sea el Tajo. Y assi yo creo que esta Egloga 2. en Bernardes, a la muerte del Principe, és de Camões, y que alli en lugar del Lima, estava el Tajo; y en lugar del Vez, que entra en Lima, estava alguno de los que entran en el Tajo : ò que diria el Tajo, adonde pierde el nombre entrando en el mar, que és adonde fallеció el Principe, porque en aquel paraje de Lisboa adonde falleció el Principe

se pierde en el mar el Tajo; y que Bernardes, para hazer suya la Egloga, mudò los nombres de los rios.

En esta Egloga son Interlocutores Tirsi, y Melibeo, llorando alternadamente esta muerte en Estancias de Canciones: y ay en ellas cosas tan proprias de Luis de Camões, que no puedo tenerlas por de otro ingenio, que más le supiesse imitar: y destas quiero poner aqui solamente una por exemplo, y sea esta:

Porque quando deixei
De ver os verdes olhos, por quem mouro,
Rosas em viva neve, tranças de ouro,
Logo me transformou amor esquivo
Em pedra naõ, nem louro;
Em fonte de agua pura, e fogo vivo.

Ay en estos pocos versos vivamente el frequente estylo de Camões: luego dos cosas propriamente suyas: una los ojos verdes de que era apassionado, como consta destas Rhythmas suyas, y en particular en la Egloga 6. Est..... y las Redondillas..... Otra la

transformacion de si en piedra con el proprio termino usado del en su Lusiad. Cant. 3. Est. 142:

Que o coraçaõ converte que tem preso,
Em pedra naõ, mas em desejo acceso.

Que puntualmente és esto que ahi se queda:

Logo me transformou amor esquivo
Em pedra naõ, etc. em fogo vivo.

En la Egloga, que és otava en Bernardes, y empieza,

Vistes quando abrio hoje, ó Melibeo,
As rosadas janellas o Oriente
A branca Aurora ao louro amigo seo, etc.

hablando del Pastor Limiano, dize del esto:

Que Phebo inspirou nelle graça tanta,
Que lá no seu Parnaso o recebeo,
De que se alegra o Tejo, antes se espanta.

Pues si este Pastor Limiano era tan grande Poeta, que le avia admittido por tal el Parnaso, y de esto no solamente si alegrava el

Tajo, antes se admirava; quien avia de ser, sinò Luis de Camões natural del Tajo, y admiracion del Parnaso? Ay en esto algunas cosas dignas de reparo, y son las que se siguen: Bernardes ni se alabò jámás desta manera, ni se podia alabar: y Luis de Camões se dá a si proprio muchas vezes estas alabanças; y quando Bernardes llegára a presumir de si tanto, no se acordára del Tajo, pues no era natural del como Camões: acordárase del Lima como natural suyo, que esse era el que podia hazer caso del. Y por esto el Camões, al hazer un elogio grande a Virgilio, al fin del Canto 5. de su Lusiada, Est. 87., dize que el Tibre está sobervio, porque Virgilio cantava a sus margenes: però el Mincio, rio a cuya margen a via nascido, mostrava un natural affecto de oirle cantar, como hijo suyo. Vease. Luis de Camões se haze a si proprio algunas vezes morador del Parnaso: esto se verá claro de la Egloga 4. Est. 2. de la 6., desde el num...., En su Lusiada Cant. 3. Est. 2. adonde dize que se está bañando en la fuente del Parnaso. Y

és cierto que avia compuesto un libro intitulado el «Parnaso de Luis de Camões,» el qual se perdió en mis proprias manos, por la razon que luego dirè. Siendo pues tan propria de Luis de Camões esta alabança, dada por si a si mismo, y siendo cierto que Bernardes no le alabò en algun Poema suyo, alabando en ellos a aquellos Poetas de su esfera, que vivian quando el, siguese que esta Egloga no és suya, sinò de mi P., que se alabava a si proprio en ella, de la suerte que lo hizo en tantos lugares de sus Rhythmas, como a cada passo se encuentra. En esta misma Egloga ay esto:

Quando o formoso Sol appareceo
Esta fresca manhãa fóra do Gange, etc.

Y realmente este modo de hablar és mas proprio de quien estava en la tierra por onde corre el rio Ganges, que és la India, ò la Asia; y allá estuvo mi P., y nunca pensò estar allá Bernardes.

En la Egloga, que és 17. en Bernardés, ay esto:

Inda naquelle tempo tu naõ eras
Taõ coberto de barbas, mas de força
A ninguem lá, nem cá vantagem deras.

Y esto no lo podia dizir de si Bernardes: y dixolo de si mi Poeta algunas vezes. Egloga 2. num. 35.:

A barba entaõ nas faces me apontava:
Na luta, no correr, em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.

Y en estos tres versos está el tiempo en que mi Poeta era aun de poca barba, y de mas fuerça que todos; que és lo que contienen essotros tres arriba copiados. Semejantes razones pudiera traer para mostrar, que de las 20. Eglogas, que andan impressas por de Bernardes, solamente parecen suyas la 2., la 12., la 16., y la 17. Quien leyere estas con attencion, verá la differencia que ay dellas a las otras.

Finalmente en aquellas Eglogas que Bernardes imprimiò por suyas, y que yo tengo por de Camões, ay tantas cosas que observar, que

lo dexo por largo : y tambien porque ni essas Eglogas, ni las cinco, que solamente aqui pongo por hallarlas en el Manuscripto, que casi todo és de Poemas suyos, le pueden adquirir mayor fama, que la adquirida por lo impresso. Y quien sobre todos estes fundamentos tuviere para si que yo me engaño en este juizio, tenga en hora buena por de Diego Bernardes todo lo que yo tengo por de Luis de Camões: y no quiera mudarme de mi parecer, pues yo no le vedo el suyo.

Ni és solo Diego Bernardes el que yo creo se aprovechò de las Obras de mi Poeta, viendolas andar perdidas por su muerte. Ahi arriba acabè de dizir, que en mis manos se avia perdido una, y és deste modo. Mi Abuelo Estacio de Faria concorriò con Luis de Camões en tiempo, y fue su amigo en Lisboa, despues que el vino de la India. O yá porque poco antes de la enfermedad de que muriò, le ubiesse fiado aquel libro que compuso, intitulado «Parnaso de Luis de Camões;» ò yá porque despues desso le veniesse a las manos,

entre las cosas que del, por su muerte quedaron a mi madre, avia algunos papeles y libros, y entre ellos un Manuscripto de prosas y versos; Obra que yo tuve por de mi Abuelo, por aver el sido de grande ingenio; hasta que en una de las Decadas de Diego de Couto hallé escripto, que Camões avia hecho aquel libro, y que haziendo el mismo Couto en Lisboa mucha diligencia, despues de fallecido el Camões, por alcançarle, no le avia sido possible. Desde entonces tuve para mi que este libro (no era grande en tomo) era aquel, porque acordandome aun de algunas clausulas, hallava en ellas el aliento de Luis de Camões. Al tiempo que empecè a estudiar, que fue por los años de 1600., y los onze de mi edad, me cogiò este libro un moço, que luego se fue a estudiar en Coimbra, aonde entonces florecia Francisco Rodrigues Lobo, que entonces publicó su libro intitulado *Primavera*, que consta de prosas y versos, y siempre me pareciò que en el avia algunas cosas de las que estavan en aquel libro. Mas porque yo no vi este de

Lobo luego quando salio, tiempo en que de essotro teria algo en la memoria, sinò mucho despues, quando ya no la tenia del, no pude assegurarme bien : però imagino que unas otavas, que alli tiene Lobo, luego al principio, a que llama la Historia de Sileno, estavan en aquel libro; y tambien unas coplillas, que estan antes della; y tambien una Cancion, que se vè a la entrada de la Floresta sexta. Las otavas empieçan assi :

Sileno sou, que em fonte convertido,
Vou regando a verdura deste prado:
Nas ribeiras do Lena fui nascido,
E nas do Lis guardava manso gado:
Amor, de quem vivi mais esquecido,
Com transformar-me assi ficou vingado:
Que foi para este mal, que me condena,
Homecida na culpa, algoz da pena.

Dos cosas ay en esta primera Estancia, de aquellas que son 22., mui proprias de Camões : una és dizir, que viviendo libre de amor fue preso del en gran manera; y esto dize de si con gran ponderacion algunas vezes mi

P., como se puede ver en algunos Sonetos de los suyos; y en la Est. 2. de la Cancion septima, y tambien en la Egloga segunda. Otra lo que dize en estos dos ultimos versos, que totalmente és lo que mi Poeta dize de si, en otros dos, con que fenece la Est. 2. de la Cancion 2. assi:

Saibam que o mesmo amor, que me condena,
Me fez cahir na culpa, e mais na pena.

Las coplillas empieçan assi:

Quem poz seu cuidado
Em Pastora loura,
Nem veja a Lavoura,
Nem sirva o arado, etc.

Y aunque ellas no sean cosa grande, porque esta suerte de composicion no dá mucho de si, no dexan de tener lances parecidos a los de Camões. La Cancion empieça:

Qual o cervo ferido
Da venenosa sétta atormentado,
Ligeiro corre o monte, e a espessura, etc.

Y aunque el Lobo en sus escriptos tiene algunas Canciones, ninguna iguala a esta. Las tres primeras Estancias contienen tres comparaciones : la primera del ciervo; la segunda de la mariposa; la tercera de un niño; y estas son proprias de mi Poeta. Es la Cancion al assunto de ser vencido de la hermosura de una Dama, vista en el campo : y a este mismo és la Cancion 7. de mi Poeta. Fenece una Estancia desta Cancion de Lobo con esto :

Se se foi taõ asinha
Por levar como roubo huma alma alhea,
E de furtos se arrea;
Ah naõ ma restitua,
Que eu confessarei logo, que era sua.

Y además de ser este estylo tan proprio de mi P. és suyo esse pensamiento, de que aunque la amada le robò la alma, no quiere pedirsela : en la Egloga 8.

Dar-te-hei minha alma : lá ma tẽes roubada.
Naõ te condemnarei, etc.

Contiene la Estancia seguinte, que fue sueño

aquella vista : y destos sueños de ver a su querida ay muchos en mi P. Alfin pudiera hazer en los escriptos de Lobo muchas observaciones destas ; però dexolas, porque en unos mismos pensamientos pueden concorrir los Poetas sin verse, y porque no me asseguro : però assegurome, que en todas las Obras de Lobo no ay Poemas que igualen a esta Cancion, ya aquellas otavas; y que en ella, y ellas, ay mucho de los modos de dizir de mi Poeta. Y de hurtos baste esto.

ECLOGAS.

ECLOGA I.

INTERLOCUTORES.

UMBRANO, FRONDELIO, AONIA.

Que grande variedade vaõ fazendo,
Frondelio amigo, as horas apressadas!
Como se vaõ as cousas convertendo
Em outras cousas várias, e insperadas!
Hum dia a outro dia vai trazendo
Por suas mesmas horas já ordenadas:
Mas quaõ conformes saõ na quantidade,
Taõ differentes saõ na calidade.
Eu vi já deste campo as varias flores
A's Estrellas do Ceo fazendo inveja:
Adornados andar vi os Pastores
De quanto por Mundo se deseja:
E vi co' o campo competir nas cores

Os trajes de obra tanta, e taõ sobeja,
Que se a rica materia naõ faltava,
A obra de mais rica sobejava.

E vi perder seu preço ás brancas rosas,
E quasi escurecer-se o claro dia
Diante de humas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunca engrandecia.
As Pastoras, em fim, vi taõ formosas,
Que o amor de si mesmo se temia:
Mas mais temia o pensamento falto
De naõ ser para ter temor taõ alto.

Agora tudo está taõ differente:
Que move os corações a grande espanto;
E parece que Jupiter potente
Se enfada já de o Mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo, e descontente,
As aves deixam seu suave canto:
E o gado, inda que a herva lhe fallece,
Mais que da falta della se emmagrece.

FRONDELIO.

Umbrano irmão, decreto he da natura,
Inviolavel, fixo, e sempiterno,
Que a todo bem succeda desventura,
E naõ haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao suave Veraõ o duro Inverno;
E se ha cousa que saiba ter firmeza,
He sómente esta lei da natureza.

Toda alegria grande, e sumptuosa,
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se hum'hora vejo alegre, e deleitosa,
Temendo a estou do mal apparelhado.
Naõ vês que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco, e verde prado?
Ah naõ te engane algum contentamento,
Que mais estavel he que o pensamento!

E praza a Deos que o triste, e duro fado
De tamanhos desastres se contente;
Que sempre hum grande mal inopinado
He mais do que o espera a incauta gente.
Que vejo este carvalho que queimado
Taõ gravemente foi do raio ardente.
Naõ seja ora prodigio que declare
Que o barbaro cultor meus campos are.

UMBRANO.

Em quanto do seguro azambujeiro
Nos Pastores de Luso houver cajados,
Com o valor antiguo, que primeiro
Os fez no Mundo taõ assignalados;
Naõ temas tu, Frondelio companheiro,
Que em algum tempo sejam sobjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offreça.

E postoque a soberba se levante
De inimigos a torto, e a direito,
Naõ crêas tu que a força repugnante

Do fero, e nunca já vencido peito;
Que desde quem possue o monte Atlante,
Adonde bebe o Hydaspe tem sogeito,
O possa nunca ser de força alhêa,
Em quanto o Sol a terra, e o Ceo rodêa.

FRONDELIO.

Umbrano, a temeraria segurança
Que em força, ou em razaõ, naõ se assegura,
He falsa, e vãa, que a grande confiança
Naõ he sempre ajudada da ventura.
Que lá junto das aras da esperança,
Nemesis moderada, justa, e dura,
Hum freo lhe está pondo, e lei terribil,
Que os limites naõ passe de possibil.

E se attentares bem os grandes danos
Que se nos vaõ monstrando cada dia,
Porás freo tambem a esses enganos
Que te está figurando a ousadia.
Tu naõ vês como os lobos Tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matam os cães do gado guardadores,
E naõ sómente os cães, mas os Pastores?

Pois o grande curral, seguro, e forte,
Do alto monte Atlas naõ ouviste
Que com sanguinolenta, e fera morte,
Despovoado foi por caso triste?
Oh triste caso! Oh desastrada sorte!
Contra quem força humana naõ resiste:

Que alli tambem da vida foi privado
O meu Tionio, ainda em flor cortado!

UMBRANO.

Em lagrimas me banha rosto, e peito,
De esse caso terrivel a memoria,
Quando vejo quaõ sabio, e quaõ perfeito,
E quaõ merecedor de longa historia
Era esse teu Pastor, que sem direito
Deo ás Parcas a vida transitoria:
Mas naõ ha hi quem de herva o gado farte,
Nem de juvenil sangue o fero Marte.

Porém, se te naõ for muito pezado,
(Já que esta triste morte me lembraste)
Canta-me desse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste,
Quando hontem, recolhendo o manso gado,
De nós-outros Pastores te apartaste:
Que eu tambem que as ovelhas recolhia,
Naõ te podia ouvir como queria.

FRONDELIO.

Como queres renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes saõ he falsa cura.
Mas, pois, te move tanto o sentimento
Da morte de Tionio, triste, e escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dor me naõ congela a voz no peito.

UMBRANO.

Canta agora, Pastor, que o gado pace
Entre as humidas hervas socegado;
E lá nas altas serras onde nace
O sacro Tejo á sombra recostado,
Co' os seus olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir apparelhado;
E com silencio triste estaõ as Nymphas,
Dos olhos destillando claras lymphas.

O prado as flores brancas, e vermelhas,
Está suavemente presentando,
As doces, e solicitas abelhas,
Com susurro agradavel vaõ voando:
As candidas, pacificas ovelhas,
Das hervas esquecidas, inclinando
As cabeças estaõ ao som divino
Que faz passando o Tejo crystallino.

O vento de entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio:
Nas sombras a ave gárrula suspira,
Sua mágoa espalhando ao vento frio.
Toca, Frondelio, toca a doce lira,
Que de aquelle verde álamo sombrio
A branda Philomela entristecida
Ao mais saudoso canto te convida.

FRONDELIO.

Aquelle dia as aguas naõ gostáram
As mimosas ovelhas; e os cordeiros

O campo enchêram de amorosos gritos.
E naõ se pendurâram dos salgueiros
As cabras de tristeza, mas negáram
O pasto a si, e o leite aos cabritos.
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste.
E tu tambem (ó corvo) o descobriste,
Quando da mão direita em voz escura,
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.
Tionio meu, o Tejo crystallino,
E as arvores que já desamparaste,
Choram o mal de tua ausencia eterna.
Naõ sei porque taõ cedo nos deixaste?
Mas foi consentimento do Destino,
Por quem o mar, e a terra se governa.
A noite sempiterna,
Que tu taõ cedo viste
Cruel, acerba, e triste,
Sequer de tua idade naõ te dera
Que lográras a fresca Primavera?
Naõ usára comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.
Os Faunos, certa guarda dos Pastores,
Já naõ seguem as Nymphas na espessura,

Nem as Nymphas aos cervos daõ trabalho.
Tndo, qual vês, he cheo de tristura:
A's abelhas o campo nega as flores,
Como ás flores a Aurora nega o orvalho.
Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que soia
Mover as altas arvores tangendo,
Se me vai de tristeza enrouquecendo;
Que tudo vejo triste neste monte:
E tu tambem correndo
Manas envolta, e triste, ó clara fonte.
As Tagides no rio, e na aspereza
Do monte as Orcadas, conhecendo
Quem te obrigou ao duro, e fero Marte;
Como em géral sentença vaõ dizendo,
Que naõ póde no Mundo haver tristeza
Em cuja causa amor naõ tenha parte.
Porque elle, em fim, desta arte,
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
E no rosto que amor com phantasia
Da pallida vióla lhe tingia,
A todos de si dava signal eerto
Do fogo que trazia.
Que nunca soube amor ser encoberto.
Já diante dos olhos lhe voavam
Imagẽes, e phantasticas pinturas,

Exercicios do falso pensamento.
Já por as solitarias espessuras,
Entre os penedos sós, que naõ fallavam,
Fallava, e descobria seu tormento.
Em longo esquecimento
De si todo embebido,
Andava taõ perdido,
Que quando algum Pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava;
Como quem para penas só vivia,
Sorrindo, lhe tornava:
Senaõ vivesse triste morreria.
Mas como este tormento o signalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendendo-o já bem o Pai sisudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou,
Porque, em fim, longa ausencia acaba tudo.
Oh falso Marte rudo,
Das vidas cobiçoso!
Que donde o generoso
Peito ressuscitava em tanta gloria
De seus Antecessores a memoria,
Alli, fero e cruel, lhe destruiste,
Por injusta victoria,
Primeiro que o cuidado, a vida triste.
Parece-me, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso

Naquelle infido sangue Mauritano,
No Hispanico ginete bellicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo
De atropellar por terra ao Tingitano.
Oh confiado engano!
Oh encurtada vida!
Que a virtude opprimida
Da multidaõ forçosa do inimigo
Naõ pôde defender-se do perigo:
Porque assi o Destino o permittio;
E assi levou comsigo
O mais gentil Pastor que o Tejo vio.
Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da soberba, e dura guerra,
Do cristallino rosto a côr mudando,
Cujo purpureo sangue derramado
Por as alvas espaldas tinge a serra;
Que como flor, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina lánguido, e cansado;
Tal te pinto, ó Tionio, dando o esprito
A quem to tinha dado;
Que este he sómente eterno, e infinito.
Da congelada boca a alma pura,
Co' o nome juntamente da inimiga

E excellente Marfida derramava.
E tu, gentil Senhora, naõ te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sómente a vida amava?
Por ti aos ecos dava
Accentos numerosos:
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deo do fero Marte.
E tu, ingrata, o amor já n'outra parte
Porás, como acontece ao fraco intento:
Que, em fim, em fim, desta arte
Se muda o feminino pensamento.
Pastores deste valle ameno, e frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se conte;
Hum Tumulo, de flores adornado
Lhe edificai ao longo deste rio,
Que a véla enfrêe ao duro navegante:
E o lasso caminhante,
Vendo tamanha mágoa,
Arraze os olhos de agoa,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi: *Memoria sou, que grito*
Para dar testimunho em toda parte
Do mais gentil Esprito
Que tiráram do Mundo Amor, e Marte.

UMBRANO.

Qual o quieto somno aos cansados

Debaixo de algum'arvore sombria;
Ou qual aos sequiosos encalmados
O vento respirante, e a fonte fria;
Taes me foram teus versos delicados,
Teu numeroso canto, e melodia:
E ainda agora o tom suave, e brando,
Os ouvidos me fica adormentando.
Em quanto os peixes humidos tiverem
As areosas covas deste rio,
E correndo estas aguas conhecerem
Do largo mar o antiguo Senhorio;
E em quanto estas hervinhas pasto derem
A's petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viva o Pastor que tanto amaste.
Mas já que pouco a pouco o Sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentam,
De flores mil o claro Ceo se esmalta,
Que taõ lédas aos olhos se presentam;
Levemos por o pé desta serra alta
Os gados, que já agora se contentam
Do que comido tem, Frondelio amigo:
Anda, que até o outeiro irei comtigo.

FRONDELIO.

Antes por este valle, amigo Umbrano,
Se te aprouver, levemos as ovelhas:
Porque se eu por acerto naõ me engano,
De lá me sôa hum eco nas orelhas.

O doce accento naõ parece humano:
E, se em contrário tu naõ me aconselhas,
Eu quero descobrir que cousa seja;
Que o tom me espanta, e a voz me faz inveja.

UMBRANO.

Comtigo vou, que quanto mais me chego,
Mais gentil me parece a voz que ouviste;
Peregrina, excellente; e naõ te nego
Que me faz cá no peito a alma triste.
Vês como tem os ventos em socego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste:
Nenhum passaro vôa, mas parece
Que do canto vencido lhe obedece.

Porém, irmão, melhor me parecia
Que naõ fôssemos lá, que estorvaremos:
Mas sobidos nesta arvore sombria,
Todo o valle de aqui descobriremos.
Os çurrões, e cajados, todavia,
Neste comprido tronco penduremos:
Para subir fica homem mais ligeiro.
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro.

FRONDELIO.

Espera assi, dar-te-hei de pé, se queres;
Subirás sem trabalho, e sem ruido;
E despois que subido lá estiveres,
Dar-me-has a mão de cima, que he partido.
Mas primeiro me dize, se o puderes
Ver, donde nasce o canto nunca ouvido;

Quem lança o doce accento delicado.
Falla; que já te vejo estar pasmado.

UMBRANO.

Cousas naõ costumadas na espessura,
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora.
Formosas Nymphas vejo na verdura,
Cujo divino gesto o Ceo namora.
Huma de desusada formosura,
Que das outras parece ser Senhora,
Sobre hum triste sepulchro, naõ cessando,
Está perlas dos olhos destillando.

De todas estas altas semidéas,
Que em torno estaõ do corpo sepultado,
Humas, regando as humidas aréas,
De flores tem o Tumulo adornado:
Outras, queimando lagrimas Sabéas,
Enchem o ar de cheiro sublimado:
Outras em ricos pannos, mais avante,
Envolvem brandamente hum novo infante.

Huma, que de entre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristecêram,
Diz, que despois que a morte a flor cortou,
Que as estrellas sómente merecêram;
Este penhor charissimo ficou
De aquelle, a cujo imperio obedecêram
Douro, Mondego, Tejo, e Guadiana,
Até o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que se encontrar este menino

A noite intempestiva, amanhecendo,
O Tejo agora claro, e crystallino,
Tornará a fera Alecto em vulto horrendo:
Mas que, a ser conservado do Destino,
As benignas estrellas promettendo
Lhe estaõ o largo pasto de Ampelusa,
Co' o monte, que em máo ponto vio Medusa.
Este prodigio grande Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita.
Porém, qual a eclipsada clara estrella,
Que entre as outras o Ceo primeiro habita,
Tal coberta de negro vejo aquella,
A quem só na alma toca a grão desdita.
Dá cá, Frondelio, a mão; e sobe a ver
Tudo o mais que eu de dor naõ sei dizer.

FRONDELIO.

Oh triste morte, esquiva, e mal olhada,
Que a tantas formosuras injurías!
A'quella deosa bella, e delicada,
Sequer algum respeito ter devias.
Esta he, por certo, Aonia filha amada
De aquelle grão Pastor, que em nossos dias
Danubio enfrèa; manda o claro Ibero;
E espanta o morador do Euxino fero.
Morreo-nos o excellente, e poderoso,
(Que a isto está sujeita a vida humana)
Doce Aonio, de Aonia charo Esposo.
Ah lei dos fados, aspera, e tyrana!

Mas o som peregrino, e piedoso,
Com que a formosa Nympha a dor engana,
Escuta hum pouco. Nota, e vê, Umbrano,
Quaõ bem que sôa o verso Castelhano.

AONIA.

Alma, y primero amor del alma mia,
Espiritu dichoso, en cuya vida
La mia estuvo en quanto Dios queria!
Sombra gentil de su prision salida,
Que del Mundo a la Patria te bolviste,
Donde fuiste engendrada, y procedida!
Recibe allá este sacrificio triste,
Que te offrecen los ojos que te vieron,
Si la memoria dellos no perdiste.
Que pues los altos Cielos permitieron,
Que no te acompañasse en tal jornada,
Y para ornarse solo a ti quisieron;
Nunca permitirán, que acompañada
De mi no sea esta memoria tuya,
Que está de tus despojos adornada.
Ni dexarán, por màs que el tiempo huya
De estar en mi con sempiterno llanto,
Asta que vida y alma se destruya.
Mas tu, gentil Espiritu, entretanto
Que outros campos y flores vás pisando,
Y otras zampoñas oyes, y outro canto:
Agora embevecido estés mirando
Allá en el Empyreo aquella Idea,

Que el Mundo enfrena, y rige con su mando:
  Agora te possuya Citherea
En el tercero assiento, o porque amaste,
O porque nueva amante allá te sea:
  Agora el Sol te admire, si miraste
Como vá por los Signos encendido,
Las tierras alumbrando, que dexaste:
  Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mi, o fue en tu mano
No passar por las aguas del olvido:
  Buelve un poco los ojos a este llano,
Verás una, que a ti con triste lloro
Sobre este marmol sordo llama en vano.
  Pero si entraren en los Signos de oro,
Lagrimas, y gemidos amorosos,
Que muevan el supremo y santo Coro;
  La lumbre de tus ojos tan hermosos
Yo la veré muy presto; y podré verte.
Que a pesar de los hados enojosos
Tambiem para los tristes ubo muerte.

ECLOGA II.

INTERLOCUTORES.

ALMENO, E AGRARIO.

Ao longo do sereno
Tejo, suave, e brando,

N'hum valle de altas arvores sombrio,
Estava o triste Almeno,
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentára a vida tantos anos
N'huma amorosa, e branda confiança.
Que quem tanto queria,
Parece, que naõ erra, se confia.
A noite escura dava
Repouso aos cansados
Animaes esquecidos da verdura;
O valle triste estava
Co' hũus ramos carregados,
Que inda a noite faziam mais escura.
Offrecia a espessura
Hum temeroso espanto:
As roucas rãas soavam
N'hum charco de agua negra, e ajudavam
Do passaro nocturno o triste canto;
O Tejo com som grave
Corria mais medonho que suave.
Como toda a tristeza
No silencio consiste,
Parecia que o valle estava mudo;
E com esta graveza

Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena,
Para poder soffrella,
Estar imaginando a causa della:
Que em tanto mal he cura bem pequena:
Maior o he o tormento,
Que toma por allívio hum pensamento.
Ao rio se queixava
Com lagrimas em fio,
Com que as ondas cresciam outro tanto:
Seu doce canto dava
Tristes aguas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto.
Ao sonoroso pranto,
Que as aguas enfreava,
Responde o valle umbroso:
De tanta voz o accento temeroso
Na outra parte do rio retumbava,
Quando da phantasia
O silencio rompendo, assi dizia:
Corre suave, e brando,
Com tuas claras agoas,
Sahidas de meus olhos, doce Tejo;
Fé de meus males dando,
Para que minhas mágoas
Sejam castigo igual de meu desejo:

Que, pois, em mim naõ vejo
Remedio, nem o espero;
E a morte se despreza
De me matar, deixando-me á crueza
De aquella por quem meu tormento quero;
Saiba o Mundo meu dano,
Porque se desengane em meu engano.
  Já que minha ventura,
Ou a causa que a ordena,
Quer que em pago da dor tome o soffrella;
Será mais certa cura
Para tamanha pena
Desesperar de haver já cura nella:
Porque se minha estrella
Causou tal esquivança,
Consinta meu cuidado,
Que me farte de ser desesperado,
Para desenganar minha esperança:
Pois sómente nasci
Para viver na morte, e ella em mi.
  Naõ cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Pois aqui tem hum'alma ao jugo atada:
Nem falte o soffrimento,
Porque parece vicio
Para taõ doce mal faltar-me nada.
Oh Nympha delicada,
Honra da natureza!

Como pôde isto ser,
Que de taõ peregrino parecer
Pudesse proceder tanta crueza?
Naõ vem de nenhum geito
De causa divinal contrário effeito.
Pois como pena tanta
He contra a causa della?
Fóra he de natural minha tristeza.
Mas a mi que me espanta?
Naõ basta (ó Nympha bella)
Que podes perverter a natureza?
Naõ he a gentileza
De teu gesto celeste
Fóra do natural?
Naõ pôde a natureza fazer tal.
Tu mesma (ó bella Nympha) te fizeste.
Porém, porque tomaste
Taõ dura condiçaõ, se te formaste?
Por ti o alegre prado
Me he penoso, e duro,
Abrolhos me parecem suas flores:
Por ti do manso gado,
Como de mi, naõ curo
Por naõ fazer offensa a teus amores.
Os jogos dos Pastores,
As lutas entre a rama,
Nada me faz contente:
E sou já do que fui tanto differente,

Que quando por meu nome alguem me chama;
Pasmo, porque conheço,
Que inda comigo proprio me pareço.
O gado, que apascento,
Saõ na alma os meus cuidados;
As flores, que no campo sempre vejo,
Saõ no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com que estou enganando o meu desejo.
Do frio, e doce Tejo
As aguas se tornam
Ardentes, e salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturáram;
Como quando mistura
Hyppanis co' o Exampéo sua agua pura.
Se ahi no Mundo houvesse
Ouvires-me algum'hora,
Assentados na praia deste rio;
E de arte te dissesse
O mal, que passo agora,
Que pudesse mover-te o peito frio.
Oh quanto desvario,
Que estou imaginando!
Já agora meu tormento
Naõ póde pedir mais ao pensamento,
Que este phantasiar, donde penando
A vida me reserva.

Querer mais de meu mal será soberba.
  Já a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto
Da sombra, que as montanhas encobria.
Descansa, frauta, agora,
Pois meu escuro canto
Naõ merece que veja o claro dia.
Naõ canse a phantasia
De estar em si pintando
O gesto delicado,
Em quanto traz ao pasto o manso gado
Esse Pastor, que lá só vem fallando.
Callar-me-hei sómente;
Que o meu mal nem ouvir se me consente.

AGRARIO.

  Formosa manhãa clara, e deleitosa,
Que como fresca rosa na verdura
Te mostras bella, e pura, marchetando
As Nymphas, espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos; tu só fazes,
Quando a sombra desfazes triste, e escura,
Formosa a espessura, e a clara fonte,
Formoso o alto monte, e o rochedo,
Formoso o arvoredo, e deleitoso,
E, em fim tudo formoso co' o teu rosto,
De ouro, e rosas composto, e claridade,
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando em hum momento o roxo dia,

Com a doce harmonia nos cantares
Dos passaros a pares, que voando
Seu pasto andam buscando nos raminhos,
Para os amados ninhos que mantém.
Oh grande, e summo bem da natureza!
Estranha subtileza de pintora,
Que matiza em hum'hora, de mil cores,
O Ceo, a terra, as flores, monte, e prado!
Oh tempo já passado! Quaõ presente
Te vejo abertamente na vontade!
Quaõ grande saudade tenho agora
Do tempo que a Pastora minha amava,
E de quanto prezava a minha dor!
Entaõ tinha o amor maior poder,
Quando em hum só querer nos igualava:
Porque quando hum amava a quem queria,
Logo eco respondia de affeiçaõ
No brando coraçaõ da doce imiga.
Nesta amorosa liga concertavam
Os tempos, que passavam com prazeres.
Mostrava a flava Ceres por as eiras
Das brancas sementeiras lêdo fruto,
Pagando seu tributo aos Lavradores:
E enchia aos Pastores todo o prado
Pales do manso gado guardadora:
Hiam Zéphyro, e Flora passeando,
Os campos esmaltando de boninas.
Nas fontes cristallinas triste estava

Narciso, que inda olhava na agua pura
Sua linda figura, e delicada:
Mas Eco namorada de tal gesto,
Com pranto manifesto, seu tormento
No derradeiro accento lamentava.
Alli tambem se achava o sangue tinto
Do purpureo jacintho; e o destroço
De Adonis bello moço; morte fea
Da bella Cytheréa taõ chorada;
Toda a terra esmaltada destas rosas.
Hiam Nymphas formosas por os prados;
E os Faunos namorados apoz ellas,
Mostrando-lhes capellas de mil cores,
Adornadas das flores que colhiam:
As Nymphas lhe fugiam espantadas,
As faldas levantadas por os montes.
Via-se a agua das fontes espalhar-se;
Verumno transformar-se alli se via;
Pomona, que trazia os doces fruitos:
Alli Pastores muitos, que tangiam
Gaitas, que bem se ouviam, e cantando
Estavam enganando as suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio.
Ouvia-se Salicio lamentar-se;
Da mudança queixar-se crua, e fea,
Da dura Galathéa, taõ formosa:
E da morte invejosa Nemoroso
Ao monte cavernoso se querella,

Que a sua Elisa bella em pouco espaço
Cortou inda em agraço. Ah dura sorte!
Oh immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tem já mais perdoas!
Mas tu, tempo, que voas apressado,
Hum deleitoso estado quaõ asinha
Nesta vida mesquinha transfiguras
Em mil desaventuras, e a lembrança
Nos deixas por herança do que levas!
Assi que se nos cevas com prazeres,
He para nos comeres no melhor.
Cada vez em peor te vás mudando
Quanto vẽes inventando, que hoje approvas,
Logo á manhãa reprovas com instancia.
Oh preversa inconstancia, e taõ profana,
De toda cousa humana, inferior,
A quem o cego error sempre anda annexo!
Mas eu de que me queixo? Ou eu que digo?
Vive o tempo comigo? Ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende
Aquillo que defende o ser divino?
Elle usa de contino seu officio,
Que já por exercicio lhe he devido:
Dá-nos fructo colhido na sazaõ
Do formoso Veraõ; e no Inverno;
Com seu humor eterno congelado
Do vapor levantado co' a quentura

Do Sol, a terra dura lhe dá alento,
Para que o mantimento produzindo
Estê sempre cumprindo seu costume:
Assi que naõ consume de si nada,
Nem muda da passada vida hum dedo:
Antes sempre está quedo no devido,
Porque este he seu partido, e sua usança;
E nelle esta mudança he mais firmeza.
Mas quem a Lei despreza, e pouco estima,
De quem de lá de cima está movendo
O Ceo sublime, e horrendo, o Mundo puro,
Este muda o seguro, e firme estado
Do tempo naõ mudado da verdade.
Naõ foi naquella idade de ouro claro,
O firme tempo charo, e excellente?
Vivia entaõ a gente moderada;
Sem ser a terra arada dava pão;
Sem ser cavado o chão as fructas dava;
Nem agũas desejava, nem quentura;
Suppria entaõ natura o necessario.
Pois quem foi taõ contrário a esta vida?
Saturno, que perdida a luz serena,
Causou, que em dura pena desterrado,
Fosse do Ceo lançado, onde vivia;
Porque os filhos comia, que gerava.
Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal: e assi descendo
Nos veio, em fim, trazendo a este estado.

Mas eu, desatinado, aonde vou?
Para onde me levou a phantasia,
Que estou gastando o dia em váas palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando
Ao Tejo claro, e brando; porque achar
No Mundo que emendar, naõ he de agora.
Basta que a vida fóra delle tenho;
Com meu gado me avenho, e estou contente.
Porém, se me naõ mente a vista, eu vejo
Nesta praia do Tejo estar deitado
Almeno, que elevado em pensamentos,
As horas, e os momentos vai gastando:
Vou-me a elle chegando, só por ver
Se poderei fazer, que o mal que sente,
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

ALMENO.

Oh doce pensamento! Oh doce gloria!
Saõ estes, por ventura, os olhos bellos,
Que tem de meus sentidos a victoria?
Saõ estas (Nympha) as tranças dos cabellos,
Que fazem de seu preço o ouro alheo,
Como a mi de mi mesmo só com vellos?
He esta a alva columna, o lindo esteo,
Sustentador das obras mais que humanas,
Que eu nestes braços tenho, e naõ o creo?
Ah falso pensamento, que me enganas!
Fazes-me pôr a boca, onde naõ devo,
Com palavras de doudo, ou quasi insanas!

Como a alçar-te taõ alto assi me atrevo!.
Taes azas dou-tas eu, ou tu mas dás?
Levas me tu a mi, ou eu te levo?
Naõ poderei eu ir onde tu vás?
Porém, pois ir naõ posso onde tu fores,
Quando fores, naõ tornes onde estás.

AGRARIO.

Oh que triste successo foi de amores,
O que a este Pastor aconteceo,
Segundo ouvi contar a outros Pastores!
Tanto, em fim, por seu dano se perdeo,
Que o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino amor lho converteo.
Oh forçoso vigor do pensamento,
Que pôde em outra cousa estar mudando
A fórma, a vida, o siso, o entendimento.
Está-se hum triste amante transformando
Na vontade de aquella, que tanto ama,
De si a propria essencia transportando.
E nenhuma outra cousa mais desama,
Que a si, se vê que em si ha algum sentido,
Que deste fogo insano naõ se inflama.
Almeno, que aqui está taõ influido
No phantastico sonho, que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido.
Está-se-lhe pintando, de elevado,
Que tem já da phantastica Pastora
O peito diamantino mitigado.

Em este doce engano estava agora
Fallando como em sonho, mas achando
Ser vento o que sonhava, grita, e chora.
Desta arte andavam sonhos enganando
O Pastor somnolento, que a Diana
Andava entre as ovelhas celebrando.
Desta arte a nuvem falsa em fórma humana,
O vão Pai dos Centauros enganava.
Que amor quando contenta: sempre engana.
Como este, que comsigo só fallava,
Cuidando que fallava, de enleado,
Com quem lhe o pensamento figurava.
Naõ póde quem quer muito, ser culpado
Em nenhum erro, quando vem a ser
Este amor em doudice transformado.
Amor naõ será amor, senaõ vier
Com doudices, deshonras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer, e desprazer,
Perigos, linguas más, murmurações,
Ciumes, arruidos, competencias,
Temores, nojos, mortes, perdições.
Estas saõ verdadeiras penitencias
De quem põe o desejo onde naõ deve,
De quem engana alheas innocencias.
Mas isto tem o amor, que naõ se escreve
Sénaõ donde he illicito, e custoso;
E donde he mais o risco mais se atreve.
Passava o tẽpo alegre, e deleitoso,

O Troiano Pastor, em quanto andava
Sem ter alto desejo, e perigoso.
  Seus furiosos touros coroava,
E nos álamos altos escrevia
Teu nome (Enone) quando a ti só amava.
  Os álamos cresciam, e crescia
O amor que elle te tinha: sem perigo,
E sem temor, contente te servia.
  Mas despois que deixou entrar comsigo
Illicito desejo, e pensamento,
De sua quietaçaõ taõ inimigo;
  A toda a Patria poz em detrimento,
Com mortes de parentes, e de irmãos;
Com crú incendio, e grande perdimento.
  Nisto fenecem pensamentos vãos,
Tristes serviços mal galardoados,
Cuja gloria se passa de entre as mãos.
  Lagrimas, e suspiros arrancados
Da alma, todos se pagam com enganos;
E oxalá foram muitos enganados!
  Andam com seu tormento taõ ufanos,
Que gastam na doçura de hum cuidado,
Apoz huma esperança muitos anos.
  E tal ha taõ perdido namorado,
Taõ contente co' o pouco, que daria
Por hum só volver de olhos todo o gado.
  Em todo povoado, e companhia,
Sendo ausentes de si, se vem presentes

Com quem lhes pinta sempre a phantasia.
Co' hũ certo naõ sei que, andam contentes,
E logo hum nada os torna ao contrário;
De todo ser humano differentes.
Oh tyrannico amor, oh caso vario,
Que obrigas a hum querer, que sempre seja
De si contínuo, e aspero adversario!
E que outr'hora nenhuma alegre esteja,
Senaõ quando do seu despojo amado
Sua inimiga estar triumphando veja.
Quero fallar com este, que enredado
Nesta cegueira está sem nenhum tento.
Acorda já, Pastor desacordado.

ALMENO.

Oh porque me tiraste hum pensamento,
Que agora estava os olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce mantimento?

AGRARIO.

Nesta imaginaçaõ estás gastando
O tempo, e vida, Almeno? Perda grande!
Naõ vês quaõ mal os dias vás passando?

ALMENO.

Formosos olhos, ande a gente, e ande;
Que nunca vos ireis desta alma minha,
Por mais que o tempo corra, a morte o mande.

AGRARIO.

Quem poderá cuidar, que taõ asinha
Se perca o curso assi do siso humano,

Que corre por direita, e justa linha?
Que sejas taõ perdido por teu dano,
Almeno meu, naõ he por certo, aviso;
He só doudice grande, grande engano.

ALMENO.

O' agrario meu, que vendo o doce riso,
E o rosto taõ formoso, como esquivo,
O menos que perdi foi todo o siso.
E naõ entendo, desque sou captivo,
Outra cousa de mi, senaõ que mouro:
Nem isto entendo bem, pois inda vivo.
A' sombra deste umbroso, e verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louvores dos cabellos de ouro.
Se perguntares porque saõ choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Revolvendo memorias magoadas;
Desque perdi da vida o claro lume,
E perdi a esperança, e causa della,
Naõ chóro por razaõ, mas por costume.
Jámais pude co' o fado ter cautella;
Nem houve nunca em mi contentamento,
Que naõ fosse trocado em dura estrella.
Que bem livre vivia, e bem isento,
Sem que ao jugo me visse submettido
De nenhum amoroso pensamento.
Lembra-me, amigo Agrario, que o sentido
Taõ fóra de amor tinha, que me ria

De quem por elle via andar perdido.
  De várias cores sempre me vestia;
De boninas a fronte coroava;
Nenhum Pastor cantando me vencia.
  A barba entaõ nas faces me apontava;
Na luta, na carreira, em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.
  Da minha idade tenra, em tudo estranha,
Vendo (como acontece) affeiçoadas
Muitas Nymphas do rio, e da montanha;
  Com palavras mimosas, e forjadas
Da solta liberdade, e livre peito,
As trazia contentes, e enganadas.
  Mas naõ querendo amor, que deste geito
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle criou taõ puro affeito;
  Pouco a pouco me foi de mi levando
Dissimuladamente ás mãos, de quem
Toda esta injúria agora está vingando.

AGRARIO.

  Deste teu caso, Almeno, eu sei mui bem
O princípio, e o fim; que Nemoroso
Contado tudo isso, e mais, me tem.
  Mas (quero-to dizer) se este enganoso
Amor he taõ usado a desconcertos,
Que nunca amando fez Pastor ditoso;
  Já que nelle estes casos saõ taõ certos,
Porque os estranhas tanto, que de mágoa

Te choram valles, montes, e desertos?
  Vejo-te estar gastando em viva fragoa,
E juntamente em lagrimas; vencendo
A grão Sicilia em fogo, o Nilo em agoa.
  Vejo que as tuas cabras, naõ querendo
Gostar as verdes hervas, se emmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
  Os campos, que co' o tempo reverdecem,
Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo, parece, se entristecem.
  De todos teus amigos, e parentes,
Que lá da serra vem por consolar-te,
Sentindo na alma a pena, que tu sentes;
  Se querem de teus males apartar-te,
Deixando a choça, e gado vás fugindo,
Como cervo ferido, a outra parte.
  Naõ vês que amor, as vidas consumindo,
Vive só de vontades elevadas
No falso parecer de hum gesto lindo?
  Nem as hervas das aguas desejadas
Se fartam; nem de flores as abelhas;
Nem este amor de lagrimas cansadas.
  Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,
Chorou Phebo de Daphne as esquivanças,
Regando as flores brancas, e vermelhas?
  Quantas vezes as asperas mudanças
O namorado Gallo tem chorado,
De quem o tinha envolto em esperanças?

Estava o triste amante recostado,
Chorando ao pé de hum freixo o triste caso,
Que o falso amor lhe tinha destinado.
Por elle o sacro Pindo, e o grão Parnaso,
Na fonte de Aganippe destillando,
Se faziam de lagrimas hum vaso.
O intonso Apollo o vinha alli culpando,
A sobeja tristeza perigosa
Com asperas palavras reprovando.
Gallo, porque endoudeces? Que a formosa
Nympha, que tanto amaste, descobrindo
Por falsa a fé, que dava, e mentirosa;
Por as Alpinas neves vai seguindo
Outro bem, outro amor, outro desejo;
Como inimiga, em fim, de ti fugindo.
Mas o misero amante, que o sobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fé vergonha, ou pejo;
Da falsifica Nympha naõ sentia
Senaõ que o frio do gelado Rheno
Os delicados pés lhe offenderia.
Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
Que de amor os desastres saõ de sorte,
Que para matar basta o mais pequeno;
Porque naõ pões hum freo a mal taõ forte,
Que em estado te põe, que sendo vivo,
Já naõ se entende em ti, vida, nem morte?

ALMENO.

Agrario; se do gesto fugitivo,
Por caso de fortuna desastrado,
Algum'hora deixar de ser captivo;
  Ou sendo para as Ursas degradado,
Adonde Boreas tem o Oceano
Co' os frios Hyperboreos congelado;
  Ou donde o filho de Climene insano,
Mudando a côr das gentes totalmente,
As terras apartou do trato humano;
  Ou se já por qualquer outro accidente,
Deixar este cuidado taõ ditoso,
Por quem sou de ser triste taõ contente;
  Este rio, que passa deleitoso,
Tornando para traz, irá negando
A' natureza o curso presuroso.
  As cabras por o mar iraõ buscando
Seu pasto; e andar-se-haõ por a espessura
Das hervas os delfijs apascentando.
  Ora se tu vês, na alma quaõ segura
Deste amor tenho a fé, para que insistes
Nesse conselho, e prática taõ dura?
  Se de tua porfia naõ desistes,
Vai repastar teu gado a outra parte;
Que he dura a companhia para os tristes.
  Huma só cousa quero encõmendarte,
Para repouso algum de meu engano,

Antes que o tempo, em fim, de mi te aparte:
  Que se esta fera, que anda em traje humano,
Por a montanha vires ir vagando,
De meu despojo rica, e de meu dano,
  Com os vivos espritos inflammando
O ar, o monte, e a serra, que comsigo
Continuamente leva namorando:
  Se queres contentar-me, como amigo,
Passando, lhe dirás: Gentil Pastora,
Naõ ha no Mundo vicio sem castigo.
  Tornada em duro marmore naõ fora
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto Angelico algum'hora.
  Foi bem justo o castigo rigoroso:
Porém quẽ te ama (Nympha) naõ queria
Nódoa taõ fea em gesto taõ formoso.

AGRARIO.

  Tudo farei, Almeno, e mais faria,
Por algum dia ver-te descansado,
Se se acabam trabalhos algum dia.
  Mas bem vês como Phebo já empinado
Me manda que da calma iniqua, e crua,
Recolha em algum valle o manso gado.
  Tu nessa phantasia falsa, e nua,
Para engano maior de teu perigo,
Naõ queres companhia mais que a sua.
  Vou-me de aqui, e fique Deos comtigo,
E ficarás melhor acompanhado.

ALMENO.

Elle comtigo vá, como comigo
Me fica acompanhando o meu cuidado.

ECLOGA III.

QUE CONTINÚA COM A PASSADA.

INTERLOCUTORES.

ALMENO, E BELISA.

Passado já algum tempo que os amores
De Almeno por seu mal eram passados,
Porque nunca amor cumpre o que promette;
Entre hũus verdes ulmeiros apartado,
Regando por o campo as brancas flores,
Em lagrimas cansadas se derrete:
Quando a linda Pastora, que compete
Co' o monte em aspereza,
Co' o prado em gentileza,
Por quem o Pastor triste endoudecia,
Por a praia do Téjo discorria
A lavar a beatilha, e o trançado:
O Sol já consentia
Que sahisse da sombra o manso gado.
  Já acordado de aquelle pensamento,
Que taõ desacordado sempre o teve;

Vio por acerto o bem, que incerto tinha.
E porque donde amor a mais se atreve,
Alli mais enfraquece o entendimento,
Naõ lhe soube dizer o que convinha.
Como homem que á aprazada briga vinha,
A quem de fóra engana
A confiança humana,
E despois vendo o rosto, a quem resiste,
Treme, e teme o perigo, e naõ insiste;
Já se arrepende, a audacia lhe fallece;
Desta arte o Pastor triste
Ousa, recea, esforça, e enfraquece.

E tendo assi já attonio o sentido,
Cometteo com furor desatinado,
E tirou da fraqueza coraçaõ.
Comettimento foi desesperado:
Que huma só salvaçaõ tem hum perdido,
Perder toda a esperança á salvaçaõ.
As mágoas, que pássáram, se diraõ:
Mas as que ella dizia,
Lembrando-lhe, que via
As aguas murmurar do Tejo amenas,
Remetto a vós, ó Tagides Camenas;
Que eu, de mágoa, naõ posso dizer tanto:
Porque em tamanhas penas
Me cansa a penna, e a dor me impede o canto.

BELISA.

Que alegre campo, e praia deleitosa!

Quaõ saudosa faz esta espessura
A formosura angelica, e serena,
Da tarde amena! Quaõ saudosamente
A sésta ardente abranda, suspirando
De quando em quando o vento alegre, e frio!
No fundo rio os mudos peixes saltam;
Os Ceos se esmaltam todos de ouro, e verde,
E Phebo perde a força da quentura.
Por a espessura levam passeando
O gado brando ao som das çanfoninas,
Pizando as finas, e formosas flores
Os guardadores, que cantando o gesto
Formoso, e honesto, das Pastoras que amam,
Por o ar derramam mil suspiros vãos.
Hum louva as mãos, louva outro os raios bellos,
Outro os cabellos de ouro, em som suave:
E a amorosa ave leva o contraponto.
Mas oh que conto, e saudosa historia,
Que na memoria aqui se me offerece!
Senaõ me esquece já, deste lugar
Ouvi soar os valles algum dia,
E respondia o eco o nome em vaõ
N'hum coraçaõ; Belisa retumbando.
Estou cuidando como o tempo passa,
E quaõ escaça he toda alegre vida:
E quaõ comprida, quando he triste, e dura.
Nesta espessura longo tempo amei;
Se me enganei com quem do peito amava,

Naõ me pezava de ser enganada.
Fui salteada, em fim, de hum pensamento,
Que hum movimento tinha casto, e saõ:
Conversaçaõ foi fonte deste engano,
Que por meu dano entrou com falsa côr:
Porque o amor na Nympha, que he segura,
Entra em figura de vontade honesta.
Mas que me presta agora dar desculpa?
Pois se houve culpa, foi do firme amor,
Só n'hum Pastor, que nunca Sol, nem Lũa,
Ou serra algũa, desde o Ibero ao Indo,
Outro taõ lindo víram, taõ manhoso.
Neste amoroso estado, e fé que tinha
Nesta alma minha taõ secretamente,
Vivi contente, amando, e encobrindo.
Elle fingindo mentirosos danos,
Que saõ enganos que naõ custam nada;
Tendo alcançada já no entendimento
A fé, e intento meu só nelle posto;
(Que logo o rosto mostra os corações,
E as affeições co' os olhos se praticam,
Que mais publicam muito, que palavras)
Com suas cabras sempre á parte vinha,
Onde eu mantinha os olhos do desejo.
Tu manso Tejo, e tu florido prado,
Do mais passado, em fim, que aqui naõ digo,
Sereis, me obrigo, testimunho certo,
Pois descoberto vos foi tudo, e claro.

Oh tempo avaro! Oh sorte nunca igual!
Quaõ grande mal quereis á humana gente!
Porque hum contente estado assi trocastes?
Vós me tirastes do meu peito isento
O pensamento honesto, e repousado,
Já dedicado ao Coro de Diana:
Vós n'huma ufana vida me puzestes,
E alli quizestes que gozasse o dano
Do doce engano, que se chama amor,
Com cujo error passava o tempo lédo:
E vós taõ cedo me tirais hum bem,
Que amor já tem impresso na alma minha,
Despois que a tinha envolta em esperanças;
E com lembranças tristes me deixais.
Mal me pagais a fé que sempre tive:
Mas assi vive quem sem dita nace.
Mas já a face alegre o Sol esconde,
E naõ responde alguem a tantas magoas,
Senaõ as agoas, que dos olhos sahem:
As sombras cahem; vaõ-se as alimarias,
Fartas das várias hervas, seu caminho;
Buscam seu ninho os passaros sem dono;
Já por o sono esquecem o comer;
Quero esquecer tambem taõ doce historia,
Pois he memoria que traz mór cuidado.
Isto he passado; e se me deo paixaõ,
Os dias vaõ gastando o mal, e o bem;
E naõ convém querer-me magoar

Do que emendar naõ posso já com magoas.
Nas claras agoas deste rio brando,
Que vaõ regando o valle matizado,
Este trançado lavar quero, em fim,
Que já de mim me esqueço co' a lembrança
Desta mudança, que esquecer naõ sei:
Bem que eu verei mudar a opiniaõ,
Pois homẽes saõ, a quem o esquecimento
Depressa faz mudar o pensamento.

ALMENO.

Se a vista naõ me engana a phantasia,
Como já me enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me soffria;
Parece-me, que vejo estar lavando
Huma Nympha algum véo no claro Tejo,
Que se me está Belisa figurando.
Naõ póde ser verdade isto que vejo:
Que facilmente aos olhos se figura
Aquillo que se pinta no desejo.
Oh acontecimento, que a ventura
Me dá para mór damno! Esta he, certo:
Que naõ he de outrem tanta formosura.
Se poderei fallar-lhe de mais perto?
Mas fugir-me-ha. Naõ póde ser; que o rio
Para a colá naõ tem caminho aberto.
Oh temor grande! Oh grande desvario!
Que a voz me impede; e a lingua negligente
Assi me está tornando o peito frio!

De quanto me sobeja, estando ausente,
Que para lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta quando estou presente.
Oh aspeito suave, e peregrino!
Pois, como? Taõ asinha assi se esquece
Huma fé verdadeira, hum amor fino?

BELISA.

Oh altas semidéas! Pois padece
Em vosso rio a honra delicada
De quem tamanha força naõ merece:
Ou seja por vós, Nymphas, reservada;
Ou em arvore alguma, ou pedra dura,
Me deixai velozmente transformada.

ALMENO.

Ah Nympha! Naõ te mudes a figura:
Nem vós, deosas, queirais que eu seja parte
De se mudar taõ rara formosura.
Porque a quem falta a voz para fallar-te,
E a quem falta o despejo da ousadia,
Tambem faltaráõ mãos para tocar-te.

BELISA.

Que me queres, Almeno, ou que porfia
Foi a tua taõ aspera comigo?
Minha vontade naõ to merecia.
Se com amor o fazes, eu te digo,
Que amor, que tanto mal me faz em tudo,
Naõ póde ser amor, mas inimigo.
Naõ es tu de saber taõ falto, e rudo,

Que taõ sem siso amasses, como amaste.

ALMENO.

Onde viste tu, Nympha, amor sisudo?
  Porque já naõ te lembra, que folgaste
Com meus tormentos tristes, e algum'hora
Com teus formosos olhos já me olhaste?
  Como te esquece já (gentil Pastora)
Que folgavas de ler nos freixos verdes,
O que de ti escrevia cada hora?
  Porque a memoria taõ á pressa perdes
Do amor, que me mostravas que eu naõ digo,
Se o vós, ó altos montes, naõ disserdes?
  E como te naõ lembras do perigo,
A que só por me ouvir te aventuravas,
Buscando horas de sésta, horas de abrigo?
  Co' a maçãa da discordia me tiravas,
Que a Venus, que a ganhou por formosura,
Tu, como mais formosa, lha ganhavas.
  E escondendo-te logo na espessura,
Hias fugindo, como vergonhosa,
Da namorada, e doce travessura.
  Naõ era esta a maçãa de ouro formosa
Com que encoberta assi de astucia tanta
Cydippe se enganou por cubiçosa.
  Nem a que o curso teve de Atalanta:
Mas era aquella, com que Galathéa
O Pastor captivou, como elle canta.
  Se más tenções puzeram nodoa fea

Em nosso firme amor, de inveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alhea?
Quem desta fé, quem deste amor naõ cura,
Nunca teve sujeito o coraçaõ:
Que o firme amor com a alma eterna dura.

BELISA.

Mal conheces, Almeno, huma affeiçaõ;
Que se eu desse amor tenho esquecimento,
Meus olhos magoados to diraõ.
Mas teu sobejo, e livre atrevimento,
E teu pouco segredo, descuidando,
Foi causa deste longo apartamento.
Vês as Nymphas do Tejo, que mudando
Me vaõ já pouco a pouco o claro gesto
N'outra mais dura fórma traspassando.
Hum só segredo meu te manifesto;
Que te quiz muito em quanto Deos queria;
Mas de pura affeiçaõ, de amor honesto.
E pois de teus descuidos, e ousadia,
Nasceo taõ dura, e aspera mudança,
Fólgo que muitas vezes to dizia.
Fica-te embora, e perde a confiança
De ver-me nunca mais, como já viste:
Que assi se desengana huma esperança.

ALMENO.

Oh duro apartamento! Oh vida triste!
Oh nunca acontecida desventura!
Pois como, Nympha, assi te despediste,

Assi se ha de ir tornando (ah sorte dura!)
Nesta sylvestre, e aspera rudeza,
Taõ branda, e excellente formosura?
Tua nunca entendida gentileza,
E teus membros assi se transformáram,
Negando-se-lhe a propria natureza?
Desta arte os teus cabellos se tornáram
(Deixando já seu preço ao ouro fino)
Em folhas, que a côr tem, do que negáram?
Se este consentimento foi divino,
Consinta-me tambem, que perca a vida,
Antes que a mais me obrigue o desatino.
Pois se a fortuna sempre embravecida
Em meu tormento tanto se desmede,
Naõ viva mais huma alma taõ perdida.
E vós, feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartai já de meu sangue vossa sede.
E vós, Pastores deste rudo outeiro,
Porque a todos, em fim, se manifeste
Que cousa he amor puro, e verdadeiro;
A' sombra deste funebre cypreste
Me fareis hum sepulchro sem arreo
De boninas, que o prado ameno veste.
As desusadas musicas de Orphéo
Aqui me cantareis; e desta sorte
Naõ haverei inveja ao Mausoléo.
E porque a minha cinza se conforte,

Em vossos metros doces, e suaves,
As exequias direis de minha morte.
  Alli responderáõ as altas aves,
Naõ módulas no canto, nem lascivas,
Mas de dor, ora roucas, ora graves.
  Naõ correráõ as aguas fugitivas,
Alegres por aqui, mas saudosas,
Que pareça que vem dos olhos vivas:
  Nasceráõ por as praias deleitosas
Os asperos abrolhos em lugar
Dos roxos lirios, das pudícas rosas:
  Naõ traráõ as ovelhas a pastar
De redor do sepulchro os guardadores;
Pois nada comeriam de pezar.
  Viráõ os Faunos, guarda dos Pastores,
Se morri por amores, perguntando;
Responderáõ os ecos: Por amores.
  Dos que por aqui forem caminhando,
Hum Epitaphio triste se lerá,
Que esteja minha morte declarando.
  No tronco de alguma arvore estará,
N'huma rude cortiça pendurado
Escripto co' huma fouce, e assi dirá:
  Almeno fui, Pastor de manso gado,
Em quanto o consentio minha ventura,
De Nymphas, e Pastores celebrado:
  Se algum dia, por caso, na espessura
Se perder o amor, e a affeiçaõ,

Tirem a pedra desta sepultura,
E em figura de cinza os acharáõ.

ECLOGA IV.

INTERLOCUTORES.

FRONDOSO, E DURIANO.

Cantando por hum valle docemente
Desciam dous Pastores, quando Phebo
No Reino Neptunino se escondia:
De idade cada qual era mancebo,
Mas velho no cuidado, e descontente
Do que lhe elle causava parecia.
O que cada hum dizia,
Lamentando seu mal, seu duro fado,
Naõ sou eu taõ ousado,
Que o pertenda cantar sem vossa ajuda:
Porque se a minha ruda
Frauta, deste favor vosso for dina,
Posso escusar a fonte Caballina.

Em vós tenho Helicon, tenho Pegáso;
Em vós tenho Calliope, e Thalia;
E as outras sete irmãas co' o fero Marte:
Em vós deixou Minerva o que valia;
Em vós estaõ os sonhos de Parnaso;
Das Pierides em vós se encerra a arte.

Com qualquer pouca parte,
Senhora, que me deis da ajuda vossa
Podeis fazer, que eu possa
Escurecer ao Sol resplandecente:
Podeis fazer, que a gente
Em mi, do grão poder vosso, se espante;
E que vossos louvores sempre cante.
  Podeis fazer que cresça de hora em hora
O nome Lusitano, e faça inveja
A Esmirna, que de Homero se engrandece.
Podeis fazer tambem que o Mundo veja
Soar na ruda frauta o que a sonora
Cithara Mantuana só merece.
Já agora me parece,
Que podem começar os meus Pastores
A cantar seus amores;
Porque inda que presentes naõ estejam
As que elles ver desejam,
Mudança do lugar, menos de estado,
Naõ muda hum coraçaõ do seu cuidado.
  Já deixava dos montes a altura,
E nas salgadas ondas se escondia
O Sol, quando Frondoso, e Duriano,
Ao longo de hum ribeiro, que corria
Por a mais fresca parte da verdura,
Claro, suave, e manso, todo o ano,
Lamentando seu dano,
Vinham já recolhendo o manso gado:

Hum estava callado,
Em quanto hum pouco o outro se queixava;
Apoz elle tornava
A dizer de seu mal o que sentia;
E em quanto este fallava, aquelle ouvia.
Vinham-se assi queixando aos penedos,
Aos sylvestres montes, e á aspereza,
Que quasi de seus males se doiam.
Alli as pedras perdiam a dureza;
Alli correntes rios estar quedos,
Promptos ás suas queixas pareciam.
Sómente as que podiam
Estes males curar, pois os causavam,
O ouvido lhes negavam,
Por perderem de todo a esperança:
Mas elles, que mudança
De amor com tantos damnos naõ faziam,
Com ellas fallando inda, assi diziam:

FRONDOSO.

Isto he o que aquella verdadeira
Fé, com que te amei sempre, merecia,
Sem nunca te deixar hum só momento?
Como (cruel Belisa) te esquecia
Hum mal, cuja esperança derradeira
Em ti só tinha posto o seu assento?
Naõ vias meu tormento?
Naõ vias tu a fé, com que te amava?
Porque naõ te abrandava

Este amor, que me tu taõ mal pagaste?
Mas pois já me deixaste
Co' a esperança de ti toda perdida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Se os males que por ti tenho soffrido
(Oh Silvana, em meus males taõ constante!)
Quizesses que algum'hora te dissera,
Inda que qual durissimo diamante
Fora o teu cruel peito endurecido,
Creio que a piedade te movêra.
Já agora em branda cera
Os montes saõ tornados, e os penedos;
E os rios, que estaõ quedos,
Sentíram meus suspiros, minhas queixas.
Tu só, cruel, me deixas,
Que es mais que montes, e penedos, dura,
E fugitiva mais que a fonte pura.

FRONDOSO.

Onde está aquella falla, que soia
Só com seu doce tom, que me chegava,
Avivar-me os espiritos cansados?
Onde está o olhar brando, que cegava
O Sol resplandecente ao meio dia?
Onde estaõ os cabellos delicados,
Que ao vento espalhados
Escureciam o ouro, a mi matavam;
E a quantos os olhavam,

Causavam tambem novos accidentes?
Porque, cruel, consentes,
Que outro goze da gloria a mi devida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Nenhum bem vejo, que a meu mal espere,
Senaõ fosse esperar, que morte dura,
Me venha, em fim, a dar a saudade.
Vejo faltar-me a tua formosura;
A vontade me diz, que desespere;
Contradiz-me a razaõ esta vontade.
Diz, que em huma beldade,
Em quem mostrou o cabo a natureza,
Naõ ha tanta crueza,
Que hũ taõ constante amor desprezar queira,
E fé taõ verdadeira;
Mas tu que de razaõ jámais curaste,
Porque era dar-me a vida ma tiraste.

FRONDOSO.

A quem, Belisa ingrata, te entregaste?
A quem déste, cruel, a formosura,
Que a meu tormento só, só se devia?
Porque huma fé deixaste, firme, e pura?
Porque taõ sem respeito me trocaste,
Porquem só nem olhar-te merecia?
O bem que te eu queria,
E que naõ perderei senaõ por morte,
Naõ he de maior sorte,

Que quanto a cega gente estima, e préza?
Só a tua crueza
Foi nisto contra mi endurecida.
Perca, quem te perdeo, tambem a vida

DURIANO.

Levaste-me o meu bem n'hum só momento;
Levaste-me com elle juntamente
De cobra-lo jámais a confiança:
Deixaste-me em lugar delle sómente
Huma contínua dor, hum grão tormento,
Hum mal, de que naõ póde haver mudança.
Tu, que eras a esperança
Dos males que, cruel, tu me causaste,
De todo te trocaste
Com amor conjurada em minha morte.
Porém se a minha sorte
Consente que por ti seja causada,
Morte naõ foi mais bemaventurada.

FRONDOSO.

Naõ nasceste de alguma pedra dura;
Naõ te gerou alguma Tigre Hyrcana;
Naõ te criaste, naõ, entre a rudeza.
A quem, cruel, sahiste deshumana?
No Ceo formada föi tal formosura,
Onde a mesma brandura he natureza.
Pois, logo, essa dureza
Donde teve principio, ou a tomaste?
Porque, dura, engeitaste

De hũ verdadeiro amor, que tu bem vias,
A fé, que conhecias,
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Vai-se co' o seu Pastor o manso gado,
Porque de amor entende aquella parte,
Que a natureza irracional lhe ensina.
O rustico leaõ sem algum'arte,
Do natural instincto só ensinado,
Aonde sente amor, logo se inclina.
E tu, que de divina
Naõ tães menos que Venus, e Cupido,
Porque sequer co' o ouvido
Hum amor verdadeiro naõ soccorres?
Ah! Porque te naõ corres
De que o leaõ te vença em piedade,
Senaõ te vence Venus na beldade?

FRONDOSO.

A mi naõ me faltava, o que se préza
Entre os celestes deoses, que formáram
A tua mais que humana formosura.
Em mi os voluntarios Ceos faltáram;
Em mi se perverteo a natureza
De huma cruel formosa creatura.
Mas, pois, Belisa dura,
Que do mais alto Ceo a nós vieste,
E em teu peito celeste

Hum tal contrário pode aposentar-se,
Naõ he contrário achar-se
Tamanha fé taõ mal agradecida.
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Por ti a noite escura me contenta;
Por ti o claro dia me aborrece;
Abrolhos me parecem frescas flores:
A doce Philomela me entristece;
Todo contentamento me atormenta
Com a contemplaçaõ de teus amores;
As festas dos Pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza.
Em mi tua crueza
Faz que o mal cada hora vá dobrando.
O' cruel; até quando
Ha de durar em ti tal pensamento,
E a vida em mi, que soffre tal tormento?

FRONDOSO.

Fugiste de hum amor taõ conhecido;
Fugiste de huma fé taõ clara, e firme;
E seguiste a quem nunca conheceste;
Naõ por fugir de amor, mas por fugir-me;
Pois bem vês quanto eu tinha merecido
Esse amor que tu a outro concedeste.
A mi naõ me fizeste
Alguma semrazaõ; que bem conheço,
Que tanto naõ mereço:

Fizeste-a áquelle bem firme, e sincero
Que sabes, que te quero,
Em lhe tirar a gloria merecida.
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Cresce cad'hora em mi mais o cuidado,
E vejo que em ti cresce juntamente
Cad'hora mais de mi o esquecimento.
O' Silvana cruel; porque consente
Esse peito formoso, e delicado,
Que se esqueça hum taõ aspero tormento?
Tal aborrecimento
Merece hum capital teu inimigo;
Naõ eu, que só comtigo
Estou contente; e nada mais desejo,
Se algum'hora te vejo.
Tu es hum só meu bem, huma só gloria,
Que nunca se me aparta da memoria.

FRONDOSO.

Olhos, que viram tua formosura;
Vida, que só de ver-te se sostinha;
Vontade, que em ti estava trasformada;
Alma, que essa alma tua em si só tinha,
Taõ unida comsigo, quanto a pura
Alma co' o debil corpo está liada;
E que agora apartada
Te vê de si com tal apartamento;
Qual será seu tormento?

Qual será aquelle mal que tem presente?
Maior he que o que sente
O triste corpo em ultima partida.
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Regendo em outro tempo o manso gado,
Tangendo a minha frauta nestes vales,
Passava a doce vida alegremente:
Naõ sentia o tormento destes males,
Menos sentia o mal deste cuidado;
Que tudo entaõ em mi era contente.
Agora naõ sómente
Desta vida suave me apartaste,
Mas outra me deixaste,
Que ao duro mal, que sinto cá no peito,
Me tem já taõ affeito,
Que sinto já por gloria a minha pena;
Por natureza o mal, que me condena.

FRONDOSO.

Juntamente viver compridos anos,
Os fados te concedam, que quizeram
Ajuntar-te com tal contentamento.
Pois os bens para ti todos nascêram,
Nascéram para mi todos os danos,
Logra tu tua gloria, eu meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me fará deixar de amar-te;
Porque em nenhuma parte

Poderás nunca estar sem mi hum'hora.
Consente, pois, agora,
Que em pago desta fé taõ conhecida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Veja-te eu, crua, amar quem te desame,
Porque saibas o que he ser amada
De quem tanto aborreces, e desprezas.
Veja-te eu ser ainda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Porque sintas em ti tuas cruezas:
Sintas tuas durezas,
E quanto póde o seu cruel effeito
N'hum coraçaõ sujeito:
Porque em sentindo o mal, que eu sinto agora,
Espero, que algum'hora
Faça o teu proprio mal de mi lembrar-te,
Já que naõ pôde o meu nunca abrandar-te.

FRONDOSO.

Mil annos de tormento me parece
Cad'hora, que sem ti, sem esperança,
Vivo de poder mais tornar a ver-te.
A vida só me dá tua lembrança;
A vida sobre tudo me entristece;
A vida antes perdêra, que perder-te.
Mas eu se por querer-te,
Hum bem que em ti só tem seu firme assento,
Padeço tal tormento,

Que esperará de ti, quem te desama,
Ou quem ao menos te ama
Com algum falso amor, ou fé fingida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Entaõ, cruel, verás se te merece
Com tamanho desprezo ser tratada
Hum'alma, que de amar-te só se préza.
Mas como poderás ser desprezada,
Se o menos que em ti fóra se parece,
Póde abrandar dos montes a aspereza?
Porque se a natureza
Em ti o remate poz da formosura,
Qual será a pedra dura,
Que a teu valor resista brandamente?
Que fará a fraca gente,
Se ao humano parecer naõ se defende;
E a mesma Venus deosa ao teu se rende?

FRONDOSO.

E pois fé verdadeira, amor perfeito,
Tormento desigual, e vida triste,
Junta com hum continuo soffrimento,
E hũ mal, em q̃ o mal todo, em fim, consiste,
Naõ puderam mover teu duro peito,
A mostrares sequer contentamento
De ver o meu tormento,
Antes tudo, soberba, desprezaste,
E a outrem te entregaste,

Por nada me ficar em que esperasse,
Senaõ quando acabasse
A vida a pezar meu já taõ comprida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Longo curso de tempo, e apartado
Lugar, a hum coraçaõ que vive entregue,
Naõ podem apartar de seu intento.
Porque foges, cruel, a quem te segue?
Porque segues em vão esse cuidado,
Pois nunca estás sem mí algum momento?
Nenhum apartamento,
Inda que a alma do corpo se me aparte,
Poderá já ausentar-te
Desta alma triste, que continuamente
Em si te tem presente.
Torna, cruel; naõ fujas a quem te ama;
Vem a dar vida, ou morte, a quem te chama.

A noite escura, triste, e tenebrosa,
Que já tinha estendido o negro manto,
De escuridade a terra toda enchendo,
Fez pôr a estes Pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa
Vinham seu manso gado recolhendo.
Se aquillo, que eu pertendo
Deste trabalho haver, que he todo vosso,
Senhora, alcançar posso;
Naõ será muito haver tambem a gloria,

E o louro de victoria,
Que Virgilio procura, e haver pertende,
Pois o mesmo Virgilio a vós se rende.

ECLOGA V.

Falla hum só PASTOR.

A quem darei queixumes namorados
Do meu Pastor queixoso, e namorado?
A branda voz, suspiros magoados,
A causa porque na alma he magoado?
De quem seraõ seus males consolados?
Quem lhe fará devido gasalhado?
Só vós, Senhor famoso, e excellente,
Especial em graças entre a gente.
Por partes mil lançando a phantasia,
Busquei na terra estrella que guiasse
Meu rudo verso, em cuja companhia
A santa piedade sempre andasse
Luzente, e clara, como a luz do dia,
Que o rudo engenho meu me allumiasse;
E em vossas perfeições, grão Senhor vejo
Ainda além cumprido o meu desejo.
A vós se daõ, a quem junto se ha dado
Brandura, mansidaõ, engenho, e arte,
De hum esprito divino acompanhado,
Dos sobrehumanos hum em toda parte.

Em vós as graças todas se haõ juntado;
De vós em outras partes se reparte.
Sois claro raio, sois ardente chama;
Gloria, e louvor do tempo; azas da fama.
Em quanto eu apparelho hu novo esprito,
E voz de cysne tal, que o Mundo espante;
Com que de vós, Senhor, em alto grito
Louvores mil em toda parte cante:
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
Entre vaccas, e gado petulante:
Que quando tempo for, em melhor modo
Ha de me ouvir por vós o Mundo todo.
As vãas querellas, brandas, e amorosas,
Sejam de vós tratadas brandamente:
Verdades da alma pouco venturosas,
Sahidas com suspiro vivo, e ardente.
Em vossas mãos se entregam, valerosas,
Porque ao futuro vivam entre a gente;
Chorando sempre a antigua crueldade
Para mover as almas a piedade.
Já declinava o Sol contra o Oriente,
E o mais do roxo dia era passado,
Quando o Pastor co' o grave mal, que sente,
Por dar allívio em parte a seu cuidado;
Se queixa da Pastora docemente,
Cuidando de ninguem ser escutado:
Eu que o escutei, n'huma arvore escrevia
As mágoas que cantou; e assi dizia:

Ou tu do monte Pindaso es nascida,
Ou marmor te pario formosa, e dura:
Naõ póde ser que fosse concebida
Dureza tal de humana creatura:
Ou quiçá que es em pedra convertida;
Ou tẽes da natureza tal ventura;
Porém naõ fez em ti boa impressaõ,
Só de marmor tornar-te o coraçaõ.

Já, já, com minha voz rouca, e chorosa,
A gente mais austéra moveria;
E com esta corrente lagrimosa
Os tigres em Hyrcania amansaria.
Senaõ fosses cruel, quanto formosa,
Meu longo suspirar te abrandaria,
Mas suspirar por ti, mas bem querer-te,
Que faraõ mais, que mais endurecer-te?

Se deixáras vencer a crueldade
De tua taõ perfeita formosura,
Hum pouco víras bem minha vontade,
E víras a fé minha, limpa, e pura.
Por ventura, que houveras já piedade,
E tivera eu quiçá melhor ventura:
Mas nunca achou igual tua belleza:
Senaõ se foi em ti tua dureza.

Hum bronze já abrandára, que naõ sente,
Este meu grave mal, segundo he forte.
Se descêra do Inferno ao Polo ardente,
A piedade movêra a propria morte.

Pois se huma gotta de agua brandamente
Torna brando hum penedo, duro, e forte,
Tantas lagrimas minhas naõ faraõ
Hum pequeno signal n'hum coraçaõ?

Na testa fonte viva tenho de agoa,
Que por meus olhos tristes se derrama:
E no peito de fogo viva fragoa,
Que tudo em si converte, tudo inflama:
Amor em de redor, por maior mágoa;
Voando mais accende a ardente chama.
Se queres ver se ardentes saõ seus tiros,
Olha se saõ ardentes meus suspiros.

Quando grita, e rumor grande se sente,
Porque fogo se atêa em casa, ou torre,
De pura compaixaõ vai toda a geute,
Agua ao fogo gritando; e cada hum corre.
Desta arte anda o meu peito em chama ardente,
E com a agua dos olhos se soccorre:
Que quẽ me abraza, outra agua me defende,
Porque com esta o fogo mais se accende.

Quando vemos que sahe lá no Oriente
O Sol, seu curso antigo começando,
Formoso, intenso, puro, refulgente,
O monte, o campo, o mar, tudo alegrando;
Quando de nós se esconde no Ponente,
E em outras terras sahe allumiando,
Sempre, em quanto vai dando ao Mundo giro,
Choram por ti meus olhos, e eu suspiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
E, em fim, lhe chega a noite, em que descança:
Trabalha na tormenta o navegante,
Traz-lhe a clara manhãa feliz bonança.
Recobra o fructo fertil, e abundante,
Da terra o Lavrador, se nella cança:
Mas eu de meu cuidado, e mal taõ forte,
Tormento espero sô, só crua morte.

De ouvir meu damno as rosas matutinas,
Condoidas se cerram, se emmurchecem:
Com meu suspiro ardente as cores finas
Perdem o cravo, o lyrio, e naõ florecem.
Co' a roxa Aurora as pállidas boninas,
Em lugar de alegrar-se, se entristecem:
Deixam seu canto Progne, e Philomena;
Que mais lhes doe, que a sua, a minha pena.

Responde o monte concavo a meus ais,
E tu como aspid, cerras-lhe o ouvido;
Os indomitos feros animais,
Sem humano sentir, mostram sentido;
Mas em ti minhas dores desiguais
Nunca movem o peito endurecido:
Por muito que te chame, naõ respondes;
E quanto mais te busco, mais te escondes.

Naquella parte donde costumavas
Apascentar meus olhos, e teu gado;
Alli donde mil vezes me mostravas,
Que era o Pastor de ti mais desejado;

Vezes mil te busquei, por ver se davas
Algum breve descanso a meu cuidado:
Busco-te em vão no valle, em vão no monte.
Qual o ferido cervo busca a fonte.
Este lugar de ti desamparado,
Com cujas sombras frias já folgaste;
Agora triste, escuro, he já tornado;
Que todo o bem comtigo nos levaste.
Eras tu nosso Sol mais desejado:
Naõ temos luz, despois que nos deixaste.
Torna, meu claro Sol; torna meu bem.
Qual he o Josué que te detém?
Despois que deste valle te apartaste,
Naõ pasce já algum gado com seccura:
Seccou-se o campo des que lhe negaste
Dos teus formosos olhos a luz pura.
Seccou-se a fonte, donde já te olhaste,
Quando menos que agora aspera, e dura:
Nega sem ti a terra, ouvindo gritos,
A's cabras pasto, e leite aos cabritos.
Sem ti, doce cruel, minha inimiga,
A clara luz, escura me parece:
Este ribeiro, quando a dor me obriga,
Com meu chorar por ti contino crece.
Naõ ha fera, a que a fome naõ persiga;
Algum prado sem ti já naõ florece:
Cegos estaõ meus olhos, nada vem;
Porque naõ podem ver seu claro bem.

O campo como de antes naõ se esmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas:
Falta agua ao pasto, e sentem da agua a falta
As candidas pacíficas ovelhas:
Bem conhecem tambem, que o Ceo lhes falta
As doces, e solícitas abelhas:
Com lagrimas, que manam dos meus olhos,
A terra nos produz duros abrolhos.

Torna, pois, já, Pastora, ao nosso prado,
Se restituir-lhe queres a alegria:
Alegrarás o valle, o campo, o gado,
E aquelle espelho teu da fonte fria.
Torna, torna, meu Sol taõ desejado,
Farás a noite escura claro dia;
E alegra já esta vida magoada,
Em que só tua ausencia he Parca irada.

Vem como quando o raio transparente
Deste nosso Horizonte, que escondido
Deixa hum certo temor á mortal gente,
Causado de ver o Orbe escurecido:
E quando torna a vir claro, e luzente,
Alegra o Mundo todo entristecido:
Que assi he para mi tua luz pura
Claro Sol, como a ausencia noite escura.

Mas tu esquecida já do bem passado,
E do primeiro amor, que me mostraste,
Teu coraçaõ de mi tẽes apartado,
Naõ menos que do valle te apartaste.

Naõ te quero eu a ti mais que a meu gado?
Naõ sou eu mesmo aquelle que tu amaste?
Onde o meu erro viste, ou desvario,
Que póde merecer-te hum tal desvio?
Bem vês, que por amor se move tudo,
E que delle naõ ha quem seja isento;
O mais simple animal, mais baixo, e rudo,
O de mais levantado pensamento:
Debaixo da agua fria o peixe mudo
Támbem lá tem de ardor seu movimento:
Pois as aves, que no ar cantando vôam,
Naõ menos humas de outras se affeiçôam.
A musica do leve passarinho,
Que sem concerto algum sólta, e derrama,
De hum raminho saltando a outro raminho,
Mostra que por amor suspira, e chama:
Em quanto no secreto amado ninho
Naõ acha aquelle, que só busca, e ama,
No canto, a nós alegre, triste chora,
Porque teme perder a quem namora.
A fera, que he mais fera, e o leaõ,
Sempre acha outro leaõ, sempre outra fera,
Em quem possa empregar huma affeiçaõ,
Que o conversar no peito seu lhe gera.
Tambem sabe sentir sua paixaõ,
Tambem suspira, morre, desespera:
Acena, salta, brada, ferve, e geme;
E naõ temendo a nada, a amor só teme.

O cervo, que escondido, e emboscado,
Temendo ao cobiçoso caçador,
Está na selva, monte, bosque, ou prado,
Alli donde anda, e vive, vive amor:
De temor, e de amor acompanhado,
Com justa causa amor tem, e temor:
Temor a quem para ferí-lo vinha;
Amor a quem já, já, ferido o tinha.

Pois se a fera insensivel, que naõ sente,
Tambem sente de amor a frecha dura,
Porque a ti naõ te abranda hum fogo ardente,
Que procede da tua formosura?
Porque escondes a luz do Sol á gente,
Que nesses olhos trazes bella, e pura?
Mais pura, mais suave, mais formosa,
Que lyrio, que jasmim, que cravo, e rosa.

Póde ser, se me visses, que sentíras
Ver liquidar hum peito em triste pranto;
E bem pouco fizeras, se me víras,
Pois eu só por te ver suspiro tanto:
As mágoas, os suspiros, que me ouvíras;
Te puderam mover a grande espanto,
A dor, a piedade, a sentimento,
E a mais, que para mais he meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leve;
O suspirar em vão tambem ao vento;
Hum esperar á calma, á chuva, á neve,
E nunca poder ver-te hum só momento;

Tormento he, que sómente a ti se deve:
E se póde inda haver maior tormento,
Quem te vio, e se vê de ti ausente,
Muito mais passará mais levemente.
Faz móça a pedra dura em sua dureza,
Com a agua que lhe toca brandamente:
Abranda o ferro forte a fortaleza,
Se lhe toca tambem o fogo ardente:
Em ti só desconheço a natureza,
Que a ser de pedra, ou ferro totalmente,
Já teu peito cruel fora desfeito
Das aguas, e das chammas do meu peito.
Quando a formosa Aurora mostra a fronte,
Alegra toda a terra vendo o dia:
Quando Phebo apparece no Horizonte,
Manifesta tambem grande alegria:
Contente pasce o gado ao pé do monte,
Contente a beber vai na fonte fria:
Está tudo contente, alegre tudo;
Eu só, só pensativo, triste, e mudo.
Se já da alma, e do corpo tẽes a palma,
E do corpo sem alma naõ tẽes dó,
Ha dó do corpo só, que está sem alma,
Pois sem alma naõ vive o corpo só.
Nas chammas, e no ardor; no fogo, e calma,
Na affeiçaõ, no querer, eu sou hum só:
Naõ acharás vontade taõ captiva;
Nem outra como a tua taõ esquiva,

Se te apartas por naõ ouvir meu rogo,
Onde estiveres t'hei de importunar:
Postoque vás por agua, ferro, ou fogo,
Comtigo em toda parte me has de achar:
Que o fogo em q̃ ardo, e a agua em q̃ me affogo,
Em quanto eu vivo for, haõ de durar;
Pois o nó, que me enlaça, he de tal sorte,
Que naõ se ha de soltar em vida, ou morte.

Neste meu coraçaõ sempre estarás,
Em quanto a alma estiver com elle unida:
Tambem o meu esprito possuirás
Despois que a alma do corpo for partida:
Por mais, e mais que faças, naõ farás
Que deixe o amar-te nesta, e essoutra vida:
Impossivel será que eternamente
Ausente estês de mim, estando ausente.

Cá me acompanhará vossa memoria,
Se o rio, que se diz do esquecimento,
Da minha naõ borrar taõ longa historia,
Taõ grave mal, taõ duro apartamento.
Até quando vos veja entrar na gloria,
Vivirei n'hum contino sentimento:
E ainda entaõ vereis (se isto ser possa)
Esta minha alma lá servir a vossa.

Aqui com grave dor, com triste accento,
Deo o triste Pastor fim a seu canto:
Com rosto baixo, e alto pensamento,
Seus olhos começáram novo pranto.

Mil vezes parar fez no ar o vento,
E apiedou no Ceo o Coro santo:
As circumstantes sylvas se inclináram,
Condoidas das mágoas que escutáram.
Com huma mão na face, reclinado,
Taõ elevado em sua dor estava,
Que como em grave somno sepultado,
Naõ via que já o Sol no mar entrava.
Berrando andava em roda o manso gado,
Que o seguro curral já desejava:
Nas covas as raposas, e em seus ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.
Já sobre hum secco ramo estava posto
O mocho com funesto, e triste canto:
Ao som delle o Pastor ergueo o rosto,
E vio a terra envolta em negro manto.
Quebrando entaõ o fio de seu gosto,
E o fio naõ quebrando de seu pranto,
Por naõ se descuidar de seu cuidado,
Levou para os curraes o manso gado.

ECLOGA VI.

INTERLOCUTORES.

AGRARIO, *Pastor*, ALICUTO, *Pescador*.

A Rustica contenda desusada
Entre as Musas dos bosques, das arêas,

De seus rudos cultores modulada:
  A cujo som attonitas, e alhêas,
Do monte as brancas vaccas estiveram,
E do rio as saxatiles lamprêas:
  Desejo de cantar. Que se movêram
Os troncos ás avenas dos Pastores,
E já sylvestres brutos suspendêram:
  Naõ menos o cantar dos Pescadores
As ondas amansou do fundo pégo,
E fez ouvir os mudos nadadores.
  E se por sustentar-se o moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
O que he mais proprio no ocio, e no socego;
  Mais maravilhas dando a voz da fama,
No mesmo mar undoso, e vento frio,
Brazas roxas accende a roxa flama.
  Vós, ó ramo de hũ Tronco alto, e sombrio,
Cuja frondente coma já cobrio
De Luso todo o gado, e senhorio;
  E cujo são madeiro já sahio
A lançar a forçosa, e larga rede,
No mais remoto mar que o Mundo vio;
  E vós, cujo valor em tanto excede,
Que a cantá-lo com voz alta, e divina,
A fonte do Parnaso move a sede:
  Ouvi da minha humilde çanfonina
A harmonía, que vós já levantais
Tanto, que de vós mesmo a fazeis dina.

Mas se agora, que affabil me escutais,
Naõ ouvirdes cantar, com alta tuba,
O que vos deve o Mundo, que dourais;
E se os Reis Avós vossos, que de Juba
Os Reinos debelláram, naõ ouvís,
Que nas azas do excelso verso suba;
Senaõ sabem as frautas pastorís
Pintar de Toro os campos, semeados
De armas, e corpos, fortes, e gentís;
Por hum Moço animoso sustentados,
Contra o indomito Pai, de toda Hespanha,
Contra a fortuna vãa, e injustos fados;
Hum Moço, cujo esforço, brio, e manha,
Do Olympo fez descer o duro Marte,
E dar-lhe a quinta esphera, que acompanha;
Senaõ sabem cantar a menor parte
Do sapiente peito, e grão conselho,
Que póde (ó Reino illustre) descansar-te;
Peito, que ao douto Apollo faz vermelho
Deixar o sacro Monte, e ás nove Irmãas,
Porque a elle se affeitem como a espelho;
Saberaõ bem cantar, em nada vãas,
De Alicuto as contendas, e de Agrario;
Hum de escamas coberto, outro de lãas.
Vereis (Duque sereno) o estylo vário,
A nós novo, mas n'outro mar cantado,
De hum, que só foi das Musas secretario.
O Pescador Sincéro, que amansado

Tem o pégo de Prochita co'o canto,
Por as sonoras ondas compassado.
  Deste seguindo o som, que póde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos novo estylo, novo espanto.
  Partíra-se do monte Agrario insano,
Para onde a força só do pensamento
Lhe encaminhava o lasso pezo humano.
  Embebido em hum longo esquecimento
De si já, naõ já só do pobre fato,
Apoz hum doce sonho, e fingimento.
  Rompendo as sylvas hórridas do mato,
Vai por cima de outeiros, e penedos,
Fugindo, em fim, de todo humano trato.
  Ante os seus olhos leva os olhos lédos
Da branca Dinamene, que enverdece
Só co' o meneo valles, e rochedos.
  Ora se ri comsigo quando tece
Na phantasia algum prazer fingido;
Ora falla; ora mudo se entristece.
  Qual a tenra novilha, que corrido
Tem montanhas fragosas, e espessuras,
Por buscar o cornigero marido;
  E cansada nas humidas verduras
Cahir se deixa ao longo do ribeiro,
Já quando as sombras vem cahindo escuras;
  E nem co' a noite ao valle seu primeiro
Se lembra de tornar como soia,

Perdida por o bruto companheiro;
Tal Agrario chegado, em fim, se via,
Onde o grão pégo horrísono suspira,
N'huma praia arenosa, humida, e fria.
Tanto que ao mar estranho os olhos víra,
Tornando em si, de longe ouvio tocar-se
De douta mão, naõ vista, e nova lira.
Fez-lhe o som desusado desviar-se
Para onde mais soava, desejando
De ouvir; e conversar, e de provar-se.
Muito naõ tinha proseguido, quando
Em a concavidade de hum penedo,
Que pouco a pouco fora o mar cavando;
Topou hũ Pescador, que prompto, e quedo,
N'huma pedra assentado, brandamente
Tangendo, faz o mar sereno, e lédo.
Mancebo era de idade florecente,
Pescador grande do alto, conhecido
Por o nome de toda humida gente.
Alicuto se chama, que perdido
Era por a formosa Lemnoria,
Nympha que tem o mar ennobrecido.
Por ella as redes lança noite, e dia;
Por ella as ondas tumidas despreza;
Por ella soffre o Sol, e a chuva fria.
Co' o seu nome mil vezes a braveza
De irados ventos amansou co' o verso,
Que remove das rochas a dureza.

E agora em som de voz, suave, e terso,
Está seu nome aos ecos ensinando
Por estylo do agreste som diverso.
Ouvindo Agrario, attonito, affroxando
Da phantasia hum pouco seu cuidado,
Suspenso esteve os numeros notando.
Mas Alicuto vendo-se estorvado
Por hum Pastor, da musica divina,
O rosto levantou bem socegado.
E disse assi : Vaqueiro da campina;
Que vēes buscar ás arenosas praias,
Onde a bella Amphitrite só domina?
Que razaõ ha, Pastor, para que saias
A este nosso escamoso, e vil terreno,
Dos teus flóridos myrtos, e altas faias?
Pois se agora o mar vês, brando, e sereno,
E estender-se estas ondas por a arêa,
Amansadas das mágoas, com que peno;
Logo verás o como desenfrêa
Eolo o vento por o mar undoso,
De sorte que Neptuno se recêa.
Responde Agrario : Oh musico e amoroso
Pescador! Eu naõ venho a ver o lago
Bravo, e quieto; ou vento brando, e iroso.
Mas o meu pensamento, com que apago
As flammas ao desejo, me trazia
Sem ouvir, e sem ver, suspenso, e vago.
Até que a tua angelica harmonia

Me acordou, vendo o som, com q̃ aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.
Mas se de ver-me cá no mar te espantas,
Eu me espanto tambem do estylo novo,
Com que as ondas horrísonas quebrantas.
Porém se com verdade o louvo, e approvo,
Desejo de o provar contra o sylvestre,
Antigo pastoril, que eu mal renovo.
E tu, que no tocar pareces mestre,
Bem julgarás se ha clara differença
Entre o canto maritimo, e o campestre.
Naõ ha (disse Alicuto) em mi detença;
Alvoroço antes ha, por mais que veja,
Que a tua confiança só me vença.
Mas porque saibas, que nenhuma inveja
Os Pescadores temos aos Pastores,
Do som que no Parnaso se deseja;
Toma a lyra na mão, que os moradores
Do vitreo fundo vendo estou juntar-se
Para ouvir nossos rusticos amores.
Bem vês por essa praia presentar-se
Nas conchas vária côr á vista humana;
E o mar vir por entre ellas, e tornar-se.
Socegada do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o ameno rio,
Que seu licor aqui mistura, e dana.
Este penedo concavo, e sombrio,
Que de cangrejos vês estar coberto,

Nos dá abrigo do Sol, quieto, e frio.
  Tudo nos mostra, em fim repouso certo,
E nos convida ao canto, com que os mudos
Peixes sáhem ouvindo ao ar aberto.
  Assi se desafiam estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes;
Nos engenhos, porém, subtís, e agudos.
  Eis já mil companheiros circumstantes
Estavam para ouvir, e apparelhavam
Ao vencedor os premios semelhantes.
  As bem sonantes lyras se tocavam;
Agrario começava, e da harmonia
Os Pescadores todos se admiravam:
E desta arte Alicuto respondia.

AGRARIO.

  Vós semicapros deoses do alto monte,
Faunos longevos, Satyros, Sylvanos;
E vós deosas do bosque, e clara fonte,
E dos troncos que vivem largos anos:
Se tendes prompta hum pouco a sacra fronte
A nossos versos rusticos, e humanos,
Ou me dai já a capella de loureiro,
Ou penda a minha lyra de hum pinheiro.

ALICUTO.

  Vós humidas deidades deste pégo,
Tritões ceruleos, Proteo, com Palemo;
Vós Nereidas do sal em que navego.
Por quem do vento as furias pouco temo:

Se ás vossas sacras aras nunca nego
O congro nadador na pá do remo,
Naõ consintais, que a musica marinha
Vencida seja aqui na lyra minha.

AGRARIO.

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
Que do Sol as carretas move, e guia:
Ouvio o rio Amphriso a lyra de ouro,
Que o seu claro inventor alli tangia.
Io foi vacca; Jupiter foi touro:
Mansas ovelhas junto da agua fria
Guardou formoso Adonis; e tornado
Em bezerro Neptuno foi já achado.

ALICUTO.

Pescador já foi Glauco, e deos agora
He do mar; e Proteo Phocas guarda.
Nasceo no pégo a deosa, que he senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda.
Se foi bezerro o deos, que cá se adora,
Tambem já foi delfim. Se se resguarda,
Vê-se, que os moços Pescadores eram,
Que o escuro enigma ao primo Vate deram.

AGRARIO.

Formosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores já furtei
A' doce Philomela; e dos murtinhos
Para ti (fera) as flores apanhei:
E se os crespos madronhos nos raminhos

Com tanto gosto já te presentei;
Porque naõ dás a Agrario desditoso
Hum só revolver de olhos piedoso?

ALICUTO.

Para quem trago de agua em vaso cavo
Os curvos camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo,
Na praia os brancos búzios apanhando?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral vou arrancando,
Senaõ para a formosa Lemnoria,
Que co' hum só riso a vida me daria?

AGRARIO.

Quem vio o desgrenhado, e crespo Inverno,
De altas nuvêes vestido, hórrido, e feo,
Ennegrecendo a vista o Ceo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheo;
Raios, chuvas, trovões, hum triste Inferno,
Que ao Mundo mostra hum pallido receo;
Tal o amor he cioso, a quem suspeita,
Que outrem de seu trabalho se aproveita.

ALICUTO.

Se alguem vê, se alguem ouve, o sibilante
Furor, lançando flammas, e bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante,
Hórrido aos olhos, hórrido aos ouvidos:
A braços derribando o já nutante
Mundo, co' os elementos destruidos:

Assi me representa a phantasia
A desesperaçaõ de ver hum dia:

AGRARIO.

Minha alva Dinamene, a Primavera,
Que os deleitosos campos pinta, e veste,
E rindo-se huma côr aos olhos gera,
Que em terra lhes faz ver o Arco Celeste,
As aves, as boninas, a verde hera,
A toda a formosura amena agreste,
Naõ he para os meus olhos taõ formosa,
Como a tua, que abate o lirio, e rosa.

ALICUTO.

As conchinhas da praia, que presentam
A côr das nuvẽes, quando nasce o dia;
O canto das Sirenas, que adormentam;
A tinta, que no Murice se cria:
O navegar por ondas, que se assentam
Co' o brando bafo, com que o Sol se enfria,
Naõ podem, Nympha minha, assi aprazer-me,
Como o ver-te, se em tanto chego a ver-me.

AGRARIO.

A deosa, que na Lybica lagôa
Em fórma virginal appareceo,
Cujo nome tomou, que tanto sôa,
Os olhos bellos tem da côr do Ceo:
Garços os tem: mas huma, que a corôa
Das formosas do campo mereceo,
Da côr do campo os mostra graciosos.

Quem diz, que naõ saõ estes os formosos?

ALICUTO.

Perdoem-me as deidades; mas tu diva,
Que no liquido marmore es gerada,
A luz dos olhos teus celeste, e viva,
Tẽes por vicio amoroso atravessada:
Nós petos lhe chamamos; mas quem priva
De luz o dia baixa, e socegada,
Traz a dos seus nos meus, que eu o naõ nego,
E com toda esta luz sempre estou cego.
Assi cantavam ambos os cultores
Do monte, e praia, quando os atalháram;
A hum Pastores, a outro Pescadores.
E quaesquer a seu Vate coroáram
De capellas idoneas, e formosas,
Que as Nymphas lhes tecêram, e ordenáram.
A Agrario de murtinhos, e de rosas;
A Alicuto de hum fio de torcidos
Búzios, e conchas ruivas, e lustrosas.
Estavam na agua os peixes embebidos
Com as cabeças fóra, e quasi em terra
Os musicos delfijs estaõ perdidos.
Julgavam os Pastores, que na serra
O cume, e preço está do antigo canto;
Que quem o nega, contra as Musas erra.
Dizem os Pescadores, que outro tanto
Tem da sonóra frauta, quanto teve
O monte Pastoril da antigua Manto.

Mas já o Pastor de Adméto o carro leve
Molhava na agua amara, e compellia
A recolher a roxa tarde, e breve.
E foi fim da contenda o fim do dia.

ECLOGA VII.

INTERLOCUTORES.

SATYRO I. SATYRO II.

As doces cantilenas, que cantavam
Os semicapros deoses, amadores
Das Napéas, que os montes habitavam;
Cantando escreverei : que se os amores
A sylvestres deidades maltratáram,
Já ficam desculpados os Pastores.
Vós, Senhor D. Antonio, em quem achåram
O claro Apollo, e Marte, hum ser perfeito,
E suas altas mentes assignáram;
Se o meu engenho he rudo, ou imperfeito,
Bem sabe onde se salva, pois pertende
Levantar com a causa o baixo effeito.
Em vós minha fraqueza se defende;
Em vós instilla a fonte do Pegáso,
O que o meu canto por o Mundo estende.
Vedes que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estaõ na doce lira,

Tomando-me das mãos taõ alto caso.
Vedes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estirpe, e escurece,
O que a vosso louvor meu canto aspira.
Ou por me haver inveja me fallece,
Ou por naõ ver soar na frauta ruda,
O que a sonóra cithara merece.
Pois sei dizer, Senhor, que a lingua muda,
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmãa co' o pranto ajuda;
E em quanto Galatéa ao manso vento
Sólta os cabellos louros da cabeça,
E Tityro nas sombras faz assento,
E em quanto flor aos campos naõ falleça,
(Senaõ recebeis isto por affronta)
Fará que o Douro, e o Ganges vos conheça.
E já que a lingua nisto fica pronta,
Consenti que a minha Ecloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.
No cume do Parnaso, duro monte,
De sylvestre arvoredo rodeado,
Nasce huma crystallina, e clara fonte,
Donde hum manso Ribeiro derivado,
Por cima de alvas pedras mansamente
Vai correndo suave, e socegado.
O murmurar das ondas, excellente,
Os passaros incita, que cantando
Fazem o verde monte mais contente.

Taõ claras vaõ as aguas caminhando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem, huma e huma estar contando.
Naõ se veraõ em de redor pizadas
De fera, ou de Pastor, que alli chegasse,
Porque do espesso monte saõ vedadas.
Herva se naõ verá, que alli criasse
O monte ameno, triste, ou venenosa,
Senaõ que lá no centro as igualasse.
O roxo lirio a par da branca rosa,
A cecem pura, a flor que dos amantes
A côr tem magoada, e saudosa.
Alli se vem os myrtos circumstantes,
Que a crystallina Venus encobríram,
Escondendo-a dos Faunos petulantes.
Hortelãa, mangerona, alli respiram,
Onde nem frio Inverno, ou quente Estio,
As murcháram jámais, ou seccas víram.
Desta arte vai seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado, e o deserto,
Sempre com verdes arvores sombrio.
Aqui huma linda Nympha, por acerto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este lugar era encoberto:
Cansada já da caça vindo hum dia,
Quiz descansar á sombra da espessura,
E tirar nas mãos alvas, da agua fria.
A novidade vendo manifesta

Do sitio, e como as arvores co' o vento
As calmas defendiam da alta sésta,
  Das aves o lascivo movimento,
Que em seus módulos versos occupadas
As azas daõ ao doce pensamento.
  Tendo notado tudo, já passadas
As horas da grão sésta, se tornou
A buscar as irmãas no centro amadas.
  Despois que largamente lhes contou
Do naõ visto lugar, que perto estava,
E tanto por extremo a namorou;
  Que ao outro dia fossem, lhes rogava,
A lavar-se em aquella fonte amena,
Que taõ formosas aguas destillava.
  Já tinha dado hum giro a luz serena
Do grão Pastor de Adméto, e já nascia
Aos ditosos amantes nova pena:
  Quando as formosas Nymphas em porfia
Para o lugar do monte caminhavam,
Rompendo a manhãa roxa, alegre, e fria.
  De huma os louros cabellos se espalhavam
Por o formoso collo sem concerto,
E com mil nós suaves se enlaçavam.
  Outra levando o collo descoberto,
Por mais despejo em tranças os atára,
Havendo por pezado o desconcerto.
  Dinamene, e Ephire, a quem topára
Nuas Phebo em hum rio, e encobríram

Seus delicados corpos na agüa clara.
  Sirene, e Nise, que das mãos fugíram
Do Tégeo Pan; Amanta, e mais Elisa,
Destras nos arcos mais que quantas tiram.
  A linda Daliana, com Belisa,
Ambas vindas do Tejo; que como ellas
Nenhuma taõ formosa as hervas pisa.
  Todas estas angelicas donzellas,
Por o viçoso monte alegres hiam,
Quaes no Ceo largo as nitidas Estrellas.
  Mas dous sylvestres deoses, que traziam
O pensamento em duas occupado,
A quem de longe, mais que a si queriam:
  Naõ lhes ficava monte, valle, ou prado,
Nem arvore, por onde quer que andavam,
Que naõ soubesse delles seu cuidado.
  Quantas vezes os rios, que passavam,
Detiveram seu curso ouvindo os danos,
Que aos proprios duros montes magoavam!
  Quantas vezes amor de tantos anos
Abrandára qualquer vontade isenta,
Se em Nymphas corações houvesse humanos!
  Mas quem de seu cuidado se contenta,
Offereça de longe a paciencia,
Que amor de alegres mágoas se sustenta.
  Que o moço Idalio quiz nesta sciencia,
Que se compadecessem dous contrários
Diga-o quem tiver delle experiencia.

Indo os deoses, em fim, por montes varios,
Exercitando os olhos saudosos,
Ao crystallino rio tributarios;
Topáram dos pés alvos, e mimosos,
As pizadas na terra conhecidas,
As quaes foram seguindo presurosos.
Mas encontrando ás Nymphas, que despidas
Na clara fonte estavam, naõ cuidando
Que de alguem fossem vistas, ou sentidas;
Deixaram-se estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira,
Que vissem sem ser vistos, espreitando.
Porém a espessa mata mensageira
Da cilada dos dous, com o rugido
Dos raminhos de huma aspera aveleira,
Manifestando claro o escondido,
Todas huma alta grita levantáram,
Que o monte pareceo ser destruido.
Assi despidas logo se lançáram
Por a espessura taõ ligeiramente,
Que mais que o proprio vento entaõ voáram.
Qual o bando das pombas quando sente
A rapida aguia, cuja vista pura
Naõ obedece ao Sol resplandecente;
Empresta-lhe o temor da morte dura
Nas azas novo alento; e naõ parando,
Veloz rompendo o ar fugir procura:
Desta arte as deosas tímidas, deixando

De seu despojo os ramos carregados,
Nuas por entre as sylvas vaõ voando.
  Mas os amantes já desesperados,
Que para as alcançar, em fim, se viam
Nada dos pés caprinos, ajudados;
  Com amorosos brados as seguiam.
Hum só (que o outro ainda naõ tomava
Folego algum da pressa que traziam)
Desta sorte sentido se queixava.

SATYRO PRIMEIRO.

  Ah Nymphas fugitivas,
Que só por naõ usar humanidade,
Os perigos dos matos naõ temeis!
Para que sois esquivas?
Que inda de nós naõ peço piedade,
Mas dessas alvas carnes, que offendeis:
Ah Nymphas! Naõ vereis,
Que Eurydice fugindo dessa sorte,
Fugio do amante, e naõ da fera morte?
Tambem assi Eperie foi mordida
Da vibora escondida.
Olhai a serpe occulta na herva verde.
Quem o rigor naõ perde, perde a vida.
  Que tigre, ou que leaõ,
Que peçonhenta fera venenosa,
Ou que inimigo, em fim, vos vai seguindo?

De hum brando coraçaõ,
Que preso dessa vista rigorosa
De si para vós foge, andais fugindo?
Olhai, que em gesto lindo
Naõ se consente peito taõ disforme,
Senaõ quereis, que tudo se conforme.
Postoque bellas na agua vos vejais,
A' fonte naõ creais,
Que vos traz enganadas por vingança
Desta nossa esperança, que enganais.
Mas ah! Que naõ consinto,
Que nem palavra minha vos offenda,
Postoque me desculpe a mágoa pura.
Digo, Nymphas, que minto:
Pois mal póde haver nunca quem pertenda
Negar-vos essa rara formosura.
Se amor de tanta dura
Por tanto mal taõ pouco bem merece,
Naõ estranheis, minha alma se endoudece:
Que se doudices falla de improviso,
Sem tento, e sem aviso,
Queira Deos, que dureza taõ crescida
Me naõ prive da vida além do siso.
Cousas grandes, e estranhas,
Por o Mundo tem feito, e faz natura,
Que a quem vos naõ vio, Nymphas, muito espantam.
Nas Libycas montanhas
As Scitales saõ feras, de pintura

Taõ singular, que só co' a vista encantam.
As hienas levantam
A voz taõ natural á voz humana,
Que a quem as ouve, facilmente engana.
E vós (ó gentis feras) cujo aspeito
O Mundo tem sujeito,
Tendes de natureza juntamente
A vista, e voz de gente, e fero o peito.
Das amorosas leis,
Com que liga natura os corações,
Andais fugindo (ó Nymphas) na espessura?
Como? E naõ vos correis
De haver em vós taõ duras condições,
Que possam mais que a próvida natura?
Se vossa formosura
He sobrenatural, naõ he forçado,
Que assi tenha tambem o peito irado:
Antes ao puro amor, em cuja maõ
Os corações estaõ,
Por vossa gentileza taõ formosa,
Lhes deveis amorosa condiçaõ.
Amor he hum brando affecto,
Que Deos no Mundo poz, e a natureza,
Para augmentar as cousas que creou.
De amor está sugeito,
Tudo quanto possue a redondeza:
Nada sem este affecto se gérou.
Por elle conservou

A causa principal o Mundo amado,
Donde o pai famulento foi deitado.
As causas elle as ata, e as confórma
Com o Mundo, e refórma
A materia. Quém ha que naõ o veja?
Quanto meu mal deseja sempre fórma.
  Entre as plantas do prado
Naõ ha machos, e femias conhecidas,
Que junto huma da outra permanece?
Naõ estaõ carregados
Os ulmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?
Naõ vedes, que padece
Tanta tristeza *a rola por a morte*
Da sua amada, *e unica consorte?*
Pois lá no Olympo, a quantos captivou
Cupido, e maltratou?
Melhor que eu o dirá a subtil donzella,
Que já na sua téla o debuxou.
  Ah caso grande, e grave!
Ah peitos de diamante fabricados!
E das leis, absolutas, naturaes!
Aquelle amor suave;
Aquelle poder alto, que forçados
Os deoses obedecem, desprezais?
Pois quero que saibais,
Que contra o fero amor nunca houve escudo.
Costume he seu tomar vingança em tudo.

Eu vos verei lançar em hum momento
Suspiros mil ao vento,
Lagrimas, triste pranto, e nova dor,
Por quem tenha outro amor no pensamento.
Mais quizera dizer
O desditoso amante, que ajudado
Se via entaõ da mágoa, e da tristeza;
Mas foi-lho defender
O outro companheiro, como irado,
Com taõ disforme, e aspera dureza.
Aquillo que a rudeza
De huma sciencia agreste lhe ensinára,
Disse, qual se em tal ponto despertára,
De horrendo sonho com pezado grito.
O mais que alli foi dito,
Vós, montes, o direis; e vós, penedos;
Que em vossos arvoredos anda escrito.

SATYRO SEGUNDO.

Nem vós nascidas sois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamastes,
Mas de alguma disforme fera Hyrcana:
Lá no Caucaso horrendo vos criastes:
De aqui trouxestes a aspereza insana;
De aqui os calidos peitos congelastes.
Sois Esphinges nos gestos naturais,
Que de humanas os rostos só mostrais.

Se vós fostes criadas na espessura,
Onde naõ houve cousa que se achasse,
Agua, pedra, arbor, flor, ave, alma dura,
Que em seu passado tempo naõ amasse;
Nem a quem a affeiçaõ suave, e pura,
Nessa presente fórma naõ mudasse;
Porque naõ deixareis tambem memoria
De vós em namorada, e longa historia?

Olhai como na Arcadia, soterrando
O namorado Alpheo sua agua clara,
Lá na ardente Sicilia vai buscando
Por debaixo do mar a Nympha chara.
Assi tambem vereis passar nadando
Atys, que Galatéa tanto amára,
Por onde do Cyclope a grande mágoa
Converteo do mancebo o sangue em agoa.

Virai os olhos, Nymphas, á Erycina
Espessura; vereis alli mudar-se
Egeria, e em fonte clara, e crystallina,
Por a morte de Numa distillar-se.
Olhai, que a triste Byblis vos ensina,
Com perder-se de todo, e transformar-se
Em lagrimas, que, em fim, puderam tanto,
Que accrescentáram sempre o verde manto.

E se entre as claras aguas houve amores,
Os penedos tambem foram perdidos.
Olhai os dous conformes amadores
Lá no monte Ida em pedra convertidos.

Lethéa, por cahir em vãos errores
De sua formosura procedidos;
Oleno, porque a culpa em si tomava,
Por escusar a pena a quem amava.
 Tomai exemplo, e vede em Cypro aquella,
Por quem Iphis no laço poz a vida.
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Juno consumida:
E se queixar-se quer de sua estrella,
A voz extrema só lhe he concedida.
E tu tambem (ó Daphnis) que trouxeste
Primeiro ao monte o doce verso agreste.
 Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,
Que em inimiga, em fim, se foi tornando:
Porque outra Nympha estranha já o sogiga,
Suas magicas hervas vai buscando.
Olhai a quanto a crua dor obriga!
Por vingar-se assi irada, transformando
O foi em pedra. Oh dura confusaõ!
Despois lhe pezaria; mas em vaõ.
 Olhai (Nymphas) as arvores alçadas,
A cuja sombra andais colhendo flores,
Como em seu tempo foram namoradas,
Do que inda agora o tronco sente as dores.
Vereis entre as de fructo matizadas:
Como a côr das amoras he de amores:
O sangue dos amantes na verdura
Testimunha de Tisbe a sepultura.

E lá por a odorifera Sabéa,
Naõ vedes, que de lagrimas de aquella,
Que com seu pai se junta, e se recrêa,
Arabia se enriquece, e vive della?
Lembrai-vos da verde arvore Penéa,
Que foi já n'outro tempo Nympha bella;
E Cyparisso angelico mancebo;
Ambos verdes com lagrimas de Phebo.

De Phrygia vede o moço delicado,
No mais alto arvoredo convertido,
Que tantas vezes fere o vento irado,
Galardaõ de seus erros merecido:
Pois da alta Berecynthia sendo amado,
Por huma Nympha baixa foi perdido:
E a deosa, a quem perdeo do pensamento,
Quiz que tambem perdesse o entendimento.

O subito furor lhe figurava,
Que as arvores, e os montes se cahiam:
Já dos pudicos membros se privava,
Que os horrores a tanto o constrangiam.
Já no indignado monte se lançava,
De sua morte as feras se doiam.
Desta arte perdeo Atys na espessura,
Despois de tantas perdas, a figura.

Lembre-vos, quando as gentes celebravam
Em Grecia as grandes festas de Liêo,
Onde as formosas Nymphas se juntavam,
E os sacros moradores do Licêo:

Todos em doce somno se occupavam
Por o monte, despois que anoiteceo:
Mas o deos do Hellesponto naõ dormia;
Que hum novo amor o sono lhe impedia.
  Mas ella, em fim, os braços estendendo,
Em ramos se lhe foram transformando:
Em raizes os pés se vaõ torcendo,
E nome Loto só lhe vai ficando.
Vede, Napéas, este caso horrendo,
Que vos está de longe ameaçando.
Assi tambem de aquella, a quem seguia
O sacro Pan, a fórma se perdia.
  Que vos direi de Filis, pois perdida
Da saudosa dor, com que vivia,
A desesperaçaõ, em fim, trazida
Do comprido esperar de dia em dia?
Por desatar do corpo a triste vida,
Atava ao collo a cinta que trazia;
Mas o tronco sem folha por o monte
Rhodope, abraça o lento Demofonte.
  Nas boninas tambem vereis Jacinto,
Por quem Phebo de si se queixa em vão:
Vereis o monte Idalio em sangue tinto
Do neto de seu pai, da mai irmão.
Chora Venus a dor do moço extinto;
Maldiz o Ceo, e a terra, com razão;
A terra, porque logo naõ se abrio;
O Ceo, porque tal morte permitio.

E tu, constante Clicie, a quem fallece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante, que de ti se esquece,
Se esquecem os teus olhos saudosos.
Nenhum alegre estado permanece,
Que são do Mundo os gostos mentirosos;
E á tua clara luz, por quem suspiras,
Ainda agora em herva a folha víras.

Trago-vos estas cousas á lembrança,
Porque se estranhe mais vossa crueza,
Com ver que a criaçaõ, e longa usança
Vos naõ perverte, e muda a natureza.
Dou as lagrimas minhas em fiança,
Que em tudo quanto está na redondeza,
Cousa de amor isenta, se attentais,
Em quanto vos naõ virdes, naõ vejais.

Já disse, que de amor sempre tiveram
As cousas insensiveis pena, e gloria:
Vede as sensiveis como se perdêram,
E dir-vos-hei das aves larga historia.
As penas, que em sua alma se soffrêram,
Nas azas lhes ficáram por memoria:
E aquelle altivo, e leve movimento,
Lhes ficou do voar do pensamento.

O doce rouxinol, e a andorinha,
Donde lhes veio o ir-se transformando,
Senaõ do puro amor que o Thracio tinha,
Que em poupa ainda a amada vai chamando?

Clama sem culpa a misera avezinha,
Que na arêa de Phasis habitando,
Do rio toma o nome; e quando clama,
Cruel á māi, ao pai injusto, chama.
  Vede a que engeitou Pallas por fallar,
Que dos amores he maior defeito,
E aquella, que succede em seu lugar,
Ambas aves de amor usado effeito.
Huma, porque fugia ao deos do mar;
Outra, porque tentára o patrio leito:
E Scylla, que a seu pai poz em perigo,
Só por ser muito amiga do inimigo.
  E Pico, a quem ficáram inda as côres
Da purpura Real, que antes vestia.
Esaco, que o seguir de seus amores
O trouxe a ver taō cedo o extremo dia.
Ou vede os dous taō firmes amadores,
Que amor aves tornou na praia fria:
Do Rei dos ventos era genro o triste;
Mas contra o fado, em fim, nada resiste.
  Estava a triste Halcyone, esperando
Com longos olhos o marido ausente;
Mas os ventos indomitos soprando,
Nas aguas o affogáram tristemente.
Em sonhos se lhe está representando;
Que o coraçaō preságo nunca mente:
Só do bem as suspeitas mentiráō,
Mas as do mal futuro certas saō.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaia;
Buscando o mar com elles hia, e vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praia;
Sem alma o corpo achou, que na alma tinha.
O' Nereïdas do Egeo, consolai-a,
Pois este pio officio vos convinha.
Consolai-a; sahi das vossas agoas;
Se consolaçaõ ha em grandes mágoas.

Mas oh nescio de mi, que estou fallando
Das avezinhas mansas, e amorosas!
Pois tambem teve amor natural mando
Entre as feras montezes venenosas.
O leaõ, e a leoa, como, ou quando
Taes fórmas alcançáram temerosas?
Sabe-o da deosa Dindymene o Templo,
E a que a Adonis o dava por exemplo.

Quem fosse a mansa vacca di-lo-hia,
Mas o grão Nilo o diga, pois a adora.
Que fórma teve a Ursa, saber-se-hia
Do Pólo Boreal, onde ella mora.
O caso de Acteon tambem diria
Em cervo transformado; e melhor fora
Se dos olhos perdêra a vista pura,
Que em seus galgos achar a sepultura.

Tudo isto Acteon vio na fonte clara,
Onde a si de improviso em cervo vio:
Que quem assi desta arte alli o topára,
Que se mudasse em cervo permittio.

Mas como o triste Principe em si achára
A desusada fórma, se partio.
Os seus, desconhecendo-o, o vaõ chamando,
E tendo-o alli presente, o vaõ buscando.
Co' os olhos, e co' o gesto lhes fallava;
Que a voz humana já perdida tinha.
Qualquer delles por elle entaõ chamava,
E a multidaõ dos cães contra elle vinha.
Hum cervo acude a ver (qualquer gritava)
Acteon, donde estás? Acude asinha.
Que tardar tanto he este? (repetia)
He este, he este, o eco respondia.
Quantas cousas em vão estou fallando
(Oh Napéas esquivas!) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu damno tanto só deseja.
Pois por mais que de mi me andeis tirando,
E por mais longa, em fim, que a vida seja
Nunca em mi se verá tamanha dor,
Que amor a naõ converta em mais amor.
Aqui (formosas Nymphas) vos pintei
Todo de amores hum jardim suave;
De aguas, de pedras, de arvores contei,
De flores, de almas feras, de huma, outra ave.
Se este amor, que no peito aposentei,
Que dos contentamentos tem a chave,
Por dita em tempo algum determinasse,
Que de taõ longos damnos vos pezasse:

Quanto mais devagar vos contaria
De minha larga historia, e naõ alhea,
E com quanta mais agua regaria,
Que o rio, de contente, a branca aréa?
Novo contentamento me seria,
Formar de meu cuidado a nova idéa:
E vós gostando deste estado ufano,
Zombarieis entaõ de vosso engano.
Mas com quem fallo já? Que estou gritando,
Pois naõ ha nos penedos sentimento?
Ao vento estou palavras espalhando;
A quem as digo, corre mais que o vento.
A voz, e a vida, a dor me está tirando,
E o tempo naõ me tira o pensamento.
Direi, em fim, ás duras esquivanças,
Que só na morte tenho as esperanças.
Aqui sentido o Satyro, acabou
Com hũus soluços que a alma lhe arrancavam:
Os montes insensiveis que abalou,
Nas ultimas respostas o ajudavam.
Entaõ Phebo nas aguas se encerrou
Co' os animaes que o Mundo allumiavam;
E co' o luzente gado appareceo
A candida Pastora por o Ceo.

ECLOGA VIII.

PISCATORIA.

SERENO SÓ.

ARDE por Galatéa branca, e loura,
Sereno Pescador pobre, forçado
De huma estrella, que quer á mingoa moura:
Os outros Pescadores tem lançado
No Tejo as redes; elle só fazia
Este queixume ao vento descuidado:
Quando virá (formosa Nympha) hum dia,
Em que te possa dar a conta estreita
Desta doudice triste, e vãa porfia?
Naõ vês, q̃ me foge a alma, e q̃ me engeita,
Buscando em hum só riso de essa boca,
Nos teus olhos azues mansa colheita?
Se ao teu esprito alguma mágoa toca,
Se de amor fica nelle huma pégada,
Que te vai, Galatéa, nesta troca?
Dar-te-hei minha alma: lá ma tẽes roubada:
Naõ ta demandarei: dá-me por ella
Huma só volta de olhos descuidada.
Se muito te parece, e minha estrella
Naõ consentir ventura taõ ditosa,
Dou-te as azas do amor perdidas nella.

Que mais te posso dar, Nympha formosa,
Inda que o mar de aljofar me cubríra
Toda esta praia léda, e graciosa?
Amansam-se ondas, quebra o vento a ira;
Minha tormenta só nunca socega:
O meu peito arde em vaõ, em vão suspira.
Anda no romper da alva a nevoa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto o Solar raio lhe naõ chega.
Eu vendo apparecer outros formosos
Raios, que a graça, e côr ao Ceo roubáram,
Se os olhos cegos vi, vejo saudosos.
Quantas vezes as ondas se encrespáram
Com meus suspiros! Quantas com meu pranto
As fiz parar de mágoa, e me escutáram!
Se na força da dor a voz levanto,
E ao som do remo, que agua vai ferindo,
Per ante a Lũa meu cuidado canto;
Os maviosos delfijs me estaõ ouvindo;
A noite socegada; o mar callado:
Tu só foges de ouvir-me, e te vás rindo.
Estranhas, por ventura, o mar cercado
Da fraca rede; a barca ao vento solta;
E hum pobre Pescador a qui lançado?
Antes que o Sol no Ceo cerre huma volta
Se póde melhorar minha ventura,
Como a outros succede na agua envolta.
Igual preço naõ he da formosura

De ouro a arêa, que o rico Tejo espraia,
Mas hum amor, que para sempre dura.
Vejam teus olhos (bella Nympha) a praia;
Verás teu nome na mimosa arêa.
Nunca sobre elle o mar com furia saia!
Vento algum até agora o naõ saltêa:
Tres dias ha, que escripto aqui o deixou
Amor, e o véda a toda força alhêa.
Elle com suas mãos proprio ajudou
A escolher estas conchas, affirmando,
Que o Sol para ti só as matizou.
Hum ramo te colhi de coral brando;
Antes que o ar lhe désse, parecia
O que de tua boca estou cuidando.
Ditoso se o soubesse inda algum dia!

ECLOGA IX.

DE LUIS DE CAMÕES,

PISCATORIA.

USURPADA POR DIOGO BERNARDES; HE A UNDECIMA NO SEU LIMA.

Despois que o leve barco ao duro remo,
Onde menos das ondas se temia,
Atou o Pescador, pobre Palemo:

Em quanto as negras redes estendia
Seu companheiro Alcaõ na branca arêa,
E Lico as longas cordas envolvia:
De cima de huma rocha, a qual rodêa
O mar, quebrando nella de contino,
Começou a chamar por Galatéa.
Deixa o molle licor, e crystallino,
(Dizia) ó Nympha, já que o Sol deseja
Enxugar teu cabello de ouro fino.
Inda que tem de ti taõ grande inveja,
Naõ temas que te queime o rosto brando;
Basta para abrandar-se que te veja.
Naõ te detenhas mais, vem já cortando
Com teu candido peito as brancas ondas,
Escumas menos brancas levantando.
Dar-te-hei (com condiçaõ que naõ te escondas
De mi lá nessas humidas moradas,
E que algum'hora, branda me respondas.)
Mil conchas n'hum cordaõ verde enfiadas,
Todas de huma feiçaõ, naõ de huma côr;
Pois dellas saõ azues, dellas rosadas.
Aindaque seja pobre Pescador,
Naõ sei se em desprezar-me muito acertas,
Pois rico do amor teu me fez amor.
Para ti n'outras praias mais desertas
Irei pescar, por entre pedras duras,
Que sempre verde musgo tem cobertas;
As pardas ostras, onde gottas puras

De fresco orvalho dentro endurecidas,
Naõ podem da cobiça estar seguras.
Porque deixas de vir? Porque duvídas?
Por ventura de algum meu companheiro?
Inda as redes ao Sol tem estendidas.
Toda a noite pescáram, e primeiro
Querem dormir a sésta nesta praia,
Que o barco polo mar levem ligeiro.
Eu vigiando aqui, como atalaia
Te chamarei, até que de cansado
Hum dia desta rocha abaixo caia.
Deixando este lugar taõ infamado
Com minha morte, que dos marinheiros
Com o dedo de lá será mostrado.
Diraõ os naturaes, e os Estrangeiros:
Alli morreo Palemo. Ai triste historia!
Guardai a nao de alli, ventos ligeiros.
Antes que tal succeda, vê que gloria
Alcanças com deixar aos navegantes
Da tua ingratidaõ esta memoria.
Dà nossa differença naõ te espantes:
Tu Nympha; eu Pescador: Glauco, deos vosso,
Qual eu agora sou, tal era de antes.
Tambem eu entre as hervas achar posso
Aquella, a quem o Ceo deo tal virtude,
Que muda n'outro ser este ser nosso.
Mas este amor, que eu cá mudar naõ pude,
Inda que vá a morar lá nessas agoas,

Naõ temas que a mudança em mi o mude.
  Seraõ as vivas ondas vivas fragoas,
Em que estarei ardendo noite, e dia,
Senaõ tiveres dó de tantas mágoas.
  As horas naturaes da pescaria
Naõ vês que vaõ passando? Como as passas?
Quem deste passatempo te desvia?
  Ah rigorosa Nympha! Ah! Naõ me faças
Dar em vão tantos gritos: vem, iremos
Ambos a levantar as verdes naças.
  Ambos os anzoes curvos cobriremos
De mentirosas iscas, com que os peixes
A todo prazer nosso prenderemos.
  Assi de amor cruel nunca te queixes,
E de essa formosura ás mais formosas
Nymphas do mar azul vencidas deixes:
  Que venhas (pois por ti com saudosas
Lagrimas vou gastando a vida, e alma)
A tirar-me esperanças duvidosas.
  A praia está callada, o mar em calma:
Por cima desta rocha brandamente
Zéphyro respirando a desencalma.
  Aqui naõ sinto cousa certamente
Porque deixes de vir, como soias,
Senaõ, que naõ es tu disso contente.
  Se desgostas das grossas pescarias,
Marisco appetitoso aqui naõ falta,
Já sejam Lũas cheias, já vasias.

Polos pés desta rocha dura, e alta,
Irei eu despegando hũus como pés
De hum pequeno animal, que nella salta.
E vivos te darei (se delles es
Amiga) mil cangrejos vagarosos,
Que verás ir andando de revés.
Naõ te darei ourizos espinhosos,
Porque te quero tanto, que receo
Que esses teus dedos piquem taõ mimosos.
Faz de aqui perto o mar hum largo seo,
Onde de ameijoas lisas, sem trabalho,
Podemos apanhar hum cesto cheo.
Mas álêm de tudo isto hum crespo galho
De vermelho coral te darei logo,
Que por dita arrastou o meu tresmalho.
Mas ai, q̃ em vão te chamo, em vão te rogo,
Que nem tu a meus rogos tẽes respeito,
Nem eu, por mais que grite, desaffogo.
Hum coraçaõ em lagrimas desfeito,
Como já naõ te abranda? Quem encerra
Crueza tal em taõ formoso peito?
Naõ reina amor no mar, como na terra?
Bem sabes que mil vezes já venceo
A Neptuno teu Rei em clara guerra.
Sua formosa mãi onde nasceo,
Se naõ no proprio mar em que te banhas,
Onde Tethys por Pelio em fogo ardeo?
Se das pedras nascesses nas montanhas,

Se com leite de tigres te criáras,
Mais duras naõ tiveras as entranhas.
  Apparecêras tu, e entaõ tornáras
Logo a esconder-te, logo, se quizeras
Nas ondas, que de ti me saõ avaras.
  Com huma mostra só que de ti deras,
A vida, que me foge em naõ te vendo,
Co' os teus formosos olhos detiveras.
  Entaõ viras os meus, donde correndo
De lagrimas se vem dous largos rios,
Que o mar tambem em si vai recolhendo.
  Ah nescio Pescador! Que desvarios
Me deixo aqui dizer! A quem os digo!
A surdas ondas já, já a ventos frios.
  Elles, e ellas já crescem : já em perigo
O barco vejo : ai, ei-lo combatido!
Ellas, e elles o levam já comsigo.
  Olhos que lá me tendes o sentido;
A culpa he vossa só, que me naõ vedes.
Mas pois o Pescador anda perdido,
  Perca-se o barco seu, percam-se as redes.

ADVERTANCIA DE FARIA.

Ha em toda esta Ecloga muitas cousas, que estaõ no manuscripto differentes, do que se vê na impressaõ de Bernardes: naõ

as aponto por naõ ser necessario: esta vai conforme ao mesmo manuscripto, porque nelle estaõ melhoradas algumas dellas. Isto mesmo digo das quatro que se seguem, pelo naõ dizer em cada huma. Em todas apontarei sómente os lugares, em que houver alguma consideravel differença, ou alteraçaõ.

ECLOGA X.

DE LUIS DE CAMÕES,

PISCATORIA.

USURPADA POR DIOGO BERNARDES; HE A DECIMA-TERCEIRA NO SEU LIMA.

Encheo do mar azul a branca praia
Meliso Pescador, de mil querellas;
Meliso, que por Lilia arde, e desmaia.
Despois que á luz da Lũa, e das estrellas,
Sobre dura fatexa o barco posto,
As redes recolheo, remos, e vellas:
Que gosto, ó Lilia, (disse) ou que desgosto
Te move a me negar, vendo qual ando,
Teus olhos côr de Ceo, teu alvo rosto?

Se tu queres que pene desejando;
Se queres qûe no mar em fogo viva,
Ardendo sempre estè, sempre penando.
Mas olha, ó branda Lilia, (antes esquiva)
Que naõ merece ser taõ mal tratada
Huma alma, desses olhos taõ captiva.
Vives dos meus cuidados descuidada:
Coitado de quem traz a duvidosa
Vida no mar, e terra aventurada.
Bem podes com razaõ ser piedosa
Com quem naõ quer mór bem, q̃ bem quererte;
Naõ sendo taõ cruel como es formosa.
Ora deixa já ingrata, deixa ver-te
A meus cansados olhos, que de tantas
Lagrimas saõ movidos, sem mover-te.
Se tu me vences, e se tu me encantas
Com tua doce falla, doce riso,
Porque foges de mi, porque te espantas?
Lembre-te a formosura de Narciso,
E qual pago lhe deo seu desamor:
Olha que com amor, disto te aviso.
Mas quando essa crueza tanta for,
Que mereça do Ceo novo castigo,
Qual herva será digna de tal flor?
Amor que me persegue, amor que sigo,
Me faz de hum grave mal andar temendo;
De hum mal, q̃ eu sinto na alma, e q̃ naõ digo.
Quanto mais lédo já te estive vendo,

Aqui as mansas ondas esperando,
Que por chegar a ti vinham correndo;
E da molhada arêa despegando
Com a candida mão roxas conchinhas,
A fórma do teu pé nella deixando?
Daquellas, de que tu mais gosto tinhas,
Muitas te trago aqui, postoque temo,
Que menos o terás por serem minhas.
Hum temor tal me chega a tal extremo,
Que vencido do triste esquecimento,
No mar me cahe da mão o duro remo.
E quando a branca véla sólto ao vento,
Taõ descuidado vou do fiel leme,
Que me leva a perder meu pouco tento.
Mas quem arde por ti, quem por ti treme,
Os seus maiores riscos naõ receia,
Os teus que sente mais, muito mais teme.
Despois que te naõ vi, (naõ sei que creia
Desta tardança tua, e morte minha)
Sendo a Lũa vasia, he quasi cheia.
O tempo, que nos gostos passa asinha,
Detem-se neste mal da saudade,
Por me dobrar a dor que d'antes tinha.
Naõ desprezes, ó Lilia, huma vontade,
Que por te contentar tudo despreza;
Tudo julga, sem ti, por pouquidade.
Se pertendes amor, já tẽes certeza
Que naõ podes ser nunca mais amada

Dos que vencidos traz tua belleza.
  Se por ventura estás affeiçoada
A gentil parecer, a bom engenho,
A ninguem nestas partes devo nada.
  Se fazes caso de honra, olha que venho.
De geraçaõ de honrados Pescadores;
Se de riqueza, barco, e redes tenho.
  Por erros julgarás estes louvores:
E oxalá naõ os julgues por doudice:
Mas quem siso quer ter naõ tenha amores.
  E mais tudo foi pouco quanto disse,
Pondo os olhos no muito que meu fado
Nos teus, que ver desejo, quiz que visse.
  Aconteceo-me hum caso desusado,
(Inda que de huma cousa n'outra salto)
Digno, por ser de amor, de ser contado.
  Pescando hontem á tarde no mar alto,
Suspenso nessa rara formosura,
A quem com mil lembranças nunca falto:
  Comecei a cantar: Lilia, mais dura
Que a mais inculta rocha, rodeada
Do mar, de cujo encontro está segura:
  Mais alva que jasmijs: e mais córada
Que purpureas cerejas polo Maio:
Mais loura que manhãa desentrançada:
  Naõ vês (dizer queria) que desmaio,
Quando (cousa que mal me será crida)
No mar, vencido de hum, do barco caio?

Alli tivera fim a triste vida,
Se de hum brando delfi, que me escuitava,
Naõ fora, por ser tua, soccorrida.
Parece que tambem vencido estava
Do mal de que me via andar vencido,
Quem em tamanho risco me ajudava.
Trouxe-me sobre si adormecido,
Nadando ao som das ondas mansamente,
Até que me sentio em meu sentido.
Livre deste mortal, bravo accidente,
Tal foi o espanto meu, tal meu temor,
Que de outro me livrei escaçamente.
Mas logo o amoroso nadador
Me poz junto do barco, que taõ perto
Esteve de ficar sem Pescador.
O Sol era de todo já coberto,
Quando eu, entrando nelle, sahi fóra
Do perigo, onde tive o fim taõ certo.
Porém outro maior me causa agora,
De que mal sahirei, se te naõ vir
Amanhecer aqui co' a nova Aurora.
Naõ póde ella tardar em descobrir
As suas louras tranças desatadas,
Das quaes as tuas bem se podem rir.
Pois por cima das ondas acordadas
As Halcyóneas ouço lamentar-se,
Do seu antigo damno inda lembradas.
E sinto o fresco orvalho derramar-se

Mais congelado, e frio: e Venus bella
Polo Oriente já vejo levantar-se.
Bem podes, Lilia, competir com ella,
E com Pallas, e Juno, em gentileza;
Em amor naõ, pois elle nasceo della.
Desterrou-o de ti tua aspereza,
Que desterra de mi prazer, e vida,
Deixando em seu lugar mágoa, e tristeza.
No silencio da noite, que convida
A descanço commum, tanto me cança,
Que naõ sei se remedio ou morte pida.
Se tu quizesses dar-me huma esperança
De te servir de mi, ou tarde, ou cedo,
Nunca me negaria o mar bonança.
Polas inchadas ondas, que põe medo,
Eu só, sem mais ajuda, levaria
Sempre á força de braço o barco quedo.
Taõ seguro por ellas andaria,
Como polo seu campo o Lavrador,
No mais quieto, claro, e bello dia.
Olha que naõ ha destro Pescador,
Que mais manhoso as redes desencolha,
Nem os tortos anzoes isque melhor.
Os peixes deixarei em tua escolha:
Aquelles de que fores mais amiga,
Nunca te faltaráõ de folha a folha.
Naõ sei, Lilia formosa, que mais diga,
Que mova amor em ti, que mova mágoa;

Sei que mágoa, e que amor a mais obriga.
Mas antes que o Sol dê naquella frágoa,
Onde meus ais dilata a triste Ecco,
Vou-me segurar mais o barco na agoa,
Porque de baixamar naõ fique em secco.

ECLOGA XI.

DE LUIS DE CAMÕES.

FOI ESCRIPTA DEPOIS QUE VOLTOU DA INDIA, QUE FOI NO ANNO DE 1569.

USURPADA POR DIOGO BERNARDES; HE A DECIMA-QUINTA NO SEU LIMA.

INTERLOCUTORES.

ANZINO, E LIMIANO.

ANZINO.

Parece-me, Pastor, se mal naõ vejo,
Que já te vi mais lédo andar outr'hora
Nos largos campos do famoso Tejo.

LIMIANO.

Podia ser; que muito tempo fóra
Andei desta ribeira, patria minha,

Onde triste me vez andar agora.
Tinha lá para mi, que a vida tinha
Mais socegada cá, e mais segura,
Entre os meus, que com gosto a buscar vinha.
Foi d'outro parecer minha ventura:
Discordias sós achei, e achei dureza,
Em lugar de socego, e de brandura.
Achei as boas leis da natureza
Vencidas do interesse; e a gente cega,
Tanto, que mais que o sangue, o gado préza.
Dizem, que quando o mar bonança nega,
Correndo vai aquella nao mór prigo,
Que á desejada terra mais se chega.
Assi me aconteceo ami comigo;
Seguro sempre ao longe, sempre lédo;
Triste ao perto, e tratado como imigo.

ANZINO.

Sempre (podes-me crer este segredo)
Desejei de te ver: mas com desgosto,
Inda te naõ quizera ver taõ cedo.
Prestando para cousas de teu gosto,
Como camaleaõ naõ mudo côres;
Qual he meu coraçaõ tal he meu rosto.

LIMIANO.

Naõ saõ logo assi, naõ, outros Pastores,
Que de promessas vãas te fazem rico,
E nunca fructo daõ, tudo saõ flores.
Mas desejo saber com quem pratico,

Porque naõ caia em falta, e porque entenda
A quem tamanho amor devendo fico.

ANZINO.

Antes que tempo nisso se dispenda,
Busquemos hum lugar mais fresco, e frio,
Que da calma, que cahe, bem nos defenda.

LIMIANO.

Vamos alli, que alli bosque sombrio
Nos dará fresco abrigo, assento o prado,
Formosa vista o valle, o monte, o rio:
O rio, que verás taõ socegado,
Que te parecerá que se arrepende
De levar agua doce ao mar salgado.
Nem cabra, nem ovelha, alli offende
Herva, folha, nem flor, ou ferro duro;
A planta polo ar livre se estende.
Verás cahindo em gottas crystal puro,
No vão de huma caverna carcomida,
Por entre o musgo molle, verde escuro.

ANZINO.

Quem traz á saudade a alma rendida,
A saudade busca, onde descansa;
Mas o descánso della encurta a vida.
Com tudo, quem do Ceo na terra alcansa
Poder gozar-se desta liberdade,
Que mais deseja ter? Que mais o cansa?
Affirmo-te de mi esta verdade,
Que muitos valles vi, muitas ribeiras,

Mas esta me dobrou a saudade.
  Oh que viçosas murtas! Que oliveiras!
Que freixos! Como estaõ de hera cingidos!
Quantas voltas lhes dá, de mil maneiras!
  Os lirios junto da agua bem nascidos,
Quanta graça que tem entre as boninas,
Sem ordem, com mais graça, entremetidos!
  Vem encrespando as aguas crystallinas
A branda viraçaõ; a folha treme;
O movimento a penas determinas.
  A rola seu amor suspira, e geme:
Escondida se queixa Philomella:
Parece que do campo inda se teme.
  Espanta a quem se atreve ver aquella
Rocha por cima da agua pendurada,
Como já se naõ deixa cahir nella.
  O' ribeira do Lima, celebrada
De mil brandos espritos sempre sejas;
Sempre de brandas Nymphas povoada.
  Fujam longe de ti duras invejas;
Peçonha de Pastores, morte sua;
Tudo sintas amor, tudo amor vejas.
  De dia o claro Sol, de noite a Lua,
Em teu favor inspirem de maneira,
Que sempre fertil seja a praia tua.
  Tornando, em fim, á pratica primeira,
Por dar-te, como queres, de mi conta;
Larga ta quero dar, e verdadeira.

Apartar-te do gado leva em conta,
Que pois com elle fica o Pegureiro,
Que te detenha hum pouco, pouco monta.
O meu nome he Anzino: fui vaqueiro
Na grão serra da Estrella, que naõ tive;
Naõ sei se natural, ou se Estrangeiro.
Hum Pastor me criou, que já naõ vive;
De todos por seu filho era julgado;
E eu tambem neste engano hum tempo estive.
Até que delle soube ser achado
Em huma anzina envolto em pobres panos;
E de aqui veo, que Anzino fui chamado.
Neste meu desengano outros enganos
Fundou de novo a pouca dita minha,
Com que o vim a servir mais de sete annos.
Tinha muito de seu, e mais naõ tinha
De filhos, que huma filha bem formosa,
A' qual por morte delle tudo vinha.
Conversaçaõ domestica, e damnosa,
Na livre formosura, e tenra idade,
Em ambos accendeo chamma amorosa.
Como ella de mi soube esta verdade,
Com outro amor, com outros exercicios,
Nella ganhei de novo outra vontade.
Amor mestre me fez de mil officios,
Para meio do fim que desejava;
E delle signal davam mil indicios.
Tecia alvos cestinhos quando andava

Com as vaccas no prado; á noite hum cheo
De fructa, outro de flores lhe levava.
  Nas mangas muitas vezes, e no seo:
As nozes lhe levei com as castanhas,
Quer do souto do pai, quer d'outro alheo.
  Nos intricados bosques, nas montanhas,
Por seu amor as feras perseguia,
Forças agora usando, agora manhas.
  Vivos os mansos cervos lhes trazia;
Vivas medrosas lebres fugitivas:
Ligeireza de pés naõ lhes valia.
  Mas se lhe dava as mansas feras vivas,
Mortas lhe dava as que por natureza,
Sem domar-se, saõ bravas, ou esquivas.
  Certo dia achei eu n'huma aspereza,
Sem mãi hum cervo branco, e pequenino,
Trouxe-lho, ella o criou, inda hoje o préza.
  Ou já criaçaõ seja, ou já destino,
Tanto que naõ o vê, geme, e suspira:
Como menos fará o triste Anzino?
  Tangia mal na frauta, mal na lira;
Despois tambem tangia, que era espanto,
A quem antes de amor tanger me ouvíra.
  Ouvia celebrar sempre em meu canto
Ulina a sua rara formosura:
(Tal nome tem aquella, a que amo tanto)
  Contava-lhe meus males por figura:
Ficava eu de medroso frio, e mudo:

Ficava ella suspensa: a historia escura.
  Assi com tal temor, com tal estudo,
Amor fui grangeando longamente,
A' conta deste amor perdendo tudo.
  Ella dos meus desejos innocente,
O mesmo amor me tinha; tanto, digo:
Que no ser, era tudo differente.
  Praticava seus gostos só comigo;
Seus desgostos tambem, seus pensamentos;
Com rara graça, e com saber antigo.
  Outras vezes confusa nos intentos,
Os modos me notava, e me dizia:
Entre irmãos de que servem cumprimentos?
  Eu quizera, Senhora, (respondia)
Que soubesses de mi, que irmaõ naõ sendo,
Naõ com menos amor te serviria.
  Tornou-me: essa resposta naõ entendo:
O que naõ quiz o Ceo, queres que seja?
Que castellos no vento andas fazendo?
  Se me queres ver léda, naõ te veja
Soltar essas palavras ociosas,
Materia mais honesta nos sobeja.
  Dizendo assi, nasciam-lhe outras rosas
Naquellas proprias suas, sobre a neve
Das suas faces, mais que o Sol formosas.
  Destas quebras, comigo algumas teve,
Cujas forças amor quebrava logo
N'outra conversaçaõ mais branda, e leve.

Cresceo desta maneira o vivo fogo,
Que ardendo dentro na alma encurta a vida,
Cujo princípio foi hum brinco, ou jogo.
Mas ella neste tempo era pedida
De muitos a seu pai, em casamento.
Nova dor para mi, mortal ferida!
Elle lhe nomeava mais de cento:
Delles paternamente lhe rogava
Hum escolhesse a seu contentamento.
Com mil razões fingidas se escusava,
Sendo só a razaõ, naõ ser contente,
Com que desgosto ao pai, gosto a mi dava.
Estando nós por huma sésta ardente,
A' sombra de hũus madronhos repousando,
Affastados da casa, e mais da gente;
Já de huma, e de outra cousa praticando,
Soltou com hum suspiro estas palabras:
Desde hontem para cá em mi naõ ando.
Logo que nosso pai tornou das labras,
Me disse que assentára de casar-me
Com Tityro, Pastor de muitas cabras.
Que naõ buscasse causas de escusar-me,
Como por muitas vezes já fizera;
Pois tinha muitas mais de contentar-me.
Que afóra esta tençaõ, que a sua era,
O mesmo seus parentes lhe diziam,
A quem de seus intentos conta dera.
As aguas, que dos olhos me corriam,

Em quanto elle me disse o que te digo,
Por mi, que fiquei muda, respondiam.
  Com seu choro abrandou ao pai amigo;
Que, em fim, deixando-a menos magoada,
Lhe disse que fallasse isto comigo.
  Assi me disse, e que determinada
Estava a qualquer mal que lhe viesse,
Antes que ser com Tityro casada.
  Que por mais de mil cabras que tivesse,
Jámais esta vontade mudaria;
Que buscava saber, naõ interesse.
  E que de melhormente casaria
Com hum qualquer Pastor, pobre de gado,
Se nelle as partes visse, que em mi via.
  Por extremo de mi lhe foi louvado
O pensamento seu, e sem detença
Tal resposta lhe dei acautelado:
  Se a dar meu parecer me dás licença,
Hum Pastor te darei de calidade,
Que em nada de mi tenha differença:
  Nem de menos saber, nem mais idade;
Nas manhas outro tal, e em corpo, e gesto,
Da fazenda naõ sei a quantidade.
  Se esse me fazes bom, de aqui protesto
De naõ receber outro por marido:
Me respondia com sembrante honesto.
  Pois sabe (respondi) que já admittido
Me tẽes com gosto teu por teu esposo,

Que com dar-te-me dou o promettido.
  Naõ pude dizer mais de vergonhoso:
Nem ella me deixou com ouvir tal,
Suspeitando de mi amor vicioso.
  Logo me respondeo: Ah desleal!
Ah deshonesto irmaõ! Isso pertendes?
Mas naõ irmão, imigo capital.
  O Ceo, que com injusto amor offendes,
Tome, cruel, de ti justa vingança,
Antes que de tamanho error te emendes.
  Andavas-me enganando na esperança
Com esses falsos, e indevidos meos,
Ao sangue nosso, e minha confiança?
  Fizeste verdadeiros os receos
A que confusamente me levavas,
De sombras enganosas com rodeos.
  Desejo no teu peito agasalhavas,
Taõ torpe, taõ infame, taõ alheo
Do puro amor, a que obrigado estavas?
  Naõ te desculpes, naõ; que já naõ creo
Lagrimas nem palavras, nem desculpas,
De quem imaginou caso taõ feo.
  Tímido respondi: De que me culpas?
Se ouvido me naõ dás, naõ tēes razaõ:
Acaba de me ouvir o fim das culpas.
  Tem-me Ulina por teu, naõ por irmaõ:
Se me naõ queres crer esta verdade,
De teu pai saberás se minto, ou naõ.

Por filho me criou: a flor da idade
Gastei em o servir por teu respeito:
Olha o que te merece esta vontade.
Se com ser isto assi tenho erro feito
Em grangear-te, que a ti só desejo,
Eis este ferro aqui, eis este peito.
Isto ouvindo mostrou hum lédo pejo
Pondo os olhos no chão, formosa, e branda;
E cuido que inda assi nos meus a vejo.
Disse-me: em que revoltas o amor anda!
No bem, como no mal, tambem me enlêa:
Inda agora o senti, já reina, e manda.
Como queres, Anzino, que eu te crêa
Cousa que nem sonhada foi té agora?
Naõ sabes de quem ama, o que recêa?
Fallarei com meu pai: fica-te embora:
No desengano seu, teu bem consiste:
Da palavra que dei naõ estou fóra.
Com isto me deixou alegre, e triste.
O começo já ouviste de meu dano,
Amigo Limiano, o fim amargo,
Em que naõ serei largo, escuita agora.
Fulgencia, outra Pastora, que visinha
Era da amada minha, e grande amiga,
(Naõ sei como isto diga que naõ moura)
Pastora branca, e loura, qne na serra
Era a segunda guerra dos Pastores,
Por mal dos meus amores me quiz bem.

Fundava-se porém em casamento;
E deste fundamento lhe nascia,
Que como me naõ via, o valle, o monte,
O bosque, o rio, a fonte rodeava:
Em busca minha andava aquella sésta:
Entrou pola floresta, onde nos vio,
E tudo nos ouvio quanto fallámos.
Entre hũus espessos ramos escondida,
Cruelmente ferida dos ciumes,
Foi-se a fazer queixumes (descobrindo
Mais do que esteve ouvindo) ao pai de Ulina.
Eis logo desatina o triste velho;
Eis que sem mais conselho a filha entrega,
Que com choro se nega, e com palavras,
Ao simple guarda cabras, por esposa.
Ah hora desditosa! Ah sorte dura!
De aquella formosura desusada,
De tantos desejada, e de mi tanto
Servida com espanto, e puro amor,
Quizeste, por mais dor, enriquecer
Quem naõ sabe entender o preço della!
O' tu serra da Estrella, que tal viste,
Como te naõ abriste; e no teu centro
Me naõ cerraste dentro, estando vivo,
Porque mal taõ esquivo naõ sentíra?
Oh cega, oh cruel ira, oh pai fingido!
Para me ver perdido me criaste?
Porque me naõ deixaste no deserto?

Menos crueza, certo, entaõ usáras,
Inda que me deixáras (naõ te aggraves)
A's cruas feras, e aves da montanha.
Naõ vês que o Ceo estranha isso que tratas?
Naõ vês que a ti te matas cobiçoso?
Na porta o novo esposo tropeçou:
Na casa naõ entrou co' o pé direito.
Gritou sobolo teito a noite inteira
A ave, que he mensageira de fijs tristes.
O mesmo vós sentistes cães da aldêa,
Quando por má estrêa, juntos todos,
Com differentes modos huiviastes.
Serranas, que esperastes nestas vodas
Cantar alegres todas Hymeneos
Dos vossos alvos seos, alvas flores,
Em lugar dos licores mais custosos,
Por cima dos esposos derramando;
Ou vendo estar bailando, estando quedas
Ao som das gaitas lédas no terreiro,
O moço taõ ligeiro, á maravilha,
Que quasi o pé naõ trilha o junco mole.
Qual será que console a triste amiga,
A quem a força obriga do pai duro;
A quem o amor puro obriga tanto,
Que n'hum contino pranto se consume?
Assi do grande cume da esperança,
Com subita mudança derribado
Me poz em tal estado a triste nova,

Como sabe por prova quem bem ama.
Levou a leve fama a minha dor
A Sincero Pastor, meu grande amigo,
Que com rogos comsigo me levou,
Do monte, onde me achou, já noite escura,
Chorando a desventura em que me via.
As vaccas, vindo o dia, derramadas,
De mi desamparadas, vem bramando,
Signal na aldêa dando em seu bramido,
De que era já perdido o Pastor seu.
Tamanha pena deo á bella Ulina
(Bella, porém mofina) a pena minha,
Sobre quantas já tinha no seu peito,
Que mais do triste leito naõ se ergueo.
Seu pai adoeceo tambem de nojo:
Da morte foi despojo ao dia quinto:
A dor que daqui sinto he sem medida:
Pois me apartou da vida, a vida acabe,
Ou na alma, onde naõ cabe, faça pausa.
Fulgencia, que foi causa destes males,
Des que montes, e valles descobrio,
Despois que me naõ vio em toda a serra,
Deixou, deixando a terra, mágoa aos pais,
Que della nunca mais novas souberam.
Em fim, tal fim tiveram meus amores:
Choráram os Pastores juntamente
De Ulina descontente a triste sorte,
Do pai a breve morte, e de Fulgencia

A vingadoura ausencia de seu erro:
De mi este desterro em que me pôs.
  Mas mais chorastes vós meus olhos tristes,
Quando de vossa luz sem a do dia,
Por terras taõ estranhas vos partistes,
  Cuido que meia noite entaõ seria;
Cantando os gallos já na triste aldêa,
Chorava só quem della se partia.
  Casa de meus suspiros sempre chêa,
(Disse, eu, quando passei pela de Ulina)
Tal fructo colhe quem amor semêa!
  Fortuna, a mi cruel, sempre benina
Em tudo seja a aquella, que em ti mora,
Indaque em outros braços se reclina.
  Fica-te aqui, minha alma, fica embora;
Que pois assi o quiz fado inimigo,
Jámais te naõ verei dia, nem hora.
  De alli nos ricos campos dei comigo,
Que das aguas do Tejo saõ regados,
Onde te vi mais lédo, como digo.
  Por ver se posso agora a meus cuidados
Achar algum repouso, algum socego,
Atravessando vou montes, e prados.
  Passei as claras aguas do Mondego,
Das Lusitanas Musas charo ninho;
As do Douro despois em turvo pégo.
  De aqui, continuando meu caminho,
Espero ver a casa aos Ceos acceita,

Na terra que da nossa aparta o Minho.
  Onde vou visitar na urna estreita
Os santos ossos do Varaõ divino,
Que pertendeo do Mestre a mão direita.
  Assi de hum lugar n'outro de contino,
O bem que já cantei, chorando venho:
Tornei-me de vaqueiro, peregrino:
  Tal habito me vês, tal vida tenho.

LIMIANO.

  Anzino, he breve o dia
Para poder contar
O que sinto de tua desventura.
E sei bem que erraria
Se quizesse louvar
O grave estylo teu, tua brandura.
Aquella formosura,
Por quem alegre foras,
Que tu ledo cantaste
E que despois choraste
Taõ triste, que inda agora triste choras,
Vivendo eterna nella,
Será mágoa commum, e louvor della.
  As mágoas deixo em fim:
Tambem louvores deixo;
Por grandes ellas, elles por pequenos.
Tu por amor de mim,
(Dir-te-hei de que me queixo)
Repousa hoje comigo, quando menos.

Assi vejas serenos
Esses teus tristes lumes:
Abranda a dura mágoa,
Que tira fontes de agoa,
Do fogo em que chorando te consumes:
Dar-te-hei conta mais larga
Da vida que aqui passo taõ amarga.
E mais saber desejo,
Se a fama nos engana,
Que diz, que o grão Pastor dos Lusitanos,
Com todos os do Tejo,
E com fato, e cabana,
Reside já nos campos Africanos,
Onde mil soberanos
Triumphos, delle dinos,
Lhe ordena a fatal sorte,
Com grande estrago, e morte
Dos brutos mal nascidos Sarracinos,
Que de si despejados
Os curraes deixam já cheos de gados.
Que sendo assi, te digo
Que naõ espero mais
Nesta para mi sempre ingrata terra.
Quem traz guerra comsigo,
Entre seus naturais,
Naõ deve de estranhar estranha guerra.
Sem mi de serra a serra
(O Ceo assi o queira).

Logrem meus inimigos
Os valles, e pacigos
Desta, donde nasci, fresca ribeira;
Na qual (senaõ me engano)
Inda será chorado Limiano.

ANZINO.

Limiano, já bem tenho entendido
Quanto sentes meu mal: mas eu te digo
Que o teu mal he de mi menos sentido.
A' cerca de ficar hoje comtigo,
Farei (pois já que assi nos detivemos)
Tudo o que tu quizeres, como amigo.
E pois o dia já passado temos,
Vamos-nos mais chegando para o gado,
E lá nas outras cousas fallaremos.
Todavia de funda, e de cajado,
Te vai apercebendo a som de guerra;
Que naõ foi tal Pastor cá do Ceo dado,
Para naõ dar ao Ceo taõ larga terra.

ECLOGA XII.

DE LUIS DE CAMÕES,

USURPADA POR DIOGO BERNARDES; HE A TERCEIRA NO SEU LIMA.

INTERLOCUTORES.

DELIO, ALCIDO, GALASIO.

DELIO.

Agora, Alcido, em quanto o nosso gado
Pasce diante nós manso, e seguro,
Sentemos-nos aqui neste abrigado.
Logremos este Sol sereno, e puro,
Que livre se nos dá, antes que venha
A noite fria com seu manto escuro.
O rico com seu ouro lá se avenha;
Naõ se farta a cobiça co' a riqueza;
Mais arde o fogo quando tem mais lenha.
Com pouco se contenta a natureza.
Quem isto bem olhasse, certifico,
Que naõ fugisse tanto da pobreza.
O Sol tambem me aquenta como ao rico:

A fonte agua me dá, fructos a terra:
Com pouco mantimento farto fico.
  Ah! Que a má vaidade nos faz guerra!
(Para que gasto tempo em mais palabras?)
Os olhos da razaõ esta nos cerra.
  Alcido, tẽes ovelhas, e tẽes cabras,
De que tiras da lãa, tiras do leite,
E naõ te faltam campos em que labras.
  Inda tu queres mais? Amigo, eu hei-te
De fallar claro, e sem lisongerias.
Naõ hajas medo tu, que eu as affeite.
  Tu cantavas amor, amor tangias;
Fallava a tua frauta; agora he muda.
Que mal te mudou tanto em poucos dias?

ALCIDO.

  Muda-se a idade, Delio; e se se muda
Com ella a condiçaõ, nada me espanto.
O gosto me ajudou, já naõ me ajuda.
  Se já cantei amor, se amor naõ canto,
Culpas do tempo saõ, que vai mudando
O meu cantar alegre em triste pranto.
  O tempo, que taõ leve vai voando,
Delio, naõ torna mais, e assi fugindo
Mil claros desenganos nos vai dando.
  Pouco a pouco se veo descobrindo
O mal de huma esperança vãa, e incerta,
Que me deixou chorando, e foi-se rindo.
  Quem nasce sem ventura, ou quem acerta

De fazer fundamento em peito alheo,
De mil contas que faz nenhuma he certa.

DELIO.

Pois se isso entendes tu, donde te veo
Sentir taõ de verdade as sem-razões,
Naõ sendo de outra cousa o Mundo cheo?

ALCIDO.

Naõ queres tu que sintam corações,
Obrigados com dor a sentimento,
Vendo a razaõ vencida de affeições?

DELIO.

Em fim, todas as cousas querem tento:
Encobre a dor, e guarda-te de extremos,
Que sempre trazem arrependimento.
Ao nosso doce canto nos tornemos:
Das nossas Nymphas, bellas inimigas,
Crueza, e formosura celebremos.

ALCIDO.

Como cantarei eu novas cantigas
Em terra taõ esteril, chea de ira,
Que nega flores, e que nega espigas?
Pendurei n'hum salgeiro a minha lira:
Ouvi-la ao som do vento he huma mágoa:
Em lugar de tanger, geme, e suspira.
A Amarilia pintei, pintada trago-a
Aqui neste meu seio, e tambem chora:
Seus olhos me daõ fogo, os meus daõ-lhe agoa.
Mas vejo vir Galasio.

DELIO.

Venha embora.
Galasio, queres tu cantar comigo?

GALASIO.

Eu nunca me roguei: menos agora.

DELIO.

Cantaremos de amor cruel imigo,
Ou brando, e amoroso, em razaõ posto,
Tyranno e cego, e cego até comsigo?

GALASIO.

Cada qual cante do que for seu gosto;
Quer mimos, quer rigores de amor fero;
Ou de olhos verdes cante, ou de alvo rosto.

ALCIDO.

Em quanto vós cantais recolher quero
O gado, que saõ horas de ordenhar:
A' noite na malhada vos espero.

GALASIO.

Isso naõ. Has de ouvir, para julgar,
Qual de nós melhor canta, e melhor sente.

DELIO.

Eu já naõ cantarei, sem apostar.
Aposto o meu rafeiro, que valente
Se chama, (e com razaõ) que o lobo affasta,
Senaõ cantar mais branda, e docemente.

GALASIO.

Hum cervo manso aposto.

DELIO.

Isso naõ basta:
Põe mais hum par de cabras.

GALASIO.

Deos me guarde;
Porque, Delio, este gado he de madrasta.

ALCIDO.

Fazeis-me vós juiz? Quereis que aguarde?
Ora cantai sem preço, e sem inveja;
E seja logo, porque já he tarde.

DELIO.

Learda minha, branca mais que a neve,
E muito mais córada que a grãa fina;
Se inda amor a vencer-te naõ se atreve,
Que fará quem de amor por ti se fina?
Eu morro : e tu meu mal julgas por leve?
Naõ vês tu como já me desatina?
Ai triste, que me vem valles, e montes,
Regados de meus olhos feitos fontes!

GALASIO.

Marfida branca mais que o branco leite;
Vermelha muito mais que a rosa pura;
Assi descuido em ti nunca suspeite;
Assi me trates inda com brandura:
Que a cabana, que a vida, e a alma engeite
Por ti, quando tu mais que marmor dura:
Testimunhas seraõ montes, e valles,

A quem dou larga conta de meus males.

DELIO.

Quando a minha Learda desencolhe
Os seus cabellos de ouro, longo ondado,
O Sol, de pura inveja, se recolhe,
Corrido de se ver menos dourado.
Livre Pastor naõ ha que bem os olhe,
Sem se achar logo nelles enlaçado.
Ai! Naõ soltes Learda os teus cabellos,
Pois tanto prendem, quantos ousam vellos.

GALASIO.

Os tristes corações se tornam lédos,
Ouvindo de Marfida o doce canto:
Os furiosos ventos estaõ quedos:
Naõ guia o claro Sol seu carro em tanto.
Converte-se a dureza dos penedos
Em brando amor: amor desfaz-se em pranto,
Vencido dessa voz, doce Marfida;
Mas tu nunca de amor foste vencida.

DELIO.

O campo de verdura vejo pobre;
O Ceo chuivoso sempre, e turvo o rio:
Da sua leve folha a terra cobre
O bosque, que já foi verde, e sombrio.
Mas se Learda o rosto seu descobre,
Logo desapparece o tempo frio:
Comsigo a Primavera traz Learda.
Ai quem a visse já! Ai quanto tarda!

GALASIO.

A triste Progne já despareceo:
A toda flor o frio foi imigo:
A doce Philomela emmudeceo,
Rouca de lamentar seu mal antigo.
Mas venha por aqui quem me venceo
Com hũ só volver de olhos, que eu me obrigo,
Que as aves tornem logo a seus amores,
E os campos se matizem de mil flores.

DELIO.

A viva chamma, aquelle vivo ardor,
Que brando sinto já pelo costume,
De noite dá de si tal resplandor,
Que os Pastores vem delle a tomar lume:
Pasmados ficam, vendo em mi de amor
O fogo que me queima, e naõ consume.
E tu, por quem eu ardo noite, e dia,
Quando vês tal ardor ficas mais fria!

GALASIO.

Eu sempre chóro, e tanto já chorei,
Vencido da grão dor, que na alma tinha,
Que mil vezes de lagrimas fartei
Meu gado, quando a fonte a buscar vinha.
Chorando as duras pedras abrandei,
Mas nunca a ti cruel imiga minha,
Que vendo, que por ti me estillo em agoa,
Nenhuma mágoa tẽes de minha mágoa.

DELIO.

Quando vires, Learda, o nosso Lima,
Que lá vai de meu choro acompanhado,
Tornar com suas aguas para cima,
De seu curso esquecido, costumado;
Entaõ embora julga, entaõ estima,
Que tenho n'outra parte o meu cuidado:
Mas deixaráõ os rios de correr
Primeiro que deixe eu de te querer.

GALASIO,

Estas serras, Marfida, por certeza
De minha firme fé só quero dar-te,
Quando com espantosa ligeireza
De aqui correr as vires a outra parte:
Entaõ cuida que falta em mi firmeza,
Que entaõ deixarei eu, meu bem, de amar-te:
Mas mudar-se de aqui bem podem ellas,
E eu naõ mudar de mi graças taõ bellas.

ALCIDO.

Se esta vontade minha naõ deseja
A vossos versos dar justos louvores,
Hora nunca na vida alegre veja.
Acceitai meu desejo, meus Pastores:
Mais vos naõ póde dar quem traz o esprito
De todo entregue a damnos, mágoas, dores.
Mas porque dê de vós público grito
A leve fama, como vedes, deixo

O vosso canto, e o meu juizo escrito
  No liso tronco deste verde freixo.
Delio neste lugar doce cantou
Com Galasio, que doce respondia:
Hum Learda, Marfida outro louvou,
Com inveja de qual melhor diria.
Alcido, que o seu canto bem notou,
Por ver quem a victoria levaria,
Como livre juiz, deo por sentença,
Que naõ havia entre elles differença.

ECLOGA XIII.

DE LUIS DE CAMÕES,

USURPADA POR DIOGO BERNARDES; HE A QUARTA NO SEU LIMA.

PHYLLIS.

PASCEI, minhas ovelhas: eu, em quanto
Aquelle passarinho canta, ou chora,
Chamarei Corydon com triste pranto.
  Se entre vós, bellas plantas, amor mora
(Plantas, já vos amastes) tende mágoa
De mi pois que me ouvís queixar agora.
  Ai cruel Corydon! Cruel a fragoa

Em que vivo por ti! Naõ tẽes piedade
De ver meu peito fogo, os olhos agoa?
  Já naõ amas a Phyllis? Ah crueldade!
Ai triste! E que farei? Em poucos dias
Mudaste tu de mi tua vontade.
  A Phyllis já deixaste, a quem trazias,
No formoso Veraõ, formosas fruitas,
Signal do grande bem que me querias?
  Sabes, cruel, que tenho causas muitas
Para te convencer, de que queixar-me,
Por isso vás fugindo, e naõ me escuitas.
  Puderam os teus rogos abrandar-me:
Os meus (triste de mi) mais te endurecem:
Já naõ acho em que possa confiar-me.
  Aquelles doces versos já te esquecem,
Que tu nos lisos alamos cortavas,
Onde com teus enganos inda crescem?
  Arder por meu amor nelles mostravas:
Eu, crendo que era assi, naõ entendia
Quanto fingiste amar, quaõ pouco amavas.
  Tristes meus fados foram, triste o dia
Em que nasci: cuitada de mi triste,
Que em mágoa se tornou minha alegria!
  Logo que a tua Galatéa viste,
Vi eu deste meu mal grandes agouros:
E tu da parte esquerda hum corvo ouviste.
  E naõ tem Galatéa mais thesouros;
Nem tem mais formosura, inda que seja,

Ou de alvo rosto, ou de cabellos louros.
  A' negra violeta tem inveja
O branco lirio, porque tal naõ tem
O cheiro, que vencido naõ se veja.
  Tityro arde por mi: Tityro, a quem
Mil Nymphas daõ capellas de mil flores;
Mas elle a mi só chama, a mi quer bem.
  Eu desprézo por ti muitos Pastores,
E tu por Galatéa me desprezas?
Tal pago dás, cruel, a meus amores?
  Em que te mereci tantas cruezas
Quantas usas comigo? Por ventura
Usei comtigo de ira, ou de asperezas?
  Prouvera a Deos que taõ isenta, e dura,
Me víras para ti, que nunca víras
Em mi signal de amor, ou de brandura!
  Se eu fugíra de ti, tu me seguíras:
Por mi ardêras, naõ por huma ingrata,
Por quem choras em vaõ, em vão suspiras.
  Bem me vinga de ti, pois te maltrata:
Mas eu te quero tanto, que desamo
(Por mais que tu me mates) quem te mata.
  Respondē-me estes montes quando chamo
Por ti com triste voz: Ecco responde
Das lagrimas, movida, que derramo.
  E tu naõ me respondes, nem sei onde
Te leva esse desejo; mas bem sei
Que amor, e desamor de mi te esconde.

Ai triste Phyllis! Triste! Onde acharei
Remedio a tanto mal? O fogo puro
Em que me abrazo, com que abrandarei?
  Já fugíra de aqui por mais que duro
Fosse o deixar o ninho em que nasci:
Mas naõ ha contra amor lugar seguro.
  A morte só (mil vezes isto ouvi
A' nossa Celia) por remedio espere
Aquelle que a amor fez senhor de si.
  Entaõ, porque de todo desespere,
Este cego, a quem cegos nós seguimos,
A mi por ti, e a ti por outra fere.
  Se eu morrêra no ponto em que nos vimos
Naõ víra tanto mal. Mas que da sua
Sorte fugisse alguem, nós nunca ouvimos.
  Eu me queixo de ti, e tu da tua
Galatéa te queixas; e naõ vês
Que mais piedosa te he, quando mais crua.
  Sendo tu taõ cruel, (taõ cego es)
Queres achar piedade? Como queres
Que te crêam teu mal, se o meu naõ crês?
  Que eu viva com pezar, tu com prazeres,
Naõ quer o justo Ceo. Ou ambos tristes,
Ou lédos ambos si; mais naõ esperes.
  Selvas, que n'outro tempo nos cobristes
Com frescas sombras lá do ardor de cima,
Dizei, se a Corydon dizer ouvistes:
  Primeiro ha de tornar o brando Lima

As aguas de crystal á fonte clara,
Que no meu peito novo amor se imprima.
  Primeiro que eu te deixe, Phyllis chara,
Me ha de deixar a mi a propria vida.
Mas quem, por naõ deixar-te, a naõ deixára!
  Pois tu, Phyllis, ma dás, eu offrecida
A tenho a teu querer; tu della ordena
Como, doce amor meu, fores servida.
  Por ti me será branda a dura pena;
Por ti suave a dor, leve o tormento,
A que me inclina o fado, ou me condena.
  Ah falso Corydon! Teu pensamento
Era enganar-me : dada a fé me tinhas :
E a fé co' as palavras leva o vento.
  Mas (ai triste de mi!) tambem as minhas
O vento vai levando : o Sol he posto.
Porque, ligeira luz, te naõ detinhas,
  Em quanto em meu queixume achava gosto?

ADVERTENCIA DO EDITOR.

Atêqui as cinco Eclogas usurpadas por Diogo Bernardes a Luis de Camões, nas quaes, como aqui vaõ (vaõ da mesma sorte que Manoel de Faria as transcreveo do Manuscripto) se acha alteraçaõ, e differença consideravel, daquellas que Bernardes imprimio; talvez por se servir de Manuscriptos errados, ou daquelles em que o mesmo Luis de Camões naõ havia posto a ultima lima. De boa vontade apontáramos aqui esta alteraçaõ, e differença, a qual Faria mostra nos seus Commentarios manuscriptos, e nós examinámos tambem com os nossos olhos; mas lembra-mos-nos de que, naõ sendo (como já dissemos em outro lugar) do nosso emprego o darmos annotações, o Leitor curioso poderá descobrir, e achar essa mesma differença, conferindo estas mesmas Eclogas com as do Lima de Bernardes, de que hoje ha bastantes exemplares.

ECLOGA XIV.

DE LUIS DE CAMÕES,

NUNCA IMPRESSA ATÉ AO ANNO DE 1779.

INTERLOCUTORES.

ERGASTO, DELIO, LAURENO.

ERGASTO.

AGORA, já que o Tejo nos rodêa
Neste penedo, donde mansamente
Murmurando se quebra a branda vêa;
  Espera, Delio, até que do Occidente
De azul deixe a ribeira matizada
O Sol, levando o dia a outra gente.
  Entretanto daqui verás pintada
A praia de conchinhas de ouro, e prata,
E a agua dos mansos sopros encrespada.
  Verás como do monte se desata
A vagarosa fonte por penedos,
Que pouco a pouco cava, e desbarata:
  E como move os frescos arvoredos
Favonio, que de flores pinta o prado;

E como se estaõ rindo os campos lédos.
Ditoso o que do Ceo foi taõ amado,
Que no campo alcançou passar a vida,
Livre de pena, livre de cuidado.
O rouxinol na vara, que vestida
De verdes folhas, sombra faz ao rio,
Lhe canta o doce verso sem medida.
Agora ao pé de hum alamo sombrio
Vê como dous carneiros se offerecem,
Os cornos inclinando a desafio.
Como ao que vence todos obedecem,
E folgam de o ver fóra de perigo;
E outros com face esquiva o aborrecem.
Ditoso aquelle, que co' o ferro antigo
Lavra os campos do pai, e se contenta,
Nos seus mólhos atando o louro trigo.
Este a furia do mar naõ experimenta,
Nem corre por achar a pedra rica,
A estranha praia, que outro Sol aquenta.
Onde, quando a esperança o fortifica
Em adquirir mais ouro, e mais riqueza,
Ouro, esperança, e vida a muitos fica.
Este vive quieto na pobreza;
E deste confiarei, que a anteponha
A quanto o Mundo mais procura, e préza.
Comendo em mesa vil naõ se envergonha;
Antes bebe nas mãos a fonte pura,
Que em precioso metal, cruel peçonha.

Oh feliz tempo de ouro! Inda aqui dura,
Inda conversa aqui com os humanos
A justiça, fugindo á gente impura!
Quem visse bem taõ claros desenganos,
E quanto mal nos vicios se apparelha,
No campo gastaria bem os anos.
Ao dia a nossa vida se assemelha,
Porque quando no mar o Sol se banha
Se costuma tingir de côr vermelha.
Assi, se olharmos bem, sempre se ganha
Lá no occaso da mal gastada vida,
Rubicunda vergonha em mágoa estranha.

DELIO.

A gloria, Ergasto meu, que he possuida,
Nunca sabe de nós ser tida em preço:
Só despois que se perde he conhecida.
E desta vida os bẽes, que eu naõ mereço,
Quando os perco, e o mal d'outra já me espera,
Com grandes mágoas da alma os reconheço.
Oh se em ditosa sorte me coubera,
Por favor ou destino das Estrellas,
Que entre Pastores, eu Pastor vivera!
Muitas vezes te ouvíra as luzes bellas
Cantar da linda Nise, nas quaes arde
Teu peito, sempre ufano de arder nellas.
Buscai Pastor, ovelhas, que vos guarde,
Que o Ceo naõ quer q̃ eu mais vos guarde, e conte,
E despois vos recolha, sobre a tarde.

Naõ vos verei saltar junto da fonte,
Cabras minhas; já meu querido gado,
Nem da rocha pender no verde monte.

ERGASTO.

Consente agora, ó Delio, que chorado
Em triste verso seja apartamento,
Que assi me deixa triste, e magoado.

DELIO.

Naõ: que se dobrará meu sentimento.
Mas se queres, Ergasto, que me esqueça
Partida, que lembrada he só tormento;
Canta aquelle Soneto, que começa:
Quantas vezes do fuso se esquecia (*):
Que digas hum dos teus, naõ sei se o peça.

ERGASTO.

Se com me ouvir, a dor se te allivía,
Eu o direi. Mas eis cá vem Laureno,
Que a cantar vezes mil me desafia.
Cantando venceo já Tityro, e Almeno:
E eu inda que sei certo ser vencido,
Apostar a cantar com elle ordeno.

LAURENO.

Ergasto, pois o tempo se ha offrecido,
Celebremos amor, e formosura,
Em quanto o gado á sombra está acolhido.

(*) He o Soneto 41 do mesmo Camões.

ERGASTO.

Postoque já a victoria tēes segura,
Naõ cantarei sem preço, porque saia
Mais lédo quem cantar com mais brandura.

LAURENO.

Eu hum vaso porei de lisa faia,
Divina obra de Alceo, que celebrado
Será sempre por claro nesta praia.
A vide, de que em roda está cercado,
Os roxos cachos cobre; e primor teve
Em pôr no meo a Dama, e Pam cansado.
Parece que a beijá-la o deos se atreve,
E que ainda dos beijos mal soffridos
Inclinado lhe foge o tronco leve.

ERGASTO.

Outro vaso porei de hera cingido,
No qual Orpheo das aves esquecidas,
E dos suspensos bosques he seguido.
Naõ cuido que de faia saõ sahidas
De tal arte lavor, de tal maneira:
Tambem obra he de Alceo, das mais polidas.
Esta, das que me deo, foi a primeira;
Que a dar-ma o velho Alcido em fim se abranda
Ouvindo-me cantar nesta ribeira.
Ouvio-me entaõ, estando desta banda,
E dando-ma, dizia-me: este seja
O premio, Ergasto, dessa Musa branda.

LAURENO.

Delio o nosso cantar pondere, e veja,
Qual dos dous a voz dá mais docemente:
Que huma tal causa tal juiz deseja.

DELIO.

Se o meu juizo cada qual consente,
Tu Ergasto, ao doce canto dá começo;
Tu responde, Laureno, juntamente:
E eu fico que nenhum perca o seu preço.

ERGASTO.

Alcida, que na côr o leite puro,
E a rosa da manhãa deixas vencida,
Culpa he dos olhos teus, nelles o juro,
Este amor de que estás taõ offendida:
Castiga-os com me verem; que eu seguro,
Que a vingança será delles sentida:
Nem temas tu de os meus alegres serem,
Vendo tristes taes olhos por me verem.

LAURENO.

Violante minha, cuja côr iguala,
Mas antes vence os cravos, vence a neve;
Desta dor que até aqui minha alma cala,
Teu amoroso riso a culpa teve:
Se só por viver della, e por amá-la,
Julgas que algum castigo se me deve,
A ver-te sempre rindo me condena;
Pois crescendo o amor mais, mais cresce a pena.

ERGASTO.

Com as mãos que maçãas colhendo andava,
Inda pequena, a bella Alcida vinha:
Eu os ramos da terra já tocava;
Já facil para amar o tempo tinha:
Naõ sei que fogo ou neve se passava
De aquelles olhos seus a esta alma minha,
Que me deixáram posto em tal extremo,
Que até de cuidar nelles ardo, e tremo.

LAURENO.

No bosque a Violante vi hum dia,
Doce princípio destas doces dores;
A flor cahia nella, e parecia
Dizer cahindo; aqui reinam amores.
Humilde em tanta gloria ella se ria,
E errando hiam sobre ella as várias flores:
Eu, que vencido fui de hum error cego,
A'quelle honesto riso esta alma entrego.

ERGASTO.

Pastores deste bosque, que buscais,
Anoitecendo, o lume por costume;
Chegai a mi; que eu fico, se chegais,
Que destes meus suspiros leveis lume.
Accesos sahem da alma os doces ais
No ardor, que pouco a pouco me consume;
Mas nem as chamas, que em suspiros deito,
Accenderáõ jámais hum frio peito.

LAURENO.

Pastores que buscais na sombra amada
A fonte, por fugir o ardor do Estio;
Vinde a mi, porque de agua destillada
Por meus olhos, se sólta hum largo rio;
Tal, que a sede de amor nunca apagada,
Fartá-la já de lagrimas confio:
Mas com choro de tanta cantidade
Naõ movo aquelles olhos a piedade.

ERGASTO.

Se quando a minha Alcida esta alma visse
Nos meus olhos, de amor taõ maltratada;
Se quando a grave dor fóra sahisse
Entre suspiros mil rota, e quebrada;
Sequer com brandos olhos me admittisse,
Ficando de vergonha mais córada;
Ditoso fora, vendo-a juntamente,
Com ser mais bella, deste amor contente.

LAURENO.

Se á vista de Violante derramadas
As lagrimas de amor, que vive nellas,
Tal força lhe fizessem, que orvalhadas
Lhe ficassem de dor ambas estrellas;
E as rosas entre a neve semeadas,
Co' o piedoso orvalho inda mais bellas;
Ditoso me fizera. Hora ditosa,
Se a víra ser mais bella, e ser piedosa.

ERGASTO.

Claros olhos, que ao Sol fazeis inveja;
Que brandos vos mostreis já vos naõ peço;
Mas que poder vos ver paga me seja,
Se por tamanho amor, tanto mereço:
Armados de esquivança entaõ vos veja
Cheios de hum naõ sei que, com que pereço;
Que doce me será tal esquivança:
Doce o morrer, que em olhos taes se alcança.

DELIO.

Pastores, que alcançar pudestes tanto
Com vossa branda Musa, que já nesta
Idade renovais o antigo canto;
Para vosso louvor, que verso presta?
Que hera digna será? Que louro dino,
Que em premio a cada qual adorne a testa?
Em parte paga amor, se de contino
Por dentro a cada hum gasta os espritos,
Pois co' o divino canto o faz divino.

LAURENO.

Olhos, que vos moveis taõ docemente,
Que traz vós todo o Mundo ides levando;
Eu naõ sei se tomais do Ceo luzente
O movimento seu, se lho estais dando:
Sei certo, e naõ me engano, sei sómente
Que a vós de mi minha alma ides passando:
Mas naõ posso entender como deixais
Ao descuido o que vós em vós levais.

ERGASTO.

Por mais que a minha soberana Alcida
(Minha naõ, porque só sua belleza
Vem a ser minha em ser de mi querida)
Me trate vezes mil com aspereza;
Huma só vez que della acho admittida
Minha pequena vista na grandeza
Da luz do rosto seu, sinto tal gloria,
Que de todo o penar perco a memoria.

LAURENO.

Quando a minha mais que unica Violante
(Se minha póde ser a que he taõ sua)
Aquella santa luz hum breve instante
Me deixa ver, por mais que a veja crua;
A vista tanto em mi vejo a diante,
Que naõ he muito, naõ, que me attribua
A soberba de ser huma aguia nova,
Que do Ceo no olho claro a vista prova.

Nós veremos por annos infinitos
Nos altos troncos destas faias bellas
Os nomes vossos por memoria escritos.

De unicas flores mereceis capellas:
Tem Alcida, e Violante sós taes flores;
E pois ellas as tem dem-vo-las ellas.

Os vossos premios recolhei, Pastores;
Cada qual igualmente o seu merece;
E ambos de Apollo os mereceis maiores.

Recolhamos o gado que anoitece.

ECLOGA XV.

DE LUIS DE CAMÕES,

NA MORTE DE D. CATHARINA DE ATAIDE, DAMA DO PAÇO.

NUNCA IMPRESSA ATÉ AO ANNO DE 1779.

INTERLOCUTORES.

SOLISO, E SYLVANO.

De quanto alento, e gosto me causava
A vista da manhãa resplandecente,
Com que toda a tristeza se alegrava;
  Que quando vinha o Sol claro, e luzente,
Bem claro entaõ em mi se conhecia
Huma nova alegria differente;
  Tanto agora me offende o novo dia,
Vendo que me naõ mostra a formosura,
De que só me mantinha, e só vivia:
  E naõ me quiz deixar triste ventura
Esperanças de mais tornar a vella.
Oh destino cruel! Oh sorte dura!
  Oh querida Natercia! Oh Nympha bella!

Em quem, em fim, mostrou a natureza
O mais que se podia esperar della!
  Se lá no assento da maior alteza
Te lembras de quem viste cá na terra,
Para te magoar sua tristeza;
  Lembre-te de contino a cruel guerra
Que continua me faz tua lembrança
Esquecido do gado, valle, e serra.
  Lembre-te que perdi a confiança
De ver os olhos teus, e juntamente
De todo o bem de amor toda a esperança.
  Lembre-te que por ti de mi ausente
A crystallina fonte me he nojosa,
Com que já n'outro tempo fui contente.
  Que por ti a manhãa clara, e formosa,
Males cada momento me accrescenta,
Sendo-me em outros dias deleitosa.
  Por ti o puro Sol me descontenta:
Com seu canto me offende a Philomella;
Mas porque nelle chora me contenta.
  Por ti, Natercia pura, Nympha bella,
Na verdura suave deste prado
Os males multiplico só com vella.
  Por ti naõ curo já do manso gado:
Como o mesmo que entaõ meu bem crescia,
Agora vai crescendo o meu cuidado.
  Naõ sou já, já naõ sou quem ser sohia;
Mudou-se-me a vontade co' a ventura;

Mudou-se co' os tormentos a alegria.
 Trocou-se o claro dia em noite escura:
Nem he muito que tudo se mudasse,
Pois se mudou a tua formosura.
 Naõ via outro reparo que cuidasse
Poder aproveitar ao meu tormento,
Nem outra gloria alguma em que esperasse,
 Senaõ em quanto o triste pensamento
Se punha a contemplar tua beldade,
Sem lhe lembrar taõ longo apartamento.
 Agora que me falta a claridade,
Que de ver-te a minha alma recebia,
Ficando-me só della a saudade;
 Qual ficará huma alma, que sabía
Sómente desta gloria contentar-se?
Gloria de que gozar naõ merecia!
 Qual poderá ficar quem com lembrar-se
Mortalmente do bem que he já passado,
Só tem por melhor vida á morte dar-se?
 E qual se póde ver quem hum cuidado
Sostém, que he só da dor certa morada,
E nella vive só desesperado?
 Qual ha de ver-se, ó Nympha delicada,
Huma alma que te via; e em te vendo
O fio lhe cortou a Parca irada?
 A causa deste mal eu naõ a entendo:
Só entendo que perdida essa luz pura,
Por perdida a naõ ver, vivo morrendo.

Vejo que me roubou fortuna escura
Hum bem por quem meu mal me contentava:
Lembra-te tu de tanta desventura.
Lembra-te tu, que só de ti esperava
Remedio aos males meus, e entaõ verás
Qual ficou quem em ti só confiava.
Lembre-te adonde estou, adonde estás,
E que tudo sem ti cá me aborrece:
Desta arte o estado meu entenderás.

SYLVANO.

Naõ sei porque razaõ nos amanhece
Este dia, dos outros differente,
Com que toda a alegria se entristece.
O manso gado vejo, que contente
Buscando hia nos campos a verdura,
E nos rios a limpida corrente:
Agora triste errar pola espessura,
Alheo de herva verde, e de agua fria:
Signal de alguma grande desventura.
Suspensa está das aves a harmonia;
E em certo modo mostra que lá chora
A mesma sequidaõ da penedia.
A candida, rosada, bella Aurora,
Que sempre os altos montes vem dourando,
Com hum pallor mortal se mostra agora.
Está-se nestas hervas enxergando
Taõ triste côr, que della se conhece,
Que algum mal se nos vai apparelhando.

Em fim, vejo que tudo se entristece;
A causa ignoro : O Ceo piedoso queira
Que menos seja o mal, do que parece :
Porque, desde que habito esta ribeira,
Naõ me acórdo de a ver taõ carregada,
Nem de a ouvir murmurar desta maneira.
Naõ me acórdo que visse outra alvorada
Taõ confusa sahir, como esta vejo,
De profunda tristeza acompanhada.
Agora aqui tomára quem sem pejo
A causa, se a soubesse, me ensinasse,
Para satisfazer a meu desejo.
Porque naõ posso eu crer que resultasse
De alguma baixa causa hum tal effeito,
Que até nos duros montes se enxergasse.
O coraçaõ cá dentro no meu peito
Me assegura, que tanta novidade
Naõ traz a origem de commum respeito.
Mas por entre a confusa claridade,
Lá vejo vir Soliso com seu gado:
Delle espero entender toda a verdade.
Mas naõ posso cuidar neste cuidado,
Que nos olhos naõ mostre onde me chega
A dor de o ver de dores traspassado.
Mas aquelle, que a amor cruel se entrega,
Naõ he muito que passe hum tal tormento :
Porque todo mal dá, todo bem nega.
Em quanto este Pastor o pensamento

Logrou, sem que em amores o empregasse,
Senaõ só em buscar contentamento;
  Festa naõ se fazia em que faltasse
A sua frauta, que elle assi tangia,
Que outra nunca se ouvio que lhe igualasse.
  Já agora naõ he aquelle que sohia;
Vejo o na condiçaõ todo mudado;
Mudada tambem delle está a alegria.
  Naõ cura já do seu querido gado;
Aborrecem-lhe as plantas, hervas, flores;
Aborrece-lhe a gente, e o povoado.
  Naõ lhe lembram as festas dos Pastores;
Apartando se vai pola espessura,
Elevado sómente em seus amores.
  Contenta-se da noite triste, e escura;
Odio tem com o Sol puro, e luzente.
Quem vio nunca tamanha desventura?
  Com esta vai passando taõ contente,
Que diz, que quando o mal mais o atormenta,
Se gosto sentir póde, entaõ o sente.
  Neste bosque huma Nympha se aposenta,
Por quem elle na vida anda morrendo,
E he causa desta dor que lhe contenta.
  E segundo o que delle agora entendo,
Se a vista naõ me engana o pensamento,
Ou de vãa phantasia estou pendendo;
  Quando fora maior o grão tormento
Que Soliso padece, naõ pudéra

Igualar-se com seu merecimento.
  Quero chegar-me a elle, em quanto espera
Que vá descendo o vagaroso gado;
Saberei delle o que saber quizera.
  Venho, Soliso, a ti com hum cuidado,
Que todo me entristece; e com grão medo
De grão mal sobre nós inopinado.
  Vês tu como está agora este arvoredo
Triste, e pezado; lugubre, e sombrio?
Como o vento parece que está quedo?
  Vês a commum corrente deste rio,
Que ora tanto se pára, ora anda tanto;
Deixando de seu curso o certo fio?
  Vês como a Philomella deixa o canto,
Com que incita os Pastores namorados,
E multiplica Progne o triste pranto?
  E vês, em fim, por todos esses prados
Desmaiadas as hervas, que sohiam
Viçoso pasto dar aos nossos gados?
  Todos estes signaes, que naõ se viam
Nas Auroras a esta antecedentes,
Algum damno mortal nos annunciam.
  Eu naõ sinto o que seja : se o tu sentes,
Naõ te seja o dizer-mo mui penoso
E entenderei por ti taes accidentes.

SOLISO.

  N'outro tempo me fora deleitoso
Por extremo, Sylvano, gosto dar-te;

Mas todo gosto agora me he nojoso.
  Bem quizera poder communicar-te
A causa deste horror; mas antes quero
Anojar-me a mi propio, que anojar-te.
  Porém já sinto o fado taõ severo,
Que quanto mais me ponho a declará-lo,
Mais entaõ de entendê-lo desespero.
  E se acaso o entender, para contá-lo,
Se quero começar, quer a ventura
A' força de soluços atalhá-lo.
  Que despois que me falta a formosura
De aquella illustre Nympha, que contente
Pudera bem fazer a noite escura,
  Foi-me faltando o esprito juntamente:
Em suspirar só gasto a noite, e dia,
Sem me fartar de ver-me descontente.

SYLVANO.

  Novidade maior em mi seria
O espantar-me de ver-te estar queixando,
Que o ver em ti desejos de alegria.
  Responde-me ao que te hia perguntando
Da causa desta singular tristeza:
Naõ gastes todo o tempo lamentando.

SOLISO.

  Sempre em ti conheci huma dureza,
E austera inclinaçaõ, que bem declara
Quaõ conforme he teu nome á natureza.
  Porque se o meu tormento te alcançára,

O mór bem para ti, o mór mal fora;
E todo o mal maior te contentára.
Deixa que chore quem com gosto chora:
Deixa-me lamentar meu triste fado;
Que a hũ tríste a hora de choro, he melhor hora.
Tu naõ trazes agora outro cuidado
Mais que buscar no valle a sombra fria,
Quando te offende o Sol mais empinado.
Coitado de quem passa a noite, e dia,
Porfiando em morrer, e a sorte dura
Em fugir-lhe co' a morte só porfia.
Oh formosa Natercia! A excelsa altura
Do glorioso Olympo andas pizando;
E eu ausente da tua formosura.

SYLVANO.

Que he isso, que do Ceo estás fallando?
Parece-me que já naõ es Soliso,
Ou que de puro amar vás delirando.

SOLISO.

Quem já perdeo aquelle doce riso,
Que siso produzia, e dava vida,
Naõ he muito que perca a vida, e siso.

SYLVANO.

Declara-me que cousa tẽes perdida,
De que tanto te queixàs: que ao que sento,
Natercia destes valles he partida.

SOLISO.

Quaõ livre falla aquelle que o tormento

Alheio vê de fóra! Mas naõ sente
Onde chega tamanho sentimento.
  A gloria que eu perdi naõ me consente
Palavras naturaes, razões expertas,
Que possam declarar a dor presente.
  Mas nesse teu error véjo que acertas;
Porque com nenhum mal deve turbar-se
Quem só delle esperanças logra certas.

SYLVANO.

  A quem, Soliso meu, de declarar-se
Com outro, em casos taes, falta vontade,
Nunca faltam razões para escusar-se.
  Naõ sei donde te vem tal novidade,
Pois negando-me agora o que te peço,
Suspeito que me negas a amizade.
  Se pola que te guardo te aborreço,
Sabe que só hum cego entendimento
A's amizades faz perder o preço.
  Eu te deixarei só com teu tormento;
Mas naõ sem dor, de ver que tanto a peito
Tomes hum taõ damnoso pensamento.

SOLISO.

  Outra he, certo, a razaõ; outro o respeito
Que negar-te me fez o que pedias:
Naõ creias que de ti taõ mal suspeito.
  Bem sei que o meu descanso pertendias,
E a mesma confiança faz negar-te
O que destes signaes saber querias.

SYLVANO.

Naõ queiras mais, Soliso, prolongar-te;
Pois pende o gosto meu da tua vida:
Se corre risco, dá-me delle parte.

SOLISO.

De todo a sinto já desfallecida
Nas lembranças de aquella breve historia,
Que foi para meus males taõ comprida.
Já me vence a tristissima memoria
Da gloria que presente me animava.
Quem pudéra voar traz tanta gloria!
Natercia que estes montes alegrava,
E que á casta Diana fez inveja,
E que com sua vista o Sol cegava:
Aquella a quem render-se só deseja
Aquelle que de bella Mãi presume,
E a quem as armas dá com que peleja:
Natercia, que no Mundo foi hum lume,
Onde a belleza de maior estado,
Incendios aprendia por costume:
Natercia, por quem ando acompanhado
De mágoa tal, que só da morte dura
Espero o feliz fim de meu cuidado:
Ao Ceo se foi co' aquella formosura,
Que era mostra do Ceo, gloria da terra,
Que era o sogeito mór da mór ventura.
Já naõ fará no prado ás almas guerra
Com a vista, senaõ com a lembrança;

Guerra em que o damno mais cruel se encerra.
  Já de vê-la naõ tenhas esperança,
Que esta vida trocou de mal cercada,
Por outra, em que do bem naõ ha mudança.
  E a causa vês aqui de que a alvorada
Visses desta manhãa taõ differente,
De outra qualquer, de ti mais ponderada.
  Dizer-te o mais naõ posso, porque sente
Esta alma no que disse tal tormento,
Que esta memoria apenas me consente.
  O espirito já debil, sem alento,
No pouco que te tenho referido,
Nas azas se sostém do pensamento.
  Oh Mundo! Qual he aquelle taõ perdido,
Que em ti crê, (qual aquelle taõ insanno)
Vendo-te todo em damno instituido?
  Deixas passar hum gosto de anno em anno,
Porque com nosso opprobrio, e tua gloria,
Nos faças mais patente o teu engano.
  Sempre assi vai comtigo a mór victoria,
Deixando-nos sómente por herança
De hum possuido bem triste memoria.
  Quem faz de ti alguma confiança,
Sabendo já que quem de ti confia,
De hum engano penoso em fim se alcança?
  Aquelle da belleza novo dia
Cegaste, quando mais resplandecente
Triumphos mil de amor nos promettia.

De qual tigre cruel, peito inclemente,
Naõ se rompe de mágoa, morta aquella,
Que a tristeza mil vezes fez contente?
Quem, que vê eclipsada a vista bella,
Despois de visto haver sua beldade,
E naõ sabe morrer por hir traz ella?
Como naõ te applacou taõ tenra idade
Ao cortar do seu fio, ó Parca dura,
Que agora o Mundo matas de saudade?
Deixai, deixai, Pastores, a verdura;
As frautas deixai já, e os mansos gados;
E chorai todos vossa desventura.
E vós, sylvestres Faunos namorados,
Tambem chorar podeis, pois já perdêram
O objecto mais gentil vossos cuidados.
Nymphas, a quem os deoses concedêram
Destes sagrados bosques a morada,
E em quem tamanhas graças escondêram:
Se aquella piedade costumada,
De que mais vos prezais naõ esquecestes,
Que sempre foi de vós taõ venerada;
Se já de alheio damno vos doestes,
Do vosso proprio vos doei agora,
Pois com Natercia todo o bem perdestes.
Oh Naiades! Das aguas sahi fora;
E de vós agua saia em mal taõ forte,
Pois de vê-lo tambem o monte chora.
Oh Napéas! Chorai a triste sorte

Dos miseros Pastores, a quem nega
O fado por mais pena o mortal córte.
  Oh Dryas! Vós, a quem amor se entrega,
Tomai todo o cuidado deste pranto,
Pois sabeis onde a causa delle chega.
  Deixai, ó Amadryas, entretanto
As plantas que guardais, por ajudar-me,
Pois deixa a Philomella o doce canto.
  E vós, ó vida minha, pois curar-me
Já naõ podeis, deixai-me juntamente,
Porque lembranças taes possam deixar-me.
  Mas se dellas morreis, morro contente.

FIM DA PRIMEIRA PARTE DAS RHYTHMAS.

RHYTHMAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

PARTE SEGUNDA.

RHYTHMAS.

PARTE SEGUNDA.

REDONDILHAS. (*)

SOBRE os rios, que vaõ
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Siaõ,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Siaõ ao tempo passado.

(*) Escreveo o Poeta estas maravilhosas, e inimitaveis Redondilhas nas margens do Rio Mecon, depois de ahi mesmo, haver escapado de hum naufragio, no anno de 1560, quando voltava de Macáo a Goa.

Alli lembranças contentes
Na alma se representáram;
E minhas cousas ausentes,
Se fizeram taõ presentes,
Como se nunqua passáram.
Alli, despois de acordado,
Co' o rosto banhado em agoa,
Deste sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado,
Naõ he gosto, mas he mágoa.
E vi, que todos os danos
Se causavam das mudanças,
E as mudanças dos anos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o maior bem,
Quaõ pouco espaço que dura,
O mal quaõ depressa vem,
E quaõ triste estado tem,
Quem se fia da ventura.
Vi aquillo que mais val,
Que entaõ se entende melhor,
Quando mais perdido for:
Vi o bem succeder mal,
E o mal muito peor.
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento,

E vejo-me a mi, que espalho
Tristes palavras ao vento.
Bem saõ rios estas agoas,
Com que banho este papel:
Bem parece ser cruel
Variedade de mágoas,
E confusaõ de Babel.
Como homem, que por exemplo
Dos trances, em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:
Assi, despois que assentei,
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os órgãos com que cantava.
Aquelle instrumento lédo,
Deixei da vida passada;
Dizendo: Musica amada,
Deixo-vos neste arvoredo
A' memoria consagrada.
Frauta minha, qne tangendo
Os montes fazieis vir
Para onde estaveis, correndo;
E as aguas, que hiam descendo,
Tornavam logo a subir;
Jámais vos naõ ouviráõ

Os tigres que se amansavam,
E as ovelhas, que pastavam,
Das hervas se fartaráõ,
Que por vos ouvir deixavam.
  Já naõ fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos,
Na ribeira florecente;
Nem poreis freo á corrente,
E mais se for dos meus olhos.
Naõ movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
Atraz vós a fonte pura,
Pois naõ pudeste mover
Desconcertos da ventura.
  Ficareis offerecida
A' fama, que sempre vélla,
Frauta de mi taõ querida;
Porque mudando-se a vida,
Se mudam os gostos della.
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados;
E logo a maior idade
Já sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.
  Hum gosto, que hoje se alcança,
A' manhãa já o naõ vejo:
Assi nos traz a mudança
De esperança em esperança,

E de desejo em desejo.
Mas em vida tam escassa,
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa,
Está recitando a morte.
Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade,
Naõ cuide a gente futura,
Que será obra da idade
O que he força da ventura.
Que idade, tempo, e espanto,
De ver quaõ ligeiro passe,
Nunqua em mi pudéram tanto,
Que postoque deixo o canto,
A causa delle deixasse.
Mas em tristezas, e nojos,
Em gosto, e contentamento,
Por Sol, por neve, por vento,
Tendrè presente a los ojos
Por quien muero tan contento.
Orgãos, e frauta deixava,
Despojo meu taõ querido,
No salgueiro, que alli estava,
Que para tropheo ficava
De quem me tinha vencido.
Mas lembranças da affeiçaõ,
Que ãlli captivo me tinha,

Me perguntáram entaõ,
Que era da musica minha,
Que eu cantava em Siaõ:
Que foi daquelle cantar,
Das gentes taõ celebrado,
Porque o deixava de usar,
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado.
Canta o caminhante lédo,
No caminho trabalhoso,
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refrêa o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador cantando,
O trabalho menos sente.
Eu que estas cousas senti
N'alma, de mágoas taõ chêa,
Como dirá, respondi,
Quem alheo está de si,
Doce canto em terra alhêa?
Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar,
Canta por menos cansar,
Eu só descansos engeito.

Que naõ parece razaõ,
Nem seria cousa idonia,
Por abrandar a paixaõ,
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Siaõ.
Que quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza,
Que por abrandá-la cante.

Que se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Naõ tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei
O que passo, e passei já;
Nem menos o escreverei;
Porque a penna cansará,
E eu naõ descansarei.

Que se vida taõ pequena
Se accrescenta em terra estranha,
E se amor assĩ o ordena,
Razaõ he que canse a penna
De escrever pena tamanha.
Porém, se para assentar
O que sente o coraçaõ,
A penna já me cansar,

Naõ canse para voar
A memoria em Siaõ.
Terra bemaventurada,
Se por algum movimento
Da alma me fores tirada,
Minha pena seja dada
A perpétuo esquecimento.
A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.
E se eu cantar quizer,
Em Babylonia sujeito,
Hierusalem, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito:
A minha lingua se apegue
A's fauces, pois te perdi,
Se em quanto viver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.
Mas ó tu, terra de gloria
Se eu nunqua vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia,
Naõ me lembras na memoria,
Senaõ na reminiscencia?
Que a alma he taboa rasa,

Que com a escripta doutrina
Celeste, tanto imagina,
Que voa da propria casa,
E sobe á patria divina.
  Naõ he logo a saudade
Das terras, onde nasceo
A carne, mas he do Ceo,
Daquella santa Cidade,
Donde esta alma descendeo.
E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Naõ he quem se ha de buscar;
He raio da formosura,
Que só se deve de amar.
  Que os olhos, e a luz, que atêa
O fogo, que cá sujeita
Naõ do Sol, mas da candêa,
He sombra daquella idéa,
Que em Deos está mais perfeita.
E os que cá me captiváram,
Saõ poderosos affeitos,
Que os corações tem sujeitos;
Sophistas, que me ensináram
Maos caminhos por direitos.
  Destes o mando tyrano
Me obriga com desatino,
A cantar ao som do dáno,
Cantares de amor profano,

Por versos de amor divino.
Mas eu, lustrado co' o santo
Raio na terra de dor,
De confusões, e de espanto,
Como hei de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor?
Tanto póde o beneficio
Da graça, que dá saude,
Que ordena, que a vida mude;
E o que eu tomei por vício,
Me faz grao para a virtude:
E faz, que este natural
Amor, que tanto se préza,
Suba da sombra ao real;
Da particular belleza,
Para a belleza géral.
Fique logo pendurada
A frauta, com que tangi,
O' Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada,
Para só cantar de ti.
Naõ captivo, e ferrolhado
Na Babylonia infernal;
Mas dos vicios desatado,
E cá desta a ti levado,
Patria minha natuaal.
E se eu mais der a cerviz
A mundanos accidentes,

Duros, tyrannos, e urgentes,
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes.
E tomando já na maõ
A lyra santa, e capaz
D'outra mais alta invençaõ,
Calle-se esta confusaõ,
Cante-se a visaõ de paz.
 Ouça-me o Pastor, e o Rei,
Retumbe este accento santo,
Mova-se no Mundo espanto,
Que do que já mal cantei,
A Palinodia já canto.
A vós só me quero ir,
Senhor, e grão Capitaõ
Da alta torre de Siaõ,
A' qual naõ posso subir,
Se me vós naõ dais a maõ.
 No graõ dia singular,
Que na lyra o douto som,
Hierusalem celebrar,
Lembrai-vos de castigar
Os ruijs filhos de Edom:
Aquelles, que tintos vaõ
No pobre sangue innocente,
Soberbos co' o poder vaõ
Arrazai-os igualmente,
Conheçam que humanos saõ.

E aquelle poder taõ duro
Dos affeitos, com que venho,
Que encendem alma, e engenho,
Que já me entráram o muro
Do livre arbitrio que tenho;
Estes, que taõ furiosos
Gritando vem a escalar-me,
Maos espiritos damnosos,
Que querem como forçosos,
Do alicerse derribar-me;
Derribai-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbelles,
Porque naõ podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tirar-nos delles.
Naõ basta minha fraqueza,
Para me dar defensaõ,
Se vós, santo Capitaõ
Nesta minha Fortaleza
Naõ puzerdes guarniçaõ.
E tu, ó carne, que encantas,
Filha de Babel taõ fêa,
Toda de miseria chêa,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhorêa;
Beato só póde ser,
Quem co' a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,

E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste:
Quem com disciplina crua
Se fere mais, que huma vez,
Cuja alma de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que já a carne n'alma fez:
E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes,
E em nascendo os affogar,
Por naõ virem a parar
Em vicios graves, e urgentes:
Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na Pedra, que veo a ser
Em fim cabeça do canto:
Quem logo, quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina
A'quella Carne divina,
Que na Cruz esteve já.
Quem do vil contentamento
Cá deste Mundo visibil,
Quanto ao homem for possibil,
Passar logo o entendimento
Para o Mundo intelligibil;
Alli achará alegria

Em tudo perfeita, e chêa
De taõ suave harmonía,
Que nem por pouca recrêa,
Nem por sobeja enfastia.
  Alli verá taõ profundo
Mysterio na summa Alteza,
Que, vencida a natureza,
Os móres faustos do Mundo
Julgue por maior baixeza.
O' tu divino aposento,
Minha patria singular,
Se só com te imaginar,
Tanto sobe o entendimento,
Que fará se em ti se achar?
  Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente,
Taõ justo, e taõ penitente,
Que despois de a ti subir,
Lá descanse eternamente.

Carta a huma Dama.

QUERENDO escrever hum dia
O mal, que tanto estimei,
Cuidando no que poria,
Vi amor que me dizia:
Escreve, eu notarei.
E como para se ler

Naõ era historia pequena,
A que de mi quiz fazer,
Das azas tirou a penna
Com que me fez escrever.
E logo como a tirou,
Me disse: Aviva os espritos,
Que pois em teu favor sou,
Esta penna, que te dou,
Fará voar teus escritos.
E dando-me a padecer
Tudo o que quiz que puzesse,
Pude em fim delle dizer,
Que me deo com que escrevesse
O que me deo a escrever.
Eu que este engano entendi,
Disse-lhe: Que escreverei?
Respondeo, dizendo assi:
Altos effeitos de ti,
E daquella a quem te dei.
E já que te manifesto
Todas minhas estranhezas,
Escreve, pois que te prézas,
Milagre de hum claro gesto,
E de quem o vio, tristezas.
Ah Senhora, em quem se apura
A fé de meu pensamento!
Escutai, e estai attento,
Que com vossa formosura,

Iguala amor meu tormento:
E postoque taõ remota
Estejais de me escutar,
Por me naõ remediar,
Ouvi, que pois amor nota,
Milagres saõ de notar.
  Escrevem varios Authores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores,
Que nascem naquelle monte.
Se os sentidos podem dar
Mantimento ao viver,
Naõ he logo de espantar,
Se estes vivem de cheirar,
Que viva eu só de vos ver.
  Huma arvore se conhece,
Que na geral alegria,
Ella tanto se entristece,
Que como he noite florece,
E perde as flores de dia.
Eu, que em ver-vos sinto o preço
Que em vossa vista consiste,
Em a vendo me entristeço,
Porque sei que naõ mereço
A gloria de ver-me triste.
  Hum Rei de grande poder,
Com veneno foi criado,

Porque sendo costumado,
Naõ lhe pudesse empecer,
Se despois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
A vista a quanto padece,
Desta sorte me acontece,
Que naõ me faz mal a pena,
Senaõ qnando me fallece.
  Quem da doença Real,
De longe enfermo se sente,
Por segredo natural
Fica são vendo sómente
Hum volatil animal.
Do mal, que amor em mi cria,
Quando aquella Phenix vejo,
Sãa de todo ficaria,
Mas fica-me hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo.
  Da vibora he verdadeiro,
Se a consorte vai buscar,
Que em se querendo juntar,
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gerar:
Assi quando me apresento
A' vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deixo á parte, porque dana
Tamanho contentamento.

Querendo amor sustentar-se,
Fez huma vontade esquiva
De huma estatua namorar-se;
Despois por manifestar-se
Converteo-a em mulher viva.
De quem me irei queixando,
Ou quem direi que me engana
Se vou seguindo, e buscando
Huma imagem, que de humana
Em pedra se vai tornando?

De huma fonte se sabia,
Da qual certo se provava,
Que quem sobre ella jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós, que minha liberdade,
Senhora, tyrannizais,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos naõ possa ver mais.

Da palma se escreve, e canta,
Ser taõ dura, e taõ forçosa,
Que pezo naõ a quebranta;
Mas antes de presunçosa,
Com elle mais se levanta.
Co' o pezo do mal, que dais,
A Constancia, que em mi vejo,
Naõ sómente ma dobrais,

Mas dobra-se meu desejo,
Com que entaõ vos quero mais.
Se alguem os olhos quizer
A's andorinhas quebrar,
Logo a mãi, sem se deter,
Hũa herva lhe vai buscar,
Que lhes faz outros nascer.
Eu que os olhos tenho attento
Nos vossos, que estrellas saõ,
Cegam-se os do entendimento;
Mas nascem-me os da razaõ
De folgar com meu tormento.
Lá para onde o Sol sahe,
Descobrimos, navegando,
Hum novo rio admirando,
Que o lenho que nelle cahe,
Em pedra se vai tornando.
Naõ se espantem disto as gentes;
Mais razaõ será que espante
Hum coraçaõ taõ possante
Que com lagrimas ardentes,
Se converte em diamante.
Póde hum mudo nadador
Na linha, e canna influir
Taõ venenoso vigor,
Que faz mais naõ se bulir
O braço do Pescador.
Se começam de beber

Deste veneno excellente
Meus olhos, sem se deter,
Naõ se sabem mais mover
A nada que se apresente.
Isto saõ claros signais
Do muito que em mi podeis,
Nem podeis desejar mais,
Que se ver-vos desejais,
Em mi claro vos vereis.
E quereis ver a que fim,
Em mi tanto bem se poz?
Porque quiz amor assim,
Que por vos verdes a vós,
Tambem me visseis a mim.
Dos males que me ordenais,
Que inda tenho por pequenos,
Sabei, se mos escutais,
Que já naõ sei dizer mais,
Nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
Naõ se acha quem resista,
Eu, Senhora, me contento,
De terdes meu soffrimento
Por alvo de vossa vista.
Quantos contrarios consente
Amor, por mais padecer;
Que aquella vista excellente,
Que me faz viver contente,

Me faça taõ triste ser.
Mas dou este entendimento
Ao mal, que tanto me offende,
Como na véla se entende,
Que se se apaga co' o vento,
Co' o mesmo vento se accende.
 Exprimentou-se algum'hora,
D'ave que chamam Camaõ,
Que se da casa, onde mora,
Vê adultera Senhora,
Morre de pura paixaõ:
A dor he taõ sem medida
Que remedio lhe naõ val.
Mas oh ditoso animal,
Que póde perder a vida,
Quando vê tamanho mal!
 Nos gostos de vos querer
Estava agora enlevado,
Senaõ fora salteado
Das lembranças de temer
Ser por outrem desamado.
Estas suspeitas taõ frias,
Com que o pensamento sonha,
Saõ assi como as harpias,
Que as mais doces iguarias
Vaõ converter em peçonha.
 Faz-me este mal infinito,
Naõ poder jámais dizer,

Por naõ vir a corromper
Os gostos que tenho escrito,
Co' os máles que hei de escrever.
Naõ quero que se apregoe
Mal tanto para encobrir,
Porque em quanto aqui se ouvir,
Nenhuma outra cousa soe,
Que a gloria de vos servir.

Redondilhas de pé quebrado.

DAMA de estranho primor,
Se vos for
Pezada minha firmeza,
Olhai naõ me deis tristeza,
Porque a converto em amor.
E se cuidais
De me matar, quando usais
De esquivança,
Irei tomar por vingança
Amar-vos cada vez mais.
Porém vosso pensamento,
Como isento,
Seguirá sua tençaõ,
Crendo que em tanta affeiçaõ
Naõ haja accrescentamento.
Naõ creais,
Que desta arte vos façais

Invencibil,
Que amor, sobre o impossibil,
Amostra que póde mais.
  Mas já da tençaõ que sigo,
Me desdigo;
Que se ha tanto poder nelle,
Tambem vós podeis mais que elle
Neste mal que usais comigo.
Mas se for
O vosso poder maior
Antre nós,
Quem poderá mais que vós,
Se vós podeis mais que amor?
  Despois que, Dama, vos vi,
Entendi,
Que perdêra amor seu preço,
Pois o favor que lhe eu peço,
Vos pede elle para si.
Nem duvido,
Que naõ póde de sentido
Resistir;
Pois em vez de vos ferir,
Ficou, de vos ver, ferido.
  Mas pois vossa vista he tal
Em meu mal,
Que posso de vós querer?
Que mal poderei valer,
Onde o mesmo amor naõ val.

Se attentar,
Nenhum bem posso esperar;
E oxalá,
Que vos alembrasse já,
Sequer, para me matar.
 Mas nem com isto creais,
Que façais
Meus serviços mais pequenos;
Porque eu, quando espero menos,
Sabei que entaõ quero mais.
Nada espero;
Mas de mi, crede este fero,
Que em ser vosso,
Vos quero tudo o que posso,
E naõ posso quanto quero.
 Só por esta phantasia
Merecia
De meus males algum fruito;
E naõ era certo muito
Para o muito que queria.
De maneira,
Que naõ he na derradeira
Grande espanto;
Que quem, Dama, vos quer tanto,
Que outro tanto de vós queira.

A humas suspeitas.

Suspeitas, que me quereis,
Que eu vos quero dar lugar,
Que de certas me mateis,
Se a causa, de que nasceis,
Vos quizesse confessar.
Que de naõ lhe achar desculpa,
A grande mágoa passada,
Me tem a alma taõ cansada,
Que se me confessa a culpa,
Te-la-hei por desculpada.
 Ora vede que perigos
Tem cercado o coraçaõ,
Que no meio da oppressaõ,
A seus proprios inimigos
Vai pedir a defensaõ.
Que suspeitas eu bem sei,
Como se claro vos visse,
Que he certo o que já cuidei,
Que nunqua mal suspeitei,
Que certo me naõ sahisse.
 Mas queria esta certeza
Daquella, que me atormenta,
Porque em tamanha estreiteza,
Ver que disso se contenta,
He descanso da tristeza.

Porque se esta só verdade
Me confessa limpa, e nua,
De cautela, e falsidade,
Naõ póde a minha vontade
Desconforme ser da sua.
Por segredo namorado
He certo estar conhecido,
Que o mal de ser engeitado,
Mais atormenta sabido
Mil vezes, que suspeitado.
Mas eu só, em quem se ordena
Novo modo de querélla,
De medo da dor pequena,
Venho a achar na maior pena
O refrigerio para ella.
Já nas iras me inflammei,
Nas vinganças, nos furores,
Que já doudo imaginei,
E já mais doudo jurei
De arrancar d'alma os amores.
Já determinei mudar-me
Para outra parte com ira;
Despois vim a concertar-me,
Que era bom certificar-me
No que mostrava a mentira.
Mas despois já de cansadas
As furias do imaginar,
Vinha em fim a rebentar

Em lagrimas magoadas,
E bem para magoar.
E deixando-se vencer
Os meus fingidos enganos,
De taõ claros desenganos,
Naõ posso menos fazer,
Que contentar-me co' os danos.
E pedir que me tirassem
Este mal de suspirar,
Que me vejo atormentar,
Indaque me confessassem,
Quanto me póde matar.
Olhai bem se me trazeis,
Senhora, posto no fim;
Pois neste estado a que vim,
Para que vós confesseis,
Se daõ os tratos a mim.
Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe convinha;
Porque da culpa, que he vossa,
Venha a ser a morte minha.
Justiça taõ mal olhada,
Olhai com que còr se doura,
Que quero ao fim da jornada,
Que vós sejais confessada,
Para que eu seja o que moura.
Pois confessai-vos já agora,

Indaque tenho temor,
Que nem nesta ultima hora
Me ha de perdoar amor,
Vossos peccados, Senhora.
E assi vou desesperado,
Porque estes saõ os costumes
D'amor, que he mal empregado,
Do qual vou já condemnado
Ao inferno de ciumes.

Labyrintho, queixando-se do Mundo.

Corre sem véla, e sem leme,
O tempo desordenado,
De hum grande vento levado:
O que perigo naõ teme,
He de pouco exprimentado.
As redeas trazem na maõ
Os que redeas naõ tiveram:
Vendo quanto mal fizeram
A cobiça, e ambiçaõ,
Disfarçados se acolhêram.
A náo, que se vai perder,
Destrue mil esperanças:
Vejo o mao, que vem a ter;
Vejo perigos correr
Quem naõ cuida que ha mudanças.
Os que nunqua em sella andáram,

Na sella póstos se vem:
De fazer mal naõ deixáram;
De demonio hábito tem,
Os que o justo profanáram.
Que poderá vir a ser
O mal nunqua refreado?
Anda, por certo, enganado
Aquelle que quer valer,
Levando o caminho errado.
He para os bõos confusaõ,
Ver que os maos prevalecêram;
Que posto se detiveram
Com esta simulaçaõ
Sempre castigos tiveram.
Naõ porque governe o leme
Em mar envolto, e turbado,
Que tem seu rumo mudado,
Se parece grita, e geme,
Em tempo desordenado.
Terem justo galardaõ,
E dor dos que merecêram,
Sempre castigos tiveram
Sem nenhuma redempçaõ,
Postoque se detiveram.
Na tormenta, se vier,
Desespere na bonança:
Quem manhas naõ sabe ter,
Sem que lhe valha gemer,

Verá falsar a balança.
Os que nunqua trabalháram,
Tendo o que lhe naõ convém,
Se ao innocente enganáram,
Perderáõ o eterno bem,
Se do mal naõ se apartáram.

CONVITE QUE FEZ NA INDIA A CERTOS FIDALGOS.

A primeira iguaria foi posta a Vasco de Ataide, e dizia:

SENAÕ quereis padecer
Huma, ou duas horas tristes,
Sabeis que haveis de fazer?
Bolveros por dò venistes,
Que aqui naõ ha que comer.
E postoque aqui leais
Trovinha, que vos enlêa,
Corrido naõ estejais,
Porque por mais que corrais,
Naõ heis de alcançar a cêa.

A segunda a D. Francisco de Almeida.

Heliogabalo zombava
Das pessoas convidadas;
E de sorte as enganava,

Qua as iguarias que dava
Vinham nos pratos pintadas.
Naõ temais tal travessura,
Pois já naõ póde ser nova,
Porque a cêa está segura
De vos naõ vir em pintura,
Mas ha de vir toda em trova.

A terceira a Heitor da Sylveira.

Cêa naõ a papareis:
Com tudo, porque naõ minta,
Para beber achareis,
Naõ Caparica, mas tinta,
E mil cousas que papeis.
E vós torceis o focinho
Com esta amphibologia?
Pois sabei que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho,
E papéis por iguaria

A quarta a Joaõ Lopes Leitaõ, a quem o Author fez huns versos, que vaõ adiante, sobre huma peça de cacha, que deo a huma Dama.

Porque os que vos convidáram
Vosso estomago naõ danem,
Por justa causa ordenáram,

Se trovas vos enganáram,
Que trovas vos desenganem.
Vós tereis isto por tacha,
Converter tudo em trovar;
Pois se me virdes zombar,
Naõ cuideis, Senhor, que he cacha,
Que aqui naõ ha que cachar.

Responde Joaõ Lopez.

Pezar ora naõ de saõ,
Eu juro pelo Ceo bento,
Se de comer naõ me daõ,
Que eu naõ sou camaleaõ,
Que me hei de manter do vento.

Responde o Author.

Senhor, naõ vos agasteis,
Porque Deos vos proverá;
E se mais saber quereis,
Nas costas deste lereis
As iguarias que ha.

Vira o papel, que dizia assi:

Tendes nem migalha assada,
Cousa nenhuma de molho,
E nada feito em empada,
E vento de tigelada,
Picar no dente em remolho.
De fumo tendes taçalhos,
Ave da penna, que sente
Quem da fome anda doente,
Bocejar de vinho, e d'alhos,
Manjar em branco excellente.

A derradeira a Francisco de Mello.

De hum homem, que teve o scetro
Da vêa maravilhosa,
Naõ foi cousa duvidosa,
Que se lhe tornava em metro
O que hia a dizer em prosa.
De mi vos quero affirmar,
Que faça cousas mais novas
De quanto podeis cuidar;
E esta cêa, que he manjar,
Vos faça na boca em trovas.

Na India ao Viso-Rei, com o mote adiante.

CONDE, cujo illustre peito
Merece nome de Rei,
Do qual muito certo sei
Que lhe fica sendo estreito
O cargo de Viso-Rei;
Servirdes-vos de occupar-me
Tanto contra meu Planeta,
Naõ foi senaõ azas dar-me,
Com as quaes vou a queimar-me,
Como o faz a borboleta.
E se eu a penna tomar,
Que taõ mal cortada tenho,
Será para celebrar
Vosso valor singular
Dino de mais alto engenho.
Que se o meu vos celebrasse,
Necessario me seria
Que os olhos d'aguia tomasse,
Só para que naõ cegasse
No Sol de vossa valia.
Vossos feitos sublimados,
Nas armas dignos de gloria,
Saõ no Mundo taõ soados,
Que em vós, de vossos passados,
Se ressuscita a memoria.
Pois aquelle animo estranho,

Prompto para todo effeito,
Espanta todo o conceito:
Como coraçaõ tamanho
Vos póde caber no peito?
  A clemencia, que asserenna
Coraçaõ taõ singular,
Se eu nisso puzesse a penna,
Seria encerrar o mar
Em cousa muito pequena.
Bem basta, Senhor, que agora
Vos sirvais de me occupar,
Que assi fareis aparar
A penna, com que algum'hora
Vos vereis ao Ceo voar.
  Assi vos irei louvando,
Vós a mi do chão erguendo,
Ambos o Mundo espantando;
Vós com a espada cortando,
Eu com a penna escrevendo.

Mote que lhe mandou o Viso-Rei, para lhe fazer humas voltas.

Muito sou meu inimigo,
Pois que naõ tiro de mi
Cuidados, com que nasci,
Que põe a vida em perigo.
Oxalá que fora assi!

O Author.

VIVER eu, sendo mortal,
De cuidados rodeado,
Parece meu natural;
Que a peçonha naõ faz mal
A quem foi nella criado.
Tanto sou meu inimigo,
Que por naõ tirar de mi
Cuidados, com que nasci,
Porei a vida em perigo.
Oxalá que fora assi!
  Tanto vim a accrescentar
Cuidados, que nunqua amansam,
Em quanto a vida durar,
Que canso já de cuidar,
Como cuidados naõ cansam.
Se estes cuidados, que digo,
Déssem fim a mi, e a si,
Fariam pazes comigo;
Que pôr a vida em perigo,
O bom fora para mi.

A huma Dama, que lhe mandou pedir algumas Obras suas.

SENHORA, se eu alcançasse
No tempo que ler quereis,

Que a dita dos meus papéis,
Pela minha se trocasse;
E por ver
Tudo o que posso escrever,
E mais breve relaçaõ,
Indo eu onde elles vaõ,
Por mi só quizesseis ler.
  Despois de ver hum cuidado
Taõ contente de seu mal,
Verieis o natural
Do que aqui vedes pintado;
Que o perfeito
Amor, de que sou sogeito,
Vereis aspero, e cruel,
Aqui com tinta, e papel,
Em mi com sangue no peito.
  Que hum contínuo imaginar
Naquillo que amor ordenna,
He pena, que em fim por penna
Senaõ póde declarar;
Que se eu levo
Dentro n'alma quanto devo
De trasladar em papéis,
Vede que melhor lereis,
Se a mi, se aquillo que escrevo?

A huma Senhora, a quem deram hum pedaço de sitim amarello.

Se derivais da verdade
Esta palavra *Sitim*,
Achareis sem falsidade,
Que apoz o *si* tem o *tim*,
Que tine em toda a Cidade.
Bem vejo que me entendeis,
Mas porque naõ falle em vão,
Sabei que a esta Nação,
Tanto que o *si* concedeis,
O *tim* logo está na mão.
E quem da fama se arreda,
Que tudo vai descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitijs, porque da seda
Seu natural he rugir.
Mas panno fino, e delgado,
Qual a raxa, e outros assi,
Dura, aquenta, e he callado,
Amoroso, e dá de si
Mais que *sitim*, nem brocado.
Mas estas, que sedas saõ
Com quem se enganam mil Damas,
Mais vos tomam, do que daõ;
Promettem, mas naõ daraõ,

Senaõ nodoas para as famas.
E se naõ me quereis crer,
Ou tomais outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum visinho.
Oh feminina simpreza,
Donde estaõ culpas a pares,
Que por hum Dom de nobreza,
Deixam dões da natureza,
Mais altos, e singulares!
Hum Dom, que anda enxertado
No nome, e nas obras naõ;
(Fallo como exprimentado)
Que *sitim* desta feiçaõ,
Eu tenho muito cortado.
Dizem-me que era amarello,
E quem assi o quiz dar,
Só para me Deos vingar,
Se vem á mão amarello,
O que eu naõ posso cuidar.
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas,
(Isto bem póde naõ ser)
Dá a meninas formosas,
Sómente polas fazer.
Quem vos isto diz, Senhora,
Servio nas vossas armadas

Muito; mas anda já fóra;
E póde ser que inda agora
Traz abertas as fréchadas.
E postoque desfavores
O tiram de servidor,
Quer-vos ventura melhor;
Que dos antigos amores
Inda lhe fica este amor.

A huma Senhora rezando por humas contas.

Peço-vos que me digais
As orações que rezastes,
Se saõ pelos que matastes,
Se por vós que assi matais?
Se saõ por vós, saõ perdidas;
Que qual será a oraçaõ,
Que seja satisfaçaõ,
Senhora, de tantas vidas?
Que se vedes quantos vem
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deos de ouvir,
Se vós naõ ouvís ninguem?
Naõ podeis ser perdoada,
Com mãos a matar taõ prontas
Que se n'huma trazeis contas,
Na outra trazeis espada.
Se dizeis que encommendando

Os que matastes andais;
Se rezais por quem matais,
Para que matais rezando?
Que se na força do orar
Levantais as mãos aos Ceos,
Naõ as ergueis para Deos,
Erguei-las para matar.
  E quando os olhos cerrais,
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem vos vê,
Para nunqua verem mais.
Pois se assi forem tratados
Os que vos vem quando orais,
Essas horas que rezais,
Saõ as horas dos finados.
  Pois logo, se sois servida
Que tantos mortos naõ sejam,
Naõ rezeis onde vos vejam,
Ou vede para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males que causastes,
Ressuscitai quem matastes,
Naõ tereis por quem rezar.

A huma Dama que lhe deo huma penna.

Se n'alma, e no pensamento,
Por vosso me manifesto,

Naõ me peza do que sento;
Que se naõ soffrer tormento,
Faço offensa a vosso gesto.
E pois quanto amor ordena,
E quanto esta alma deseja,
Tudo á morte me condena,
Naõ quero senaõ que seja
Tudo pena, pena, pena.

A huma Dama que lhe chamou cara sem olhos.

Sem olhos vi o mal claro,
Que dos olhos se seguio:
Pois cara sem olhos vio
Olhos, que lhe custam caro.
De olhos naõ faço mençaõ,
Pois quereis que olhos naõ sejam;
Vendo-vos, olhos sobejam;
Naõ vos vendo, olhos naõ saõ.

Disparates na India.

Este Mundo es el camino
Adó ay duzientos váos,
Ou por onde bõos, e máos,
Todos somos del merino.
Mas os maos saõ de teor,
Que desque mudam a côr,

Chamam logo a ElRei compadre;
E em fim dexadlos mi madre,
Que sempre tem hum sabor
De quem torto nasce, tarde se endireita.
  Deixai a hum que se abone,
Diz logo de muito sengo,
Villas y Castillos tengo,
Todos a mi mandar sone.
Entaõ eu, que estou de molho,
Com a lagrima no olho,
Pelo virar do envés,
Digo-lhe : tu ex illis es,
E por isso naõ te ólho;
Pois honra e proveito naõ cabe n'hũ saco.
  Vereis hũus, que no seu seio
Cuidam que trazem París
E querem com dous ceitís,
Fender anca pelo meio.
Vereis mancebinho de arte
Com espada em talabarte:
Naõ ha mais Italiano:
A este direis : meu mano,
Vós sois galante, que farte;
Mas pan y vino anda el camino, q̃ no moço garrido.
  Outros em cada theatro,
Por officio lhe ouvirès,
Que se mataràn con tres,
Y lo mismo haran con quatro.

Prezam-se de dar respostas,
Com palavras bem compostas;
Mas se lhe meteis a maõ,
Na paz mostram coraçaõ,
Na guerra mostram as costas;
Porque aqui torce a porca o rabo.
  Outros vejo por ahi,
A que se acha mal o fundo,
Que andam emendando o Mundo,
E naõ se emendam a si.
Estes respondem a quem
Delles naõ entende bem
El dolor, que està secreto;
Mas porém quem for discreto,
Responder-lhe-ha muito bem,
Assi entrou o Mundo, assi ha de sahir.
  Achareis rafeiro velho,
Que se quer vender por galgo,
Diz que o dinheiro he fidalgo,
Que o sangue todo he vermelho:
Se elle mais alto o dissera,
Este pelote puzera;
Que o seu eco lhe responda,
Que su padre era de Ronda,
Y su madre de Antequera,
E quer cobrir o Ceo co' huma joeira.
  Fraldas largas, grave aspeito,
Para Senador Romano.

Oh que grandissimo engano,
Que Momo lhe abrisse o peito!
Consciencia, que sobeja,
Siso, com que o Mundo reja,
Mansidaõ outro que si;
Mas que lobo está em ti,
Metido em pelle de oveja!
E sabem-no poucos.
  Guardai-vos de hũus meus Senhores,
Que ainda compram, e vendem;
Hũus, que he certo, que descendem
Da geraçaõ de Pastores:
Mostram-se-vos bõos amigos;
Mas se vos vem em perigos,
Escarram-vos nas paredes;
Que de fóra dormiredes,
Irmão, que he tempo de figos;
Porq̃ de rabo de porco nunqua bom virote.
  Que direis de hũus, que as entranhas
Lhe estaõ ardendo em cobiça,
E se tem mando, a justiça
Fazem de teas de aranhas?
Com suas hypocrisias,
Que saõ de vossas espias,
Para os pequenos hũus Neros,
Para os grandes tudo feros:
Pois tu, parvo, naõ sabias,
Que lá vaõ leis, onde querem cruzados?

Mas tornando a hũus enfadonhos,
Cujas cousas saõ notorias;
Hũus, que contam mil historias,
Mais desmanchadas que sonhos:
Hũus mais parvos que zamboas,
Que estudam palavras boas,
A que ignorancia os atiça;
Estes paguem por justiça;
Que tem morto mil pessoas,
Por vida de quanto quero.
Aonde tienen las mentes
Hũus secretos trovadores,
Que fazem cartas de amores,
De que ficam mui contentes?
Naõ querem sahir á praça,
Trazem trova por negaça,
E se lha gabais, que he boa,
Diz que he de certa pessoa.
Ora que quereis que faça,
Senaõ ir-me por esse Mundo?
O' tu, como me atarracas,
Escudeiro de Solia,
Com bocaes de fidalguia,
Trazido quasi com vacas?
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes, que cheiram já:
Voto a tal, que me fará

Hum destes nunqua fallar
Mais com viva alma.
Hũus que fallam muito, vi,
De que quizera fugir;
Hũus que, em fim, sem se sentir,
Andam fallando ente si;
Porfiosos sem razaõ;
E desque tomam a maõ,
Fallam sem necessidade;
E se algum'hora he verdade,
Deve ser na confissaõ;
Porque quem naõ mente,
Já me entendeis.
Oh vós quem quer que me lerdes,
Que haveis de ser avisado
Qùe dizeis ao namorado,
Que caça vento com redes?
Jura por vida da Dama,
Falla comsigo na cama,
Passêa de noite, e escarra,
Por falsete na guitarra
Põe sempre, viva que ama,
Porque calça a seu proposito.
Mas deixemos, se quizerdes,
Por hum pouco as travessuras,
Porque entre quatro maduras
Leveis tambem cinco verdes.
Deitemos-nos mais ao mar,

E se algum se arrecear,
Passe tres ou quatro trovas:
E vós tomais côres novas?
Mas naõ he para espantar,
Que quem porcos ha menos,
Em cada mouta lhe roncam
O' vós que sois Secretarios
Das consciencias Reais,
Que entre os homẽes estais
Por Senhores ordinarios;
Porque naõ pondes hum freo
Ao roubar, que vai sem meo,
Debaixo de bom governo?
Pois hum pedaço de inferno,
Por pouco dinheiro alheo,
Se vende a Mouro, e a Judeo.
Porque a mente affeiçoada
Sempre á Real dignidade
Vos faz julgar por bondade
A malicia desculpada?
Move a presença Real
Huma affeiçaõ natural,
Que logo inclina ao Juiz
A seu favor, e naõ diz
Hum rifaõ muito géral,
Que o Abbade donde canta, dahi janta.
E vós bailais a esse som:
Por isso, gentís Pastores,

Vos chama a vós mercadores
Hum que só foi Pastor bom.

A Joaõ Lopes Leitaõ, sobre huma peça de cacha que mandou a huma Dama, que se lhe fazia donzella.

Trovas.

Se vossa Dama vos dá
Tudo quanto vós quizestes,
Dizeime : para que lhe déstes
O que vos ella fez já ?
Sendo os restos envidados,
E vós de cachas mil contos,
Sabeis com quaõ poucos pontos,
Que olhos achastes quebrados:
Se o que tem isso vos dá,
Vós mui bem lho merecestes,
Porque se a cacha lhe déstes
Tinha-vo-la feita já.

A Dona Francisca de Aragaõ, que lhe mandou glosar esta regra :

Mas porém a que cuidados?

Tanto maiores tormentos
Foram sempre os que soffri,

Daquillo que cabe em mi,
Que naõ sei que pensamentos
Saõ os para que nasci.
Quando vejo este meu peito
A perigos arriscados
Inclinado, bem suspeito,
Que a cuidados sou sujeito.
Mas porém a que cuidados?

Ao mesmo.

Que vindes em mi buscar,
Cuidados, que sou captivo?
Eu naõ tenho que vos dar:
Se vindes a me matar,
Já ha muito que naõ vivo:
Se vindes, porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre soffri mais,
Naõ digo que naõ venhais.
Mas porém a que cuidados?

Ao mesmo.

Se as pennas que amor me deu,
Vem por taõ suaves meos,
Naõ ha que temer receos;
Que val hum cuidado meu

Por mil descansos alheos.
Ter n'hũus olhos taõ formosos
Os sentidos enlevados,
Bem sei que em baixos estados
Saõ cuidados perigosos.
Mas porém a que cuidados?

Carta com a glosa acima.

Deixei-me enterrar no esquecimento de v. m. crendo me seria assi mais seguro: mas agora que he servida de me tornar a resuscitar, por me mostrar seus poderes, lembro-lhe, que huma vida trabalhosa, he menos de agradecer, que huma morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, for para ma tornar a tomar, servindo-se della, naõ me fica mais que desejar, que poder acertar com este mote de v. m. ao qual dei tres entendimentos, segundo as palavras delle pudéram soffrer: se forem bõos, he mote de v. m.: se maos, saõ as glosas minhas.

Mote alheo.

Campos bemaventurados,
Tornai-vos agora tristes;
Que os dias, em que me vistes,
Alegres já saõ passados.

Glosa.

Campos cheos de prazer,
Vós que estais reverdecendo,
Já me alegrei com vos ver,
Agora venho a temer,
Que entristeçais em me vendo.
E pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Naõ quero que me vejais,
Para que sempre sejais
Campos bemaventurados.
Porém se por accidente
Vos pezar de meu tormento,
Sabereis que amor consente,
Que tudo me descontente,
Senaõ descontentamento.
Por isso vós, arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegria, que medos,
Se mos quereis fazer lédos,
Tornai-vos agora tristes.
Já me vistes lédo ser,
Mas despois que o falso amor
Taõ triste me fez viver,
Lédos fólgo de vos ver,
Porque me dobreis a dor.

E se este gosto sobejo
De minha dor me sentistes,
Julgai quanto mais desejo
As horas que vos naõ vejo,
Que os dias, em que me vistes.
O tempo, que he desigual,
De seccos, verdes vos tem;
Porque em vosso natural,
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mór mal.
Se perguntais, verdes prados,
Pelos tempos differentes
Que de amor me foram dados
Tristes, aqui saõ presentes,
Alegres já saõ passados.

Mote alheo.

Trabalhos descansariam,
Se para vós trabalhasse:
Tempos tristes passariam,
Se algum'hora vos lembrasse.

Glosa.

Nunqua o prazer se conhece,
Senaõ despois da tormenta:
Tampouco o bem permanece;

Que se o descanso florece,
Logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bẽes se lograriam,
Mas os males tudo atalham;
Porém já que assi porfiam,
Onde descansos trabalham,
Trabalhos descansariam.

Qualquer trabalho me fora
Por vós grão contentamento:
Nada sentíra, Senhora,
Se vira disto algum'hora
Em vós hum conhecimento.
Por mal que o mal me tratasse,
Tudo por bem tomaria:
Postoque o corpo cansasse,
A alma descansaria,
Se para vós trabalhasse.

Quem vossas cruezas já
Soffreo, a tudo se poz;
Costumado ficará,
E muito melhor será,
Se trabalhar para vós.
Tristezas esqueceriam,
Postoque mal me tratáram;
Annos naõ mẽ lembrariam,
Que como est'outros passáram,
Tempos tristes passariam.

Se fosse galardoado

Este trabalho taõ duro,
Naõ vivêra magoado.
Mas naõ o foi o passado,
Como o será o futuro?
De cansar naõ cansaria,
Se quizereis, que cansasse;
Cavar, morrer, fa-lo-hia;
Tudo, em fim, esqueceria
Se algum'hora vos lembrasse.

Mote alheo.

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condiçaõ,
Que os males, que dais por pena,
Me fiquem por galardaõ.

Glosa.

Despois de sempre soffrer,
Senhora, vossas cruezas,
A pezar de meu querer,
Me quereis satisfazer
Meus serviços com tristezas.
Mas, pois, em balde resiste
Quem vossa vista condena,
Prestes estou para a pena;
Que de galardaõ taõ triste,
Triste vida se me ordena.

De contente do mal meu
A taõ grande extremo vim,
Que consinto em minha fim:
Assi, que vós, e mais eu,
Ambos somos contra mim.
Mas que soffra meu tormento,
Sem querer mais galardaõ,
Naõ he fóra de razaõ,
Que queira meu soffrimento,
Pois quer vossa condiçaõ.
O mal, que vós dais por bem,
Esse, Senhora, he mortal;
Que o mal, que dais como mal,
Em muito menos se tem
Por costume natural.
Mas porém nesta victoria,
Que comigo he bem pequena,
A maior dor me condena
A pena, que dais por gloria,
Que os males, que dais por pena.
Que mór bem me possa vir,
Que servir-vos, naõ o sei.
Pois que mais quero eu pedir,
Se quanto mais vos servir,
Tanto mais vos deverei?
Se vossos merecimentos
De taõ alta estima saõ,
Assaz de favor me daõ

Em querer que meus tormentos
Me fiquem por galardaõ.

Mote alheio.

Já naõ posso ser contente,
Tenho a esperança perdida,
Ando perdido entre a gente,
Nem mouro, nem tenho vida.

Glosa.

DESPOIS que meu cruel fado
Destruio huma esperança,
Em que me vi levantado,
No mal fiquei sem mudança
E do bem desesperado.
O coraçaõ, que isto sente,
A' sua dor naõ resiste;
Porque vê mui claramente,
Que pois nasci para triste,
Já naõ posso ser contente.
Por isso, contentamentos,
Fugi de quem vos despreza:
Já fiz outros fundamentos,
Já fiz, Senhora, a tristeza,
De todos meus pensamentos.
O menos que lhe entreguei,

Foi esta cansada vida:
Cuido que nisto acertei;
Porque de quanto esperei
Tenho a esperança perdida.
Acabar de me perder
Fora já muito melhor;
Tivera fim esta dor,
Que naõ podendo mór ser,
Cada vez a sinto mór.
De vós desejo esconder-me,
E de mi principalmente,
Onde ninguem possa ver-me;
Que pois me ganho em perder-me,
Ando perdido entre a gente
Gostos de mudanças cheos,
Naõ me busqueis, naõ vos quero:
Tenho-vos por taõ alheos,
Que do bem que naõ espero,
Inda me ficam receos.
Em pena taõ sem medida,
Em tormento taõ esquivo,
Que moura, ninguem duvída;
Mas eu se morro, ou se vivo,
Nem morro, nem tenho vida.

Mote a huma Dama que se chamava Anna.

A morte, pois que sou vosso,

Naõ a quero; mas se vem,
Ha de ser todo meu bem.

Glosa.

Amor, que em meu pensamento
Com tanta fé se fundou,
Me tem dado hum regimento,
Que quando vir meu tormento
Me salve com cujo sou:
E com esta defensaõ,
Com que tudo vencer posso,
Diz a causa ao coraçaõ:
Naõ tem em mi jurdiçaõ
A morte pois que sou vosso.
Por exprimentar hum dia
Amor se me achava forte
Nesta fé, como dizia,
Me convidou com a morte,
Só por ver se a tomaria.
E como ella seja a cousa,
Onde está todo meu bem,
Respondi-lhe, (como quem
Quer dizer mais, e naõ ousa)
Naõ a quero, mas se vem.
Naõ disse mais, porque entaõ
Entendeo quanto me toca;
E se tinha dito o naõ,

Muitas vezes diz a boca,
O que nega o coraçaõ.
Toda a cousa defendida,
Em mais estima se tem:
Por isso he cousa sabida,
Que perder por vós a vida,
Ha de ser todo meu bem.

A' mesma Dama.

Vejo-a n'alma pintada,
Quando me pede o desejo,
A natural que naõ vejo.

Glosa.

Se só de ver puramente
Me transformei no que vi,
De vista taõ excellente,
Mal poderei ser ausente,
Em quanto o naõ for de mi.
Porque a alma namorada
A traz taõ bem debuxada,
E a memoria tanto voa,
Que se a naõ vejo em pessoa,
Vejo-a n'alma pintada.
O desejo, que se estende
Ao que menos se concede,

Sobre vós pede, e pertende
Como o doente que pede
O que mais se lhe defende.
Eu, que em ausencia naõ vejo,
Tenho piedade, e pejo
De me ver taõ pobre estar;
Que entaõ naõ tenho que dar,
Quando me pede o desejo.
Como aquelle que cegou,
He cousa vista, e notoria,
Que a natureza ordenou,
Que se lhe dobre em memoria
O que em vista lhe faltou.
Assi a mi, que naõ vejo
Co' os olhos o que desejo,
Na memoria, e na firmeza,
Me concede a natureza
A natural que naõ vejo.

Mote alheo.

Sem vós, e com meu cuidado,
Olhai com quem, e sem quem.

Glosa.

VENDO amor, que com vos ver
Mais levemente soffria

Os males que me fazia,
Naõ me pode isto soffrer:
Conjurou-se com meu fado,
Hum novo mal me ordenou,
Ambos me levam forçado,
Naõ sei onde, pois que vou
Sem vós, e com meu cuidado.

Naõ sei qual he mais estranho
Destes dous males que sigo,
Senaõ vos ver, se comigo
Levar imigo tamanho.
O que fica, e o que vem,
Hum me mata, outro desejo:
Com tal mal, e sem tal bem,
Em taes extremos me vejo,
Olhai com quem, e sem quem.

Ao mesmo.

Amor, cuja providencia
Foi sempre que naõ errasse,
Porque n'alma vos levasse,
Respeitando o mal de ausencia,
Quiz que em vós me transformasse.
E vendo-me ir maltratado,
Eu, e meu cuidado sós,
Proveo nisso de attentado,
Por naõ me ausentar de vós,
Sem vós, e com meu cuidado.

Mas esta alma, que eu trazia,
Porque vós nella morais,
Deixa-me cego, e sem guia,
Que ha por melhor companhia
Ficar onde vós ficais.
Assi me vou de meu bem,
Onde quer a forte estrella,
Sem alma, que em si vos tem,
Co' o mal de viver sem ella;
Olhai com quem, e sem quem.

Mote alheo.

Sem ventura he por demais.

Glosa.

Todo o trabalhado bem,
Promette gostoso fruito;
Mas os trabalhos, que vem,
Para quem a dita naõ tem,
Valem pouco, e custam muito.
Rompe toda a pedra dura;
Faz os homens immortais
O trabalho quando atura;
Mas querer achar ventura
Sem ventura, he por demais.

Mote alheo.

Minh'alma, lembrai-vos della.

Glosa.

Pois o ver-vos tenho em mais
Que mil vidas, que me deis,
Assi como, a que me dais,
Meu bem, já que mo negais,
Meus olhos, naõ mo negueis.
E se a tal estado vim,
Guiado de minha estrella,
Quando houverdes dó de mim;
Minha vida, dai-lhe a fim,
Minh'alma, lembrai-vos della.

Mote alheo.

Tudo póde huma affeiçaõ.

Glosa.

Tem tal jurdiçaõ amor,
Na alma donde se aposenta,
E de que se faz senhor,
Que a liberta, e isenta

De todo humano temor.
E com mui justa razaõ,
Como senhor soberano,
Que amor naõ consente dano;
E pois me soffre tençaõ,
Gritarei por desengano:
Tudo póde huma affeiçaõ.

Trovas de Boscaõ.

Justa fue mi perdicion;
De mis males soy contento:
Ya no espero galardon;
Pues vuestro merecimiento
Satisfizo mi passion.

Glosa.

Despues que amor me formò
Todo de amor, qual me veo,
En las leyes, que me diò,
El mirar me consintiò;
Y defendiòme el desseo.
Mas el alma, como injusta,
En viendo tal perfecion,
Diò al desseo occasion:
Y pues quebrè ley tan justa,
Justa fue mi perdicion.

Mostrandoseme el amor
Más benigno, que cruel,
Sobre tyrano traydor,
De zelos de mi dolor,
Quiso tomar parte en el.
Yo que tan dulce tormento
No quiero dallo, aunque peco,
Resisto, y no lo consiento;
Mas si me lo toma a trueco
De mis males, soy contento.

Señora, ved lo que ordena
Este amor tan falso nuestro,
Por pagar a costa agena,
Manda que de un mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vòs, para que veais
Tan engañosa intencion,
Aunque muerto me sintais,
No mireis, que si mirais,
Ya no espero galardon.

Pues que premio, me direis,
Esperas, que serà bueno?
Sabed, sino lo sabeis,
Que es lo más de lo que peno
Lo menos que mereceis.
Quien haze al mal tan ufano,
Y tan libre al sentimiento?
El desseo? No, que es vano.

El amor? No, que es tyrano.
Pues? Vuestro merecimiento.
No pudiendo amor robarme
De mis tan caros despojos,
Aunque fue por mas honrarme,
Vòs sola para matarme
Le prestates vuestros ojos.
Mataràme ambos a dòs;
Mas a vòs, con más razon,
Deve el la satisfacion,
Que a mi por el, y por vòs,
Satisfizo mi passion.

Mote.

Menina formosa, e crua,
Bem sei eu
Quem deixará de ser seu,
Se vós quizereis ser sua.

Voltas.

Menina mais que na idade;
Se para me querer bem,
Vos naõ vejo ter vontade,
He porque outrem vo-la tem;
Tem-vo-la, e faz-vo-la crua.
Porém eu

Já tomára naõ ser meu,
Se vós naõ foreis taõ sua.
Nos olhos, e na affeiçaõ
Vos vi, quando vos olhava,
Tanta graça, que vos dava
De graça este coraçaõ:
Naõ o quizestes de crua,
Por ser meu:
Se outrem vos déra o séu,
Póde ser foreis mais sua.
Menina, tende maneira,
Que ainda naõ venha a ser,
Pois naõ quereis quem vos quer,
Que queirais quem vos naõ queira.
Olhai naõ me sejais crua,
Que pois eu
Quero ser vosso, e naõ meu,
Sede vós minha, e naõ sua.

A huma Dama doente.

Da doença, em que ora ardeis,
Eu fora vossa mézinha
Só com vós serdes a minha.
He muito para notar
Cura taõ bem acertada,
Que podereis ser curada
Sómente com me curar.

Se quereis, Dama, trocar,
Ambos temos a mésinha,
Eu a vossa, e vós a minha.
  Olhai, que naõ quer amor,
(Porque fiquemos iguais)
Pois meu ardor naõ curais,
Que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto vossa dor;
E se vós sentis a minha,
Dai, e tomai a mézinha.

Outro.

  Deo, Senhora, por sentença
Amor, que fòsseis doente,
Para fazerdes á gente
Doce, e formosa a doença.
Naõ sabendo amor curar,
Foi a doença fazer
Formosa, para se ver,
Doce para se passar.
  Entaõ vendo a differença
Que ha de vós a toda a gente,
Mandou, que fòsseis doente,
Para gloria da doença.
E digo-vos de verdade,
Que a saude anda invejosa,
Por ver estar taõ formosa

Em vós essa enfermidade.
  Naõ façais logo detença,
Senhora, em estar doente,
Perque adoecerá a gente,
Com desejos da doença.
Que eu por ter, formosa Dama,
A doença, que em vós vejo,
Vos confesso, que desejo
De cahir comvosco em cama.
  Se consentis, que me vença
Deste mal, naõ houve gente
Da saude taõ contente,
Como eu serei da doença.

Ao mesmo.

  Olhai que dura sentença
Foi amor dar contra mi;
Que porque em vós me perdi,
Em vós me busque a doença.
Claro está,
Que em vós só me achará;
Que em mi, se me vem buscar,
Naõ poderá mais achar,
Que a fórma do que foi já.
  Que se em vós amor se pôs,
Senhora, he forçado assi,
Que o mal, que me busca a mi,

Que vos faça mal a vós.
Sem mentir,
Amor me quiz destruir,
Por modo nunqua cuidado,
Pois ha de ser já forçado,
Pezar-vos de vos servir.
Mas sois taõ desconhecida,
E saõ meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte,
Porque me negais a vida.
Se por boa
Tal justiça se pregoa,
Quando desta sorte for,
Havei vós perdaõ de amor,
Que a parte jà vos perdoa.
Mas o que mais temo, em fim,
He, que nesta differença,
Que se naõ torne a doença,
Se me naõ tornais a mim.
De verdade,
Que já vossa humanidade
De que se queixe naõ tem;
Pois para as almas tambem
Fez amor enfermidade.

Mote a huma Dama vestida de dó.

De atormentado, e perdido,

Já vos naõ peço senaõ,
Que tenhais no coraçaõ
O que tendes no vestido.

Voltas.

Se de dó vestida andais,
Por quem já vida naõ tem,
Porque naõ o haveis de quem
Vós tantas vezes matais?
Que brado sem ser ouvido,
E nunqua vejo senaõ
Cruezas no coraçaõ,
E grande dó no vestido.

A Dona Guiomar de Blasfé, queimando-se com huma véla nos rosto.

Mote.

Amor, que todos offende,
Teve, Senhora, por gosto,
Que sentisse o vosso rosto,
O que nas almas accende.

Volta.

Aquelle rosto, que traz
O Mundo todo abrazado,

Se foi da flamma tocado,
Foi porque sinta o que faz.
Bem sei que amor se vos rende;
Porém o seu presupposto
Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas accende.

A huma mulher, açoutada por hum homem, que chamavam Quaresma.

Naõ estejais aggravada,
Senaõ se for de vós mesma;
Porque a mulher, que he errada,
Com razaõ pola Quaresma
Deve ser disciplinada.

Volta.

Quererdes profano amor
Em Quaresma, he consciencia:
Açoutes, e penitencia,
Vos está muito melhor.
Naõ fiqueis disto affrontada,
Pois a culpa he vossa mesma;
Que mulher, que he taõ malvada,
He bem que pola Quaresma
Seja bem disciplinada.
Se a penitencia vos val,

Mui bem açoutada estais;
Pois por Quaresma pagais
Vossos vicios do carnal.
Naõ torneis a ser errada,
Nem condemneis a vós mesma,
Pois estais já emendada,
E naõ sereis por Quaresma
Outra vez disciplinada.

A hum Fidalgo, que lhe tardava com huma camisa, que lhe prometteo.

Quem no Mundo quizer ser
Havido por singular,
Para mais se engrandecer,
Ha de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter.
E já que vossa mercê,
Largueza tem por divisa,
Como o Mundo todo vê,
Ha mister, que tanto dê,
Que venha a dar a camisa.

A huma Dama, que lhe chamou diabo, por nome Foãa dos Anjos.

Mote.

Senhora, pois me chamais
Taõ sem razaõ taõ máo nome,
Inda o diabo vos tome.

Volta.

Quem quer que vio, ou que leo,
Terá por novo, e moderno,
Ter quem vive no inferno,
O pensamento no Ceo.
Mas se a vós vos pareceo,
Que me estava bem tal nome,
Esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguem,
Confesso, Senhora, ser;
Mas o diabo naõ quer
Aos Anjos tamanho bem.
Pois logo naõ me convém;
Ou se me convém tal nome,
Será para que vos tome.

Se vos benzeis com cautella,
Como de Anjo, e naõ de luz,

Mal póde fugir da Cruz,
Quem vós tendes posto nella.
Mas já que foi minha estrella
Ser diabo, e ter tal nome,
Guardai-vos, que vos naõ tome.
  Já que chegais tanto ao cabo,
Com as mãos, postas aos Ceos,
Vou sempre pedindo a Deos,
Que vos leve este diabo.
Eu, Senhora, naõ me gabo;
Mas pois que me dais tal nome,
Tomo-o, para que vos tome.

A hum amigo, que naõ podia encontrar.

Trovas.

Qual terá culpa de nós
Neste mal, que todo he meu?
Quando vindes naõ vou eu,
Quando vou naõ vindes vós.
Reinando amor em dous peitos,
Tece tantas falsidades
Que de conformes vontades
Faz desconformes effeitos.
Igualmente vive em nós;
Mas por dosconcerto seu
Vos leva se venho eu,
Me leva se vindes vós.

Mote seu.

Descalça vai pela neve:
Assi faz quem amor serve.

Voltas.

Os privilegios que os Reis
Naõ pódem dar, póde amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
Mortes, e guerras cruéis,
Ferro, frio, fogo, e neve,
Tudo soffre quem o serve.
Moça formosa despreza
Todo o frio, e toda a dor.
Olhai quanto póde amor,
Mais que a propria natureza.
Medo, nem delicadeza,
Lhe impede qne passe a neve.
Assi faz quem amor serve.
Por mais trabalhos que leve,
A tudo se offereceria.
Passa pela neve fria,
Mais alva que a propria neve.
Com todo frio se atreve:
Vede em que fogo ferve
O triste, que a amor serve.

Outro alheo.

A dor que a minha alma sente,
Naõ a sabe toda a gente.

Voltas.

QUE estranho caso de amor!
Que desejado tormento!
Que venho a ser avarento
Das dores de minha dor!
Por me naõ tratar peor,
Se se sabe, ou se se sente,
Naõ a digo a toda a gente.
Minha dor, e causa della,
De ninguem ouso fiar;
Que seria aventurar
A perder-me, ou a perdella.
E pois só com padecella,
A minha alma está contente,
Naõ quero que o saiba a gente.
Ande no peito escondida,
Dentro n'alma sepultada;
De mi só seja chorada,
De ninguem seja sentida.
Ou me mate, ou me dê vida,
Ou viva triste, ou contente,
Naõ ma saiba toda a gente.

Outro seu.

D'alma, e de quanto tiver,
Quero que me despojeis;
Com tanto, que me deixeis
Os olhos para vos ver.

Volta.

Cousa este corpo naõ tem,
Que já naõ tenhais rendida:
Despois de tirar-lhe a vida,
Tirai-lhe a morte tambem.
Se mais tenho que perder,
Mais quero que me leveis;
Com tanto, que me deixeis
Os olhos para vos ver.

Mote alheo.

Amores de huma casada,
Que eu vi pelo meu mal.

Voltas.

N'hũa casada fui pôr
Os olhos, de si senhores:
Cuidei que fossem amores,

Elles fizeram-se amor.
Faz-se o desejo maior
Donde o remedio naõ val,
Em perigo de meu mal.
Naõ me pareceo que amor
Pudesse tanto comigo;
Que donde entra por amigo,
Se levante por senhor.
Leva-me de dor em dor,
E de final em final,
Cada vez para mór mal.

Outro seu.

Enforquei minha esperança;
Mas amor foi taõ madraço,
Que lhe cortou o baraço.

Voltas.

Foi a esperança julgada
Por sentença da ventura,
Que pois me teve á pendura,
Que fosse dependurada.
Vem Cupido com a espada,
Corta-lhe cerce o baraço,
Cupido, foste madraço.

Outro seu.

Puz o coraçaõ nos olhos,
E os olhos puz no chaõ,
Por vingar o coraçaõ.

Voltas.

O CORAÇAÕ invejoso
Como dos olhos andava,
Sempre remoques me dava,
Que naõ era o meu mimoso:
Venho eu de piedoso,
Do Senhor meu coraçaõ,
E boto os olhos na chaõ.

Outro seu.

Puz meus olhos n'huma funda,
E fiz hum tiro com ella
A's grades de huma janella.

Voltas.

HUMA Dama de malvada,
Tomou seus olhos na maõ;
E tirou-me huma pedrada

Com elles ao coraçaõ.
Armei minha funda entaõ,
E puz os meus olhos nella:
Trape, quebrei-lhe a janella.

Alheo.

De pequena tomei amor,
Porque o naõ entendi:
Agora, que o conheci,
Mata-me com desfavor.

Voltas.

Vi-o moço, e pequenino,
E a mesma idade ensina,
Que se incline huma menina
A's amostras de hum menino.
Ouvi-lhe chamar amor;
Pelo nome me venci:
Nunqua tal engano vi,
Nem tamanho desamor.
Cresceo-me de dia em dia
Com a idade a affeiçaõ,
Porque amor de criaçaõ,
N'alma, e na vida se cria.
Criou-se em mi este amor,
E senhoreou-se de mi:

Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.
As flores me torna abrolhos,
A morte me determina,
Quem eu trouxe de menina,
Nas meninas de meus olhos.
Desta mágoa, e desta dor,
Tenho sabido, que em fim,
Por amor me perco a mim,
Por quem de mi perde amor.
Parece ser caso estranho
O que amor em mi ordena,
Que em idade taõ pequena
Haja tormento tamanho.
Sejam milagres de amor,
Hei-os de soffrer assi,
Até que haja dó de mi
Quem entender esta dor.

Cantiga velha.

Apartáram-se os meus olhos
De mi taõ longe,
Falsos amores,
Falsos, maos, enganadores.

Voltas.

TRATÁRAM-ME com cautella,
Por me enganar mais asinha:

Dei-lhe posse d'alma minha,
Foram-me fugir com ella.
Naõ ha vê-los, nem ha vella
De mi taõ longe,
Falsos amores,
Falsos, maos, enganadores.
Entreguei-lhe a liberdade,
E em fim da vida o melhor;
Foram-se, e do desamor,
Fizeram necessidade.
Quem teve a sua vontade
De mi taõ longe,
Falsos amores,
E oxalá enganadores.

Outra.

Falso Cavalheiro, ingrato,
Enganais-me,
Vós dizeis, que eu vos mato,
E vós matais-me.

Voltas.

COSTUMADAS artes saõ
Para enganar innocencias,
Piedosas apparencias,
Sobre isento coraçaõ.

Eu vos amo, e vós ingrato
Magoais-me,
Dizendo, que eu vos mato,
E vós matais-me.
Vede agora qual de nós
Anda mais perto do fim,
Que a justiça faz-se em mim,
E o pregaõ diz, que sois vós.
Quando mais verdade trato
Levantais-me;
Que vos desamo, e vos mato,
E vós matais-me.

Proprio.

Se de meu mal me contento,
He porque para vós vejo
Em todo o Mundo desejo,
E em ninguem merecimento.

Voltas.

PARA quem vos soube olhar
Taõ impossivel foi ser
O poder-vos merecer,
Como o naõ vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
Nenhum remedio lhe vejo,

Senaõ, se der o desejo
Azas ao merecimento.

Alheo.

Vós, Senhora, tudo tendes,
Senaõ que tendes os olhos verdes.

Voltas.

Dotou em vós natureza
O summo da perfeiçaõ,
Que o que em vós he senaõ,
He em outras gentileza:
O verde naõ se despreza,
Que agora que vós o tendes,
Saõ bellos os olhos verdes.
Ouro, e azul, he a melhor
Côr, porque a gente se perde;
Mas a graça desse verde,
Tira a graça a toda côr.
Fica agora sendo a flor
A côr, que nos olhos tendes,
Porque saõ vossos, e verdes.

Alheo.

Para que me dan tormento,
Aprovechando tan poco;

Perdido, mas no tan loco,
Que descubra lo que siento.

Voltas.

Tiempo perdido es aquel
Que se passa en darme afan,
Pues quanto màs me lo dan,
Tanto menos siento del.
Que descubra lo que siento?
No lo harè, que no es tan poco,
Que no puede ser tan loco,
Quien tiene tal pensamiento.
Sepan que me manda amor,
Que de tan dulce querella,
A nadie dè parte della,
Porque la sienta maior.
Es tan dulce mi tormento,
Que aun se me antoja poco;
Y si es mucho que de loco
Dè gusto de lo que siento.

Alheo.

De vuestros ojos centellas,
Que encienden pechos de yelo,
Suben por el ayre al Cielo,
Y en llegando son estrellas.

Voltas.

FALSOS loores os dan,
Que essas centellas tan raras,
No son nel Cielo màs claras
Que en los ojos donde estan.
Porque quando miro en ellas
Lo como alumbran al suelo,
No sè que seran nel Cielo;
Mas sè que acà son estrellas.
Ni se puede presumir,
Que al Cielo suban, Señora,
Que la lumbre que en vòs mora,
No tiene màs que subir.
Mas pienso que dan querellas
A Dios nel octavo Cielo;
Porque son acà en el suelo
Dos tan hermosas estrellas.

Alheo.

De dentro tengo mi mal,
Que de fuera no ay señal.

Voltas.

MI nueva y dulce querella
Es invisible a la gente;

El alma sola la siente,
Que el cuerpo no es dino della.
Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentro tengo mi mal.

Alheo.

Amor loco, amor loco,
Yo por vòs, y vòs por otro.

Voltas.

Diòme amor tormientos dòs,
Para que pene doblado;
Uno es verme desamado,
Otro es manzilla de vòs.
Ved que ordena amor en nòs?
Porque vòs hazeisme loco,
Que seais loca por otro.
Tratais amor de manera,
Que porque assi me tratais,
Quiere que pues no me amais,
Que ameis otro que no os quiera.
Mas con todo sinò os viera
De todo loca por otro,
Con màs razon fuera loco.
Y tan contrario viviendo,

Alfin, alfin, conformamos;
Pues ambos a dòs buscamos,
Lo que màs nos và huyendo.
Voy tras vòs siempre siguiendo,
Y vòs huyendo por otro
Andais loca, y me hazeis loco.

Alheo.

Todo es poco lo possible.

Glosa.

Ved que engaño señorea
Nuestro juizio tan loco,
Que por mucho que se crea,
Todo el bien, que se dessea,
Alcançado, queda poco.
Un bien de qualquiera grado,
Si de averse es impossible,
Queda mucho desseado.
Mas para mucho, alcançado
Todo es poco lo possible.

Outra.

Possible es a mi cuydado
Poderme hazer satisfecho,

Si fuera possible al hado
Hazer no hecho lo hecho,
Y futuro lo passado.
Si olvido pudiera aver,
Fuera remedio sufrible:
Mas ya que no puede ser,
Para contento me hazer,
Todo es poco lo possible

Alheo.

Vede bem se nos meus dias
Os desgostos vi sobejos,
Pois tenho medo a desejos,
E quero mal a alegrias.

Voltas.

Se desejos fui já ter,
Servíram de atormentar-me,
Se algum bem pode alegrar-me,
Quiz-me antes entristecer.
Passei annos, passei dias,
Em desgostos taõ sobejos,
Que só por naõ ter desejos,
Perderei mil alegrias.

Proprio.

Pois he mais vosso que meu,
Senhora, meu coraçaõ,
Eu vosso captivo saõ,
Meus olhos, lembre-vos eu.

Voltas.

Lembre-vos minha tristeza,
Que já mais nunqua me deixa;
Lembre-vos com quanta queixa
Se queixa minha firmeza.
Lembre-vos que naõ he meu
Este triste coraçaõ;
E pois ha tanta razaõ,
Meus olhos, lembre-vos eu.

Outro.

Senhora, pois minha vida
Tendes em vosso poder,
Por serdes della servida,
Naõ queirais, que destruida
Possa ser.

Voltas.

Isto naõ por me pezar
De morrer, se vós quizerdes,
Que melhor me he acabar
Mil vezes, que supportar
Os males que me fizerdes.
Mas só por serdes servida
De mi, em quanto viver,
Vos peço que minha vida,
Naõ queirais, que destruida
Possa ser.

Outro.

Pois damno me faz olhar-vos,
Naõ quero, por naõ querer-vos,
Que ninguem me veja ver-vos.

Voltas.

De ver-vos a naõ vos ver,
Ha dous extremos mortaes,
E saõ elles em si taes,
Que hum por hum me faz morrer:
Mas antes quero escolher,
Que possa viver sem ver-vos,
Minh'alma, por naõ perder vos.

Deste tamanho perigo,
Que remedio posso ter?
Se vivo só com vos ver,
Se vos naõ vejo, perigo:
Mas quero acabar comigo,
Que ninguem me veja ver-vos,
Senhora, por naõ perder-vos.

A tres Damas, que lhe diziam que o amavam.

Naõ sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna;
Naõ sei qual dellas me engana.

Voltas.

Huma diz que me quer bem,
Outra jura que mo quer,
Mas em jura de mulher,
Quem crerá se ellas naõ crem?
Naõ posso naõ crer a Helena,
A Maria, nem Joanna;
Mas naõ sei qual mais me engana.
Huma faz-me juramentos,
Que só meu amor estima;
A outra diz que se fina,
Joanna, que bebe os ventos.
Se cuido que mente Helena,

Tambem mentirá Joanna,
Mas quem mente naõ me engana.

A huma Dama mal empregada.

Menina, naõ sei dizer,
Vendo-vos taõ acabada,
Quaõ triste estou por vos ver,
Formosa, e mal empregada.

Voltas.

Quem taõ mal vos empregou,
Pouco de mi se dohia,
Pois naõ vio o quanto me hia
Em tirar-me o que tirou:
Obriga o primor que tem
Lindeza taõ extremada,
Que digam quantos a vem,
Formosa, e mal empregada.
Tomastes da formosura
Quanto della desejastes,
E com ella me guardastes
Para taõ triste ventura.
Mataveis sendo solteira,
Matais agora em casada;
Matais de toda a maneira,
Formosa, e mal empregada.

A huma Foãa Gonçalves.

Com vossos olhos, Gonçalves,
Senhora, captivo tendes,
Este meu coraçaõ Mendes.

Voltas.

Eu sou boa testimunha,
Que amor tem por cousa má,
Que olhos que saõ homẽes já,
Se nomêem sem alcunha.
Pois o coraçaõ a punha,
E diz olhos, pois vos tendes,
Chamai-me coraçaõ Mendes.

Outro.

De que me serve fugir
De morte, dor, e perigo,
Se me-eu levo comigo?

Voltas.

Tenho-me persuadido,
Por razaõ conveniente,
Que naõ posso ser contente;

Pois que pude ser nascido.
Anda sempre taõ unido
O meu tormento comigo,
Que eu mesmo sou meu perigo.
E se de mi me livrasse,
Nenhum gosto me seria:
Quem, senaõ eu, naõ teria
Mal, que esse bem me tirasse?
Força he logo que assi passe,
Ou com desgosto comigo,
Ou sem gosto, e sem perigo.

A huma Dama, que jurava pelos seus olhos.

Quando me quer enganar,
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar
O que quer certificar,
Pelos seus olhos me jura.
Como meu contentamento
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento,
Que se faz aggravo a elles,
Naõ crer taõ grão juramento.
Porém como em casos taes
Ando já visto, e corrente,
Sem outros certos signaes,
Quanto me ella jura maes,

Tanto mais cuido que mente.
Entaõ vendo-lhe offender
Hũus taes olhos como aquelles,
Deixo-me antes tudo crer,
Só pela naõ constranger
A jurar falso por elles.

Alheo.

Vòs teneis mi coraçon.

Glosa.

Mi coraçon me ha robado;
Y amor viendo mis enojos,
Me dixo, fuete llevado
Por los màs hermosos ojos,
Que desque vivo he mirado.
Gracias sobrenaturales
Te lo tienen en prision;
Y si amor tiene razon,
Señora, por las señales,
Vòs teneis mi coraçon.

Alheo.

Ha hum bem, que chega, e foge;
E chama-se este bem tal,
Ter bem para sentir mal.

Voltas.

Quem viveo sempre n'hum ser,
Inda que seja em pobreza,
Naõ vio o bem da riqueza,
Nem o mal de empobreeer:
Naõ ganhou para perder;
Mas ganhou com vida igual,
Naõ ter bem, nem sentir mal.

A huma Dama, que lhe virou o rosto.

Olhos naõ vos mereci,
Que tenhais tal condiçaõ;
Taõ liberaes para o chaõ,
Taõ irosos para mi.

Voltas.

Baixos, e honestos andais,
Por vos negardes a quem
Naõ quer mais que aquelle bem,
Que vós no chão espalhais.
Se pouco vos mereci,
Naõ me estimeis mais que o chaõ,
A quem vós o galardaõ
Dais, e mo negais a mi.

24.

Proprio.

Venceo-me amor, naõ o nego;
Tem mais força que eu assaz,
Que como he cego, e rapaz,
Dá-me porrada de cego.

Volta.

So' porque he rapaz ruim,
Dei-lhe hum boféte zombando.
Diz-me : O' mao, estais-me dando,
Porque sois maior que mim.
Pois se eu vos descarrego,
E em dizendo isto, chaz:
Torna-me outra; tá rapaz,
Que dás porrada de cego.

Ao desconcerto do Mundo.

Os bõos vi sempre passar
No Mundo graves tormentos?
E para mais me espantar,
Os maos vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assi
O bem taõ mal ordenado,

Fui mao; mas fui castigado:
Assi, que só para mi
Anda o Mundo concertado.

A huma Dama, perguntando-lhe quem o matava.

Mote.

Perguntais-me, quem me mata?
Naõ quero responder nada,
Por vos naõ fazer culpada.

Voltas.

E se a pena naõ me atiça,
A dizer pena taõ forte,
Quero-me entregar á morte,
Antes que a vós á Justiça.
Porém se tendes cobiça
De vos verdes taõ culpada,
Direi que naõ sinto nada.

Mote.

Esconjuro-te, Domingas,
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas,
Vivirei menos penado.

Voltas.

JURAVAS-ME, que outras cabras
Folgavas de apascentar;
Eu por naõ me magoar,
Fingia, que eram palabras.
Agora de arte te vingas,
De algum meu doudo peccado,
Que inda que queiras, Domingas,
Naõ posso ser enganado.
Qualquer cousa busca o seu,
A fonte vai para o Tejo,
E tu para o teu desejo,
Por te vingardes do meu.
De mi te esqueces, Domingas,
Como eu faço do meu gado:
Praza a Deos, que se te vingas,
Que morra desesperado.
Na phantasia te pinto,
Fallo-te, responde o monte,
Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço, e naõ o sinto:
Domingas ño valle brado,
Responde o eco, Domingas:
E tu inda te naõ vingas
De me ver doudo tornado.

Alheo.

Se a alma ver-se naõ póde,
Onde pensamentos ferem,
Que farei para me crerem?

Voltas.

Se n'alma huma só ferida
Faz na vida mil signais,
Tanto se descobre mais,
Quanto he mais escondida:
Se esta dor taõ conhecida
Me naõ vem, porque naõ querem,
Que farei para ma crerem?
  Se se pudesse bem ver,
Quanto callo, e quanto sento,
Despois de tanto tormento
Cuidaria alegre ser:
Mas se naõ me querem crer,
Olhos, que taõ mal me ferem,
Que farei para me crerem?

Alheo.

Vosso bem querer, Senhora,
Vosso mal melhor me fora.

Volta.

JA' agora certo conheço,
Ser melhor todo tormento,
Onde o arrependimento
Se compra por justo preço.
Enganou-me hum bom começo;
Mas o fim me diz agora,
Que o mal melhor me fora.
Quando hum bem he taõ damnoso,
Que sendo bem dá cuidado,
O damno fica obrigado
A ser menos perigoso.
Mas se a mi por desditoso,
Co' o bem me foi mal, Senhora,
Co' o vosso mal bem me fora.

Alheo.

Se me desta terra for,
Eu vos levarei, amor.

Voltas.

SE me for, e vos deixar,
(Ponho por caso, que possa)
Est'alma minha, que he vossa,

Comvosco me ha de ficar:
Assi, que só por levar
A minha alma, se me for,
Vos levarei, meu amor.
Que mal póde maltratar-me,
Que comvosco seja mal?
Ou que bem póde ser tal,
Que sem vós possa alegrar-me?
O mal naõ póde enojar-me,
O bem me será maior,
Se vos levar, meu amor.

Alheo.

Pequenos contentamentos,
Hi buscar quem contenteis,
Que a mi naõ me conheceis.

Voltas.

Os gostos, que tantas dores
Fizeram já valer menos,
Naõ os acceita pequenos,
Quem nunqua teve maiores:
Bem parecem vãos favores,
Pois taõ tarde me quereis,
Que inda me naõ conheceis.
Offereceis-me alegria,

Tendo-me já cego, e mouco:
He baixeza acceitar pouco,
Quem tanto vos merecia:
Ide-vos por outra via,
Pois o bem, que me deveis,
Nunqua mo satisfareis.

Alheo.

Perdigaõ perdeo a penna.
Naõ ha mal que lhe naõ venha.

Voltas.

Perdigaõ, que o pensamento
Subio em alto lugar,
Perder a penna do voar,
Ganha a pena do tormento:
Naõ tem no ar, nem no vento,
Azas com que se sostenha,
Naõ ha mal que lhe naõ venha.
Quiz voar a huma alta torre,
Mas achou-se desasado;
E vendo-se despennado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se soccorre,
Lança no fogo mais lenha,
Naõ ha mal que lhe naõ venha.

A humas Senhoras, que haviam ser terceiras para com huma Dama.

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida,
Que tem taes Cirurgiões:
Pois ventura
Me subio a tanta altura,
Que me sejais valedoras,
Ditosa seja a tristura,
Que se cura
Por vossos rogos, Senhoras.
Ser minha pena mortal,
Já que entendeis, que he assi,
Naõ quero fallar por mi,
Que por mi falla meu mal.
Sois formosas,
Haveis de ser piedosas,
Por ser tudo de huma côr:
Que pois amor vos fez rosas
Milagrosas,
Fazei milagres de amor.
Pedi a quem vós sabeis,
Que saiba de meu trabalho,
Naõ pelo que eu nisso valho,
Mas pelo que vós valeis.

Que o valer
De vosso alto merecer,
Com lho pedir de giolhos,
Fara que em meu padecer
Possa ver
O poder que tem seus olhos.
Vossa muita formosura
Com a sua tanto val,
Que me rio, de meu mal,
Quando cuido em quem me cura.
A meus ais,
Peço-vos que lhe valhais,
Damas de amor taõ validas,
Que nunqua tal dor sintais,
Que queirais,
Onde naõ sejais queridas.

Endechas a Barbara escrava.

AQUELLA captiva,
Que me tem çaptivo,
Porque nella vivo,
Já naõ quer que viva.
Eu nunqua vi rosa
Em suaves mólhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.
Nem no campo flores,

Nem no Ceo estrellas,
Me parecem bellas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos, e cansados,
Mas naõ de matar.
  Huma graça viva,
Que nelles lhe mora,
Para ser Senhora
De quem he captiva.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão,
Perde opinião,
Que os louros saõ bellos.
  Pretidaõ de amor,
Taõ doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a cŏr.
Léda mansidaõ,
Que o siso acompanha:
Bem parece estranha,
Mas Barbara naõ.
  Presença serena,
Que a tormenta amansa:
Nella em fim descansa
Toda minha pena.
Esta he a captiva,

Que me tem captivo;
E pois nella vivo,
He força que viva.

Outra.

Quem ora soubesse,
Onde o amor nasce,
Que o semeasse.

Voltas.

D'AMOR, e seus dannos,
Me fiz Lavrador;
Semeava amor,
E colhia engannos:
Naõ vi, em meus annos,
Homem que apanhasse
O que semeasse.
Vi terra florída
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos,
Duros para a vida.
Mas a rez perdida,
Que tal herva pasce,
Em forte hora nasce.
Com quanto perdi,
Trabalhava em vão;

Se semeei grão,
Grande dor colhi.
Amor nunqua vi,
Que muito durasse,
Que naõ magoasse.

Alhea.

Se me levam aguas,
Nos olhos as levo.

Proprias.

Se de saudade
Morrerei, ou naõ,
Meus olhos diraõ,
De mi a verdade.
Por elles me atrevo
A lançar as agoas,
Que mostrem as mágoas
Que nesta alma levo.
As agoas, que em vaõ
Me fazem chorar,
Se ellas saõ do mar,
Estas de amar saõ.
Por ellas relevo
Todas minhas mágoas,
Que se forças de agoas,

Me leva, eu as levo.
Todas me entristecem,
Todas saõ salgadas,
Porém as choradas,
Doces me parecem.
Correi doces agoas,
Que se em vós me enlevo,
Naõ doem as mágoas,
Que no peito levo.

Alhea.

Menina dos olhos verdes,
Porque me naõ vedes?

Voltas proprias.

Elles verdes saõ,
E tem por usança,
Na côr esperança,
E nas obras naõ:
Vossa condiçaõ
Naõ he d'olhos verdes
Porque me naõ vedes.
Isenções a mólhos,
Que elles dizem terdes,
Naõ saõ d'olhos verdes,
Nem de verdes olhos.

Sirvo de giolhos,
E vós naõ me credes,
Porque me naõ vedes.
Haviam de ser,
Porque possa vê-los,
Que hũus olhos taõ bellos
Naõ se haõ de esconder:
Mas fazeis-me crer,
Que já naõ saõ verdes,
Porque me naõ vedes.
Verdes naõ o saõ,
No que alcanço delles,
Verdes saõ aquelles
Que esperança daõ.
Se na condiçaõ
Está serem verdes,
Porque me naõ vedes?

Alhea.

Trocai o cuidado,
Senhora, comigo;
Vereis o perigo,
Que he ser desamado.

Voltas proprias.

Se trocar desejo
O amor entre nós,

He para que em vós
Vejais o que vejo.
E sendo trocado
Este amor comigo,
Ser-vos-ha castigo
Terdes meu cuidado.
Tendes o sentido
D'amor livre, e isento,
E cuidais, que he vento,
Ser taõ mal querido.
Naõ seja o cuidado,
Taõ vosso inimigo,
Que queira o perigo
De ser desamado.
Mas nunqua foi tal
Este meu querer,
Que quem tanto quer,
Queira tanto mal.
Seja eu maltratado,
E nunca o castigo
Vos mostre o perigo,
Que he ser desamado.

A' tençaõ de Miraguarda.

Ver, e mais guardar
De ver outro dia,
Quem o acabaria?

Voltas.

Da lindeza vossa,
Dama, quem a vê,
Impossivel he,
Que guardar-se possa.
Se faz tanta móssa
Ver-vos hum só dia
Quem se guardaria?
Melhor deve ser,
Neste aventurar,
Ver, e naõ guardar,
Que guardar, e ver.
Ver, e defender,
Muito bom seria,
Mas quem poderia?

Mote.

Irme quiero, madre,
A aquella galera,
Con el marinero,
A ser marinera.

Voltas proprias.

Madre; si me fuere,
Do quiera que vò,

No lo quiero yo,
Que el amor lo quiere.
Aquel niño fiero,
Haze que me muera
Por un marinero
A ser marinera.
  El que todo puede,
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede.
Con el porque muero
Voy, porque no muera,
Que si es marinero,
Serè marinera.
  Es tyranna ley
Del niño Señor,
Que por un amor
Se deseche un Rey.
Pues desta manera
Quiere, irme quiero
Por un marinero
A ser marinera.
  Dezid, ondas, quando
Vistes vòs donzella,
Siendo tierna, y bella,
Andar navegando?
Màs que no se espera
De aquel niño fiero?

Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

Outra.

Saudade minha,
Quando vos veria?

Voltas proprias.

Este tempo vaõ,
Esta vida escassa,
Para todos passa,
Só para mi naõ.
Os dias se vaõ
Sem ver este dia,
Quando vos veria?
Vede esta mudança
Se está bem perdida,
Em taõ curta vida,
Taõ longa esperança.
Se este bem se alcança,
Tudo soffreria,
Quando vos veria.
Saudosa dor,
Eu bem vos entendo;
Mas naõ me defendo,
Porque offendo amor.
Se fosseis maior,

Em maior valia
Vos estimaria.
  Minha saudade,
Charo penhor meu,
A quem direi eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noite, e de dia,
Sempre vos teria.

Outra.

Vida da minha alma,
Naõ vos posso ver:
Isto naõ he vida
Para se soffrer.

Voltas proprias.

Quando vos eu via,
Esse bem lograva,
A vida estimava
Mas entaõ vivia;
Porque vos servia
Só para vos ver;
Já que vos naõ vejo
Para que he viver?
  Vivo sem razaõ,

Porque em minha dor,
Naõ a poz amor,
Que inimigos saõ.
Mui grande traiçaõ
Me obriga a fazer,
Que viva Senhora,
Sem vos poder ver.
Naõ me atrevo já,
Minha taõ querida,
A chamar-vos vida,
Porque a tenho má.
Ninguem cuidará,
Que isto póde ser
Sendo-me vós vida,
Naõ poder viver.

Outra.

Coifa de beirame
Namorou Joanne.

Voltas proprias.

Por cousa taõ pouca
Andas namorado?
Amas o toucado,
E naõ quem o touca?
Ando cega, e louca,

Por ti, meu Joanne,
Tu pelo beirame.
  Amas o vestido,
Es falso amador.
Tu naõ vês, que amor
Se pinta despido?
Cego, e mui perdido,
Andas por beirame,
E eu por ti, Joanne.
  A todos encanta
Tua parvoice:
De tua doudice
Gonçalo se espanta:
E zombando canta,
Coifa de beirame,
Namorou Joanne.
  Eu naõ sei que viste
Neste meu toucado,
Que taõ namorado
Delle te sentiste.
Naõ te veja triste:
Ama-me Joanne,
E deixa o beirame.
  Joanne gemia,
Maria chorava,
Assi lamentava
O mal que sentia.
Os olhos feria,

E naõ o beirame,
Que matou Joanne.
  Naõ sei do que vem
Amares vestido,
Que o mesmo Cupido,
Vestido naõ tem.
Sabes de que vem
Amares beirame?
Vem de ser Joanne.

Mote.

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nasceráõ abrolhos.

Voltas.

A VERDURA amena,
Gados, que pasceis,
Sabei que a deveis
Aos olhos de Helena.
Os ventos serena,
Faz flores d'abrolhos
O ar de seus olhos.
  Faz serras florídas,
Faz claras as fontes:
S'isto faz nos montes,

Que fará nas vidas?
Trá-las suspendidas,
Como hervas em mólhos,
Na luz de seus olhos.
 Os corações prende
Com graça inhumana:
De cada pestana
Huma alma lhe pende.
Amor se lhe rende,
E posto em giolhos,
Pasma nos seus olhos.

Alheo.

Verdes saõ os campos,
De côr de limaõ:
Assi saõ os olhos
Do meu coraçaõ.

Voltas.

Campo, que te estendes
Com verdura bella;
Ovelhas, que nella
Vosso pasto tendes;
De hervas vos mantendes,
Que traz o Veraõ,
E eu das lembranças

Do meu coraçaõ.
 Gados, que pasceis
Com contentamento,
Vosso mantimento
Naõ o entendeis.
Isso que comeis,
Naõ saõ hervas, naõ:
Saõ graça dos olhos
Do meu coraçaõ.

Alheo.

Verdes saõ as hortas,
Com rosas, e flores:
Moças, que as regam,
Matam-me d'amores.

Voltas.

Entre estes penedos,
Que daqui parecem,
Verdes hervas crescem,
Altos arvoredos.
Vai destes rochedos
Agua, com que as flores,
D'outras saõ regadas,
Que matam de amores.
 Com agua, que cai

Daquella espessura,
Outra se mistura,
Que dos olhos sai:
Toda junta vai
Regar brancas flores,
Onde ha outros olhos,
Que matam de amores.
  Celestes jardijs,
'As flores estrellas:
Hortelôas dellas,
Saõ hũus seraphijs:
Rosas, e jasmijs,
De diversas cores,
Anjos, que as regam,
Matam-me d'amores.

Alheo.

Menina formosa,
Dizei de que vem,
Serdes rigorosa
A quem vos quer bem?

Voltas suas.

Naõ sei quem assella
Vossa formosura
Que quem he taõ dura
Naõ póde ser bella.

Vós sereis formosa;
Mas a razaõ tem,
Que quem he irosa,
Naõ parece bem.
A mostra he de bella,
As obras saõ cruas:
Pois qual destas duas
Ficará na sella?
Se ficar irosa,
Naõ vos está bem:
Fique antes formosa,
Que mais força tem.
O amor formoso
Se pinta, e se chama;
Se he amor, ama,
Se ama, he piedoso.
Diz agora a glosa,
Que este texto tem,
Que quem he formosa
Ha de querer bem.
Havei dó, menina,
Dessa formosura,
Que se a terra he dura
Sécca-se a bonina.
Sede piedosa,
Naõ veja ninguem,
Que por rigorosa
Percais tanto bem.

Alheo.

Tende-me mão nelle,
Que hum real me deve.

Voltas suas.

C'HUM real de amor,
Dous de confiança,
E tres de esperança,
Me foge o trédor.
Falso desamor
Se encerra naquelle
Que hum real me deve.
Pedio-me emprestado,
Naõ lhe quiz penhor:
He máo pagador,
Tendo-mo afferrado.
C'hum cordel atado,
Ao tronco se leve,
Que hum real me deve.
Por esta travessa
Se vai acolhendo:
Ei-lo vai correndo,
Fugindo a grão pressa.
Nesta mão, e nessa
O falso se atreve,

Que hum real me deve.
  Comprou-me o amor,
Sem lhe fazer preço:
Eu naõ lhe mereço
Dar-me desfavor.
Dá-me tanta dor,
Que ando apoz elle,
Pelo que me deve.
  Eu de cá bradando,
Elle vai fugindo:
Elle sempre rindo,
Eu sempre chorando.
E de quando em quando
No amor se atreve,
Como que naõ deve.
  A fallar verdade
Elle já pagou,
Mas ainda ficou
Devendo ametade.
Minha liberdade
He a que me deve:
Só nella se atreve.

Cantiga alhea.

Na fonte está Leonor,
Lavando a talha, e chorando,

A's amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

Voltas.

Posto o pensamento nelle,
Porque a tudo o amor a obriga,
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiros por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando,
A's amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?
O rosto sobre huma maõ,
Os olhos no chão pregados,
Que do chorar já cansados,
Algum descanso lhe daõ.
Desta sorte Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dor; e em si tornando,
Mais pezada sente a dor.
Naõ deita dos olhos agoa,
Que naõ quer que a dor se abrande
Amor, porque em mágoa grande
Sécca as lagrimas a mágoa.
Que despois de seu amor
Soube novas perguntando,

D'improviso a vi chorando.
Olhai qne extremos de dor?

Estas trovas mandou o Auctor da cadéa, em que o tinha embargado por huma divida Miguel Roiz, Fios Seccos d'alcunha, ao Conde do Redondo D. Franciseo Coutinho, Viso-Rei, que se embarcava para fóra pedindo-lhe o fizesse desembargar.

Que diabo he taõ damnado,
Que naõ tema a cutilada
Dos Fios Seccos da espada
Do féro Miguel armado?
Pois se tanto hum golpe seu
Sòa na infernal cadêa;
Do que o demonio arrecêa,
Como naõ fugirei eu?
Com razaõ lhe fugiria,
Se contr'elle, e contra tudo,
Naõ tivesse hum forte escudo
Só em Vossa Senhoria.
Por tanto, Senhor, proveja,
Pois me tem ao remo atado,
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

Estas trovas mandou Heitor da Silveira ao mesmo Conde, invernando em Goa.

Vossa Senhoria crêa
Que naõ apura o engenho
Fome, se he como a que tenho,
Mas afraca, e corta a vêa.
E quem o contrário sente,
Está farto em toda a hora,
Como estou faminto agora:
Mas Martha, se está contente,
Dá-lhe pouco de quem chora.
Despois Vossa Senhoria
Em geral a tudo acode:
Acuda a mi, que só póde
Dar-me no engenho valia.
Esperte esta Musa minha,
Que o tempo traz somnolenta:
Valha-lhe nesta tormenta,
Com essa doce mézinha,
Que só dá vida, e contenta.
Acuda com provisaõ,
Naõ de papel, mas provída
D'ouro, e prata: que esta vida
Naõ sustentam papéis, naõ.
De feitor a thesoureiro
Ser-me-hia trabalho grande:

Vossa Senhoria mande
Algum remedio, primeiro,
Com que a morte o ferro abrande.

Ajuda de Luis de Camões.

Nos livros doutos se trata,
Que o grande Achilles insano
Deo a morte a Heitor Troiano;
Mas agora a fome mata
O nosso Heitor Lusitano.
Só ella o póde acabar,
Se essa vossa condiçaõ,
Liberal, e singular,
Naõ mete entre elles bastaõ,
Bastante para o fartar.

A huma Senhora, que lhe chamou diabo.

Esparsa.

Naõ posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós, Senhora, Anjo,
Vos queira tanto o diabo.
Dais manifesto signal
De minha muita firmeza,
Que os diabos querem mal
Aos Anjos por natureza.

Na pag. 253. fica hum Mote com suas voltas á mesma Senhora.

Cantiga.

Vi chorar hũus claros olhos,
Quando delles me partia.
Oh que mágoa! O que alegria!

Voltas.

Polo meu apartamento
Se arrazáram todos d'agoa.
Quem cuidou, que em tanta mágoa
Achasse contentamento?
Julgue todo entendimento
Qual mais sentir se devia,
Se esta dor, se esta alegria?
Quando mais perdido estive,
Entaõ deo a esta alma minha,
Na maior mágoa que tinha,
O maior gosto que tive.
Assi, se minha alma vive,
Foi, porque me defendia
Desta dor, esta alegria.
O bem, que amor me naõ deu,
No tempo que desejei,

Quando delle me apartei,
Me confessou, que era meu.
Agora que farei eu,
Se a fortuna me desvia
De lograr esta alegria?
  Naõ sei se foi enganado,
Pois me tinha defendido
Das iras de mal querido,
No mal de ser apartado.
Agora peno dobrado,
Achando no fim do dia
O princípio d'alegria.

Mote al Rei.

Dò la mi ventura,
Que no ver alguna.

Voltas.

Sepa quien padece,
Que en la sepultura
Se esconde ventura,
De quien la merece.
Allà me parece,
Que quiere fortuna,
Que yo halle alguna.
  Naciendo mesquino,

Dolor fue mi cama:
Tristeza fue el ama,
Cuidado el padrino.
Vestiose el destino
Negra vestidura,
Huyò la ventura.
No se hallò tormiento,
Que alli no se hallasse;
Ni bien, que passasse,
Sinò como viento.
Oh que nacimiento,
Que luego en la cuna
Me siguiò fortuna!
Esta dicha mia,
Que siempre busquè,
Buscandola, hallè,
Que no la hallaria:
Que quien nace en dia
D'estrella tan dura,
Nunca halla ventura.
No puso mi estrella
Màs ventura en min,
Ansi vive en fin
Quien nace sin ella.
No me quexo della,
Quexome, que atura
Vida tan escura.

Villancete pastoril.

Deos te salve, Vasco amigo.
Naõ me fallas? Como assi?
Bofé Gil, naõ estava aqui.

Voltas.

Pois onde te haõ de fallar,
Senaõ estás onde apparaces?
Se Magdalena conheces,
Nella me pódes achar.
E como te haõ d'ir buscar,
Aonde fogem de ti?
Pois nem eu estou em mi.
Porque te naõ acharei
Em ti, como em Magdalena?
Porque me fui perder nela
O dia que me ganhei.
Que taõ bem falla, naõ sei
Como anda fóra de si.
Ella falla dentro em mi.
Como estás aqui presente,
Se lá tẽes a alma, e a vida?
Porque he d'huma alma perdida
Apparecer sempre á gente.
Se es morto, bem se consente

Que todos fujam de ti.
Eu tàmbem fujo de mi.

Outro pastoril.

Porque no miras, Giraldo,
Mi zampoña como suena?
Porque no me mira Elena.

Voltas.

Buelve acà, no estès pasmado.
Mira que gentil sonar?
Como te podrà mirar
Quien no puede ser mirado?
Y que bueno enamorado?
No diràs, si es mala, ò buena?
No, que me hizo mudo Elena.
Mira tan dulce armonia,
Dexate dessos enojos:
Tengo clavado los ojos,
Con que mirar te podia.
Ansi Dios te dè alegria:
No vès quan dulce que suena?
No, porque no veo Elena.

Outro pastoril.

Crescem Camilla os abrolhos
De chorares por Cincero:
Naõ he muito, que lhe quero,
Belisa, mais que meus olhos.

Voltas.

SEMPRE os teus olhos estaõ
Camilla d'aguas banhados:
De se verem desamados,
Póde ser que choraráõ.
Si, mas crescem os abrolhos,
E tu cegas por Cincero:
Se eu naõ vejo quem mais quero,
Para que quero mais olhos?
Se se foi ha mais de hum mês,
Teus olhos naõ cansaráõ?
Naõ, que apoz elle se vaõ
Estas lagrimas que vês.
Fazem logo estes abrolhos
O mato espinhoso, e fero:
Pois eu naõ vejo a Cincero;
Isso só veraõ meus olhos.
Chorando queres morrer?
Mais quero viver chorando.

Tu naõ vês que vás cegando?
Se cego, como hei de ver?
Põe na vista outros antolhos.
Naõ posso, nem menos quero.
Outra para outro Cincero,
Antes naõ quero ter olhos.

A huma mulher, que se chamava Gracia de Moraes.

Olhos, em que estaõ mil flores,
E com tanta graça olhais,
Que parece que os amores
Moram onde vós morais.

Voltas.

Vem-se rosas, e boninas,
Olhos nesse vosso ver:
Vem-se mil almas arder
No fogo dessas meninas.
E di-lo-haõ minhas dores,
Meus suspiros, e meus ais;
E diraõ mais, que os amores
Moram onde vós morais.

Mote.

Vida de minha alma.

Volta.

Dous tormentos vejo
Grandes por extremo:
Se vos vejo, temo;
E senaõ, desejo.
Quando me despejo,
E venho a escolher,
Temendo o desejo,
Desejo temer.

Cantiga alhea.

Pastora da serra,
Da serra da Estrella,
Perco-me por ella.

Voltas.

Nos seus olhos bellos
Tanto amor se atreve,
Que abraza entre a neve
Quantos ousam vellos:
Naõ solta os cabellos
Aurora mais bella,
Perco-me por ella.
Naõ teve esta serra,

No meio d'altura,
Mais que a formosura
Que nella se encerra.
Bem Ceo fica a terra,
Que tem tal estrella,
Perco-me por ella.
Sendo entre Pastores
Causa de mil males,
Naõ se ouvem nos vales
Senaõ seus louvores.
Eu só por amores
Naõ sei fallar nella,
Sei morrer por ella.
De algũus, que sentindo
Seu mal vaõ mostrando,
Se rim naõ cuidando,
Que inda paga rindo.
Eu triste encobrindo
Só meus males della,
Perco-me por ella.
Se flores deseja,
Por ventura bellas,
Das que colhe dellas,
Mil morrem de inveja.
Naõ ha quem naõ veja
Todo o melhor nella,
Perco-me por ella.
Se na agua corrente

Seus olhos inclina,
Faz a luz divina
Parar a corrente.
Tal se vê, que sente
Por ver-se a agua nella;
Perco-me por ella.

Mote.

Que verè que me contente?

Glosa.

Desque una vez yo mirè,
Señora, vuestra beldad,
Jamàs por mi voluntad
Los ojos de vòs quitè.
Pues si en vòs plazer no siente
Mi vida, ni lo dessea,
Si no quereis que yo os vea,
Que verè que me contente?

Mote.

Quem se confia em hũus olhos,
Nas meninas delles vê,
Que meninas naõ tem fé.

Voltas suas.

Quem põe suas confianças
Em meninas sem assento,
Offereça o soffrimento
A duzentas mil mudanças.
Mostram no ar esperanças;
Mas em seus olhos se vê,
Como naõ tem n'alma fé.
  Enganam ao parecer,
Porque no caso d'amar,
Saõ mulheres no matar,
E meninas no querer.
Quem em seus olhos se crer,
Cem mil graças nelles vê;
Vê-las sim, mas naõ ter fé.
  Amostram-vos n'hum momento
Favores assi a mólhos;
Mas na mudança dos olhos
Se lhe muda o pensamento.
Em nada já tem assento,
E o que mais nelles se vê
He formosura sem fê.

Cantiga Velha.

Sois formosa, e tudo tendes,
Senaõ que tendes os olhos verdes.

Voltas.

Ninguem vos póde tirar
Serdes taõ bem assombrada;
Mas heis-me de perdoar,
Que os olhos naõ valem nada.
Fostes mal aconselhada
Em querer que fossem verdes,
Trabalhai de os esconderdes.
A vossa testa he jardim,
Aonde amor se desenfada:
He taõ branca, e bem talhada,
Que parece de marfim.
Assi he; e quanto a mim,
Isso vos nasce de a terdes
Taõ perto dos olhos verdes.
Os cabellos desatados
O mesmo Sol escurecem;
Senaõ, que por serem ondados,
Algum tanto desmerecem:
Mas á fé, que se parecem
A furto dos olhos verdes,
Naõ vos peze naõ de os terdes.
As pestanas tem mostrado
Ser raios, que abrazam vidas:
Senaõ foram taõ compridas,
Tudo o mais era pintado:

Ellas me tinham levado
A alma sem o vós saberdes,
Senaõ foram os olhos verdes.
O mimo desse caraõ,
Nem pôr-lhe os olhos consente:
O ser liso, e transparente,
Rouba todo o coraçaõ:
Inda assim achareis naçaõ,
Que lhe naõ peze de os verdes;
Mas naõ seja co' os olhos verdes.
Esse riso, que he composto
De quantas graças nascêram,
Senaõ que algũus me disseram,
Vos faz covinhas no rosto.
Na vontade tenho posto
Dar-vos a alma, se quizerdes,
A troco dos olhos verdes.
Nunca se vio, nem se escreve,
Boca c'huma graça igual,
Senaõ fora de coral,
E os dentes de côr de neve.
Dou-me eu a Deos, que me leve,
Soffrerei quanto tiverdes,
Naõ me tenhais olhos verdes.
Essa garganta merece
Outras palavras naõ minhas,
Senaõ que feita em rosquinhas
D'alfenim, o que parece.

Eu sei bem quem se offerece
A tomar tudo que tendes,
E tambem os olhos verdes.
Essas mãos saõ ferropeas,
Só o vê-las enfeitiça,
Senaõ que saõ alvas, cheas,
E tem a feiçaõ roliça;
Com que appellais por justiça,
Para com ellas prenderdes
Quem vê vossos olhos verdes.
A vossa galantaria
Matará a quem fallardes:
Tendes hũus desdẽes, e tardes,
Que eu logo vos roubaria.
Oh dou-me a Santa Maria,
Sou cujo, de quanto tendes,
E tambem desses olhos verdes.

Outro Mote semelhante está a pag. 264. com suas voltas.

Outras suas ao mesmo.

Tudo tendes singular,
Com que os corações rendeis,
Senaõ que rindo, fazeis
Covinhas para enterrar:
E para reçuscitar

Tem força a graça que tendes,
Senaõ que tendes os olhos verdes.
Tudo, Senhora, alcançais,
Quanto o ser formosa alcança,
Senaõ que dais esperança
Co' os olhos com que matais:
Se acaso os alevantais,
He para as almas renderdes,
Senaõ que tendes os olhos verdes.

Dom Antonio, Senhor de Cascaes, prometteo a Luis de Camões seis gallinhas recheadas por huma copla que lhe fizera, mandando-lhe por principio da paga mea gallinha recheada: elle lhe mandou esta copla.

Cinco gallinhas e meia
Deve o Senhor de Cascais,
E a meia vinha cheia
De appetite para as mais.

A.B.C. Feito em coplas.

A. A. A. A.

Anna, quizestes que fosse
O vosso nome da pia
Para mór minha agonia.
Apelles, se fora vivo,

E a ver-vos alcançára,
Por vós retratos tirára.
Achilles morreo no Templo,
Contemplando de giolhos;
Eu quando vejo esses olhos.
Arthemisa sepultou
A seu irmão, e marido,
Vós a mi, e a meu sentido.

B.

Bem vejo que sois, Senhora,
Extremo da formosura,
Para minha sepultura.

C.C.

Cleopatra se matou,
Vendo morto a seu amante,
E eu por vós em ser constante.
Cassandra disse de Troia,
Que havia ser destruida,
E eu por vós d'alma, e da vida.

D.D.

Dido morreo por Enéas,
E vós matais quem vos ama,
Julgai se sois cruel Dama.

Deianira innocente,
Da má morte causadora,
Vós da minha sabedora.

E.

Eurydice foi a causa
De Orpheo ir ao inferno,
Vós de ser meu mal eterno.

F. F.

Fedra só de puro amor
Morreo por seu enteado,
Eu morro de desamado.
Febo vai escurecendo
Ante vossa claridade,
E eu sem ter liberdade.

G. G.

Galatéa sois, Senhora,
Da formosura extremo,
E eu perdido Polyphemo.
Genebra, que foi Rainha,
Se perdeo por Lançarote,
E vós por me dar a morte.

H. H.

Hercules, huma camisa
De chammas o consumio,
Minha alma desque vos vio.
Hebis, e Dido morrêram
Com o rigor da mudança,
Eu vendo vossa esquivança.

I. I.

Iudith, que o duro Holophernes
Degolou, se viva fora,
Mate lhe déreis, Senhora.
Iulio Cesar conquistou
O Mundo com fortaleza,
Vós a mi com gentileza.

J. J.

Julio Cesar se livrou
Dos imigos com abrolhos,
Eu naõ posso desses olhos.
Jazia-se o Minotauro
Preso no seu Labyrintho,
Mas eu mais preso me sinto.

L.L.

Leandro se affogou,
E foi sua causa Hero,
E a mi o que vos quero.
  Leandro se affogou
No mar de sua bonança,
Eu no de vossa esperança.

M.M.

Minerva dizem que foi,
E Palas, deosa da guerra,
E vós, Senhora, da terra.
  Medéa foi mui cruel,
Mas naõ chegou á metade
De vossa grão crueldade.

N.N.

Narciso o siso perdeo
Em vendo a sua figura,
Eu por vossa formosura.
  Nymphas enganam mil Faunos,
Com seu ar, e formosura,
E a mi vossa figura.

O.O.

Os olhos choram o damno,
Que em vos verem sentíram,
Mas eu pago o que elles víram.
  Orpheo com a doce harpa
Venceo o Reino de Plutaõ,
Vós a mi com perfeiçaõ.

P.P.

Paris a Helena roubou,
Por quem Troia foi perdida,
E vós a mi alma, e vida.
  Pyrrho matou Polyxena,
Perfeita em todos signaes,
E vós a mim me mataes.

Q.Q.

Quanto mais desejo ver-vos,
Menos vos vejo, Senhora;
Naõ vos ver melhor me fora.
  Querendo ver a Diana,
Acteon perdeo a vida,
Que eu por vós trago perdida.

R.R.

Remedio nenhum naõ vejo,
Que remedêe meu mal,
Nem crueza á vossa igual.
  Roma o Mundo sujeita
Com armas, saber, temor,
Vós a mi só por amor.

S.

Sirena na mór fortuna
Com enganos vai cantando,
E vós sempre a mi matando.

T.T.

Thisbe morreo por Pyramo,
A ambos matou o amor,
A mi vosso desfavor.
  Thisbe pelo seu amante
Morreo com amor sobejo,
Mas eu mais morto me vejo.

V.V.

Venus, que por mais formosa,
Lhe deo Páris a maçãa,

Naõ foi quanto vós louçãa.
  Venus levou a maçãa,
Por vós naõ serdes, Senhora,
Nascida naquella hora.

X.X.

Xpõ vos acabe em graça,
E vos faça piedosa,
Tanto quanto sois formosa.
  Xantopea tornou atraz
Por Aponio a invocar,
E vós naõ a meu chamar.

ESTANÇAS

NA MEDIDA ANTIGA, QUE TEM DUAS CONTRARIEDADES, LOUVANDO, E DESLOUVANDO HUMA DAMA.

Sois huma Dama
Das fêas do Mundo:
De toda a má fama
Sois cabo profundo.
  A vossa figura
Naõ he para ver:
Em vosso poder
Naõ ha formosura.
  Vós fostes dotada

De toda a maldade:
Perfeita beldade
De vós he tirada.
  Sois muito acabada
De taixa, e de glosa:
Pois quanto a formosa
Em vós naõ ha nada.
  De grão merecer
Sois bem apartada:
Andais alongada
Do bem parecer.
  Bem claro mostrais
Em vós fealdade:
Naõ ha hi maldade,
Que naõ precedais.
  De fresco caraõ
Vos vejo ausente:
Em vós he presente
A má condiçaõ.
  Em ter perfeiçaõ
Mui alhea estais:
Mui muito alcançais
De pouca razaõ.

Mote.

Catharina bem promette;
Ora má, como ella mente.

Voltas.

Catharina he mais formosa
Para mi, que a luz do dia,
Mas mais formosa seria
Senaõ fosse mentirosa:
Hoje a vejo piedosa,
A' manhãa taõ differente,
Que sempre cuido que mente.
Prometteo-me hontem de vir,
Nunca mais appareceo:
Creo que naõ prometteo,
Senaõ só por me mentir:
Faz me, em fim, chorar, e rir;
Rio, quando me promette;
Mas chóro quando me mente.
Jurou-me aquella cadella
De vir pela alma, que tinha;
Enganou-me, e tinha a minha;
Deo-lhe pouco de perdella:
A vida gasto apoz ella,
Porque ma dá, se promette;
Mas tira-ma quando mente.
Má, mentirosa, malvada;
Dizei, porque me mentís?
Prometteis, e entaõ fugís?
Pois sem tornar, tudo he nada:

Naõ sois bem aconselhada;
Que quem promette, se mente,
O que perde naõ o sente.
  Tudo vos consentiria
Quanto quizesseis fazer,
Se este vosso prometter
Fosse por me ter hum dia:
Todo entaõ me desfaria
Com gosto; e vós de contente,
Zombarieis de quem mente.
  Mas pois folgais de mentir,
Promettendo de me ver,
Eu vos deixo o prometter,
Deixai-me vós o servir:
Haveis entaõ de sentir
Quanto a minha vida sente
O servir a quem lhe mente.
  Catharina me mentio
Muitas vezes, sem ter lei,
E todas lhe perdoei
Por huma só que cumprio:
Se como me consentio
Fallar-lhe, o mais me consente,
Nunca mais direi que mente.

Mote.

Sem vós, e com meu cuidado.

Glosa.

QUERENDO amor esconder-vos,
Em parte que vos naõ visse,
Com extremo de querer-vos,
Cegou-me os olhos com ver-vos,
Levou-os, sem que os visse.
Eu cego, mas atinado,
Quando vi que vos naõ via,
Do mesmo amor indignado,
Já vedes qual ficaria
Sem vós, e com meu cuidado.

Mote.

A alma, que está offrecida
A tudo, nada lhe he forte;
Assi passa o bem da vida,
Como passa o mal da morte.

Volta.

DE maneira me succede
O que temo, e o que desejo,
Que sempre o que temo, vejo
Nunca o que a vontade pede.
Tenho taõ offerecida

Alma, e vida a toda a sorte,
Que isso me dera da morte,
Como já me dá da vida.

Mote.

Ferro, fogo, frio, e calma,
Todo o Mundo acabaráõ;
Mas nunca vos tiraráõ
Alma minha da minha alma.

Volta.

Naõ vos guardei quando vinha
Em torre, força, ou engenho
Que mais guardada vos tenho
Em vós, que sois alma minha.
Alli nem frio, nem calma,
Naõ podem ter jurdiçaõ,
Na vida sim, porém naõ
Em vós que tenho por alma.

Mote.

Esperei, já naõ espero
De mais vos servir, Senhora;
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal, que desespero.

Volta.

Pois sei certo que folgais,
Quando mais mal me fazeis,
E que nunca descansais,
Senaõ quando me mostrais
Quaõ pouco bem me quereis.
Servir-vos mais naõ espero
Pois meu viver empeora,
Com me fazerdes, Senhora,
Tanto mal, que desespero.

Mote.

Descalça vai para a fonte,
Leonor pela verdura;
Vai formosa, e naõ segura.

Voltas.

Leva na cabeça o pote,
O testo nas maõs de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura,
Vai formosa, e naõ segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro entrançado,
Fita de côr de encarnado,
Taõ linda que o Mundo espanta;
Chove nella graça tanta,
Que dá graça á formosura;
Vai formosa, e naõ segura.

Mote.

Quem disser que a barca pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

Voltas.

Se vos quereis embarcar,
E para isso estais no caes,
Entrai logo: que tardaes?
Olhai que está preamar:
E se outrem, por vos fretar;
Vos disser que esta que pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.
Esta barca he de carreira,
Tem seus apparelhos novos,
Naõ ha como ella outra em Póvos,
Boa de leme, e veleira:
Mas se por ser a primeira
Vos disser alguem que pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

Mote.

Com razaõ queixar-me posso
De vós, que mal vos queixais;
Pois, Senhora, vos sangrais,
Que seja n'hum corpo vosso.

Voltas.

Eu para levar a palma,
Com que ser vosso mereça,
Quero que o corpo padeça
Por vós, que delle sois alma:
Vós do corpo vos queixais,
Eu queixar-me de vós posso,
Porque tendo hum corpo vosso,
Na minha alma vos sangrais.
  E sem fazer differença,
No que de mi possuís,
Pelo pouco que sentís,
Dais á minha alma doença.
Pois que dous aventurais,
Oh naõ seja o damno nosso,
Sangre-se este corpo vosso,
Porque, minha alma, vivais.
  E inda se attentardes bem,
Seguís medicina errada,

Porque para ser sangrada
Huma alma sangue naõ tem.
E pois em mi sarar posso
Males, que á minha alma dais,
Se inda outra vez vos sangrais
Seja neste corpo vosso.

Mote.

Retrato, vós naõ sois meu;
Retratáram-vos mui mal;
Que a sêreis meu natural·
Fôreis mofino como eu.

Glosa.

Indaque em vós a arte vença
O que o natural tem dado,
Naõ fostes bem retratado,
Que ha em vós mais differença,
Que no vivo do pintado:
Se o lugar se considera
Do alto estado, que vos deu
A sorte, que eu mais quizera,
Se he que eu sou quem d'antes era,
Retrato, vós naõ sois meu.
Vós na minha gloria posto,
Eu na vossa sepultura,

Vós com bẽes, eu com desgosto,
Pareceis-vos ao meu rosto,
E naõ já á minha ventura.
E pois nella, e vós erráram,
O que em mi he principal,
Muito em ambos se enganáram·
Se por mi vos retratáram,
Retratáram-vos mui mal.

Mas se esse rosto fingido,
Quizereis representar,
Houvera por bom partido,
Dar-lho a alma do sentido,
Para a gloria do lugar.
Víreis posta nessa alteza,
Que vos naõ ha cousa igual;
E que nem a maior mal
Podeis vir, nem mór baixeza,
Que serdes meu natural.

Por isso naõ confesseis
Serdes meu, que he desatino,
Com que o lugar perdereis:
Se conservar-vos quereis,
Blazonai, que sois divino.
Que se nesta occasiaõ
Conhecessem que ereis meu,
Por meu vos deram de mão,
. . . .
Fôreis mofino, como eu.

Mote.

Foi-se gastando a esperança,
Fui entendendo os enganos,
Do mal ficáram meus danos,
E do bem só a lembrança.

Glosa.

Nunca em prazeres passados
Tive firmeza segura,
Antes taõ arrebatados,
Que inda naõ eram chegados,
Quando mos levou ventura.
E como quem desconfia
Ter em tal sorte mudança,
No meio desta porfia,
De quanto bem pertendia,
Foi-se gastando a esperança.
Naõ tive por desatino
A occasiaõ de perdella;
Mas foi culpa do destino,
Que ninguem, como mais dino,
Amor pudéra sostella.
Dei-lhe tudo o que era seu,
Naõ receando taes danos
Deste, a quem alma lhe deu;

Quando já naõ era meu,
Fui entendendo os enganos.
Fiquei deste mal sobejo,
A quem a causa compete
Dizer-lhe tudo o que vejo;
Que amor acceita o desejo,
Mas mente no que promete.
Que se a mi se me obrigou
A dar-me bẽes soberanos,
Foi engano que ordenou;
Que do bem tudo levou,
Do mal ficáram meus danos.
E se dor taõ desigual
Soffro em mi com padecellos,
Quero de novo soffrellos,
Que por a causa ser tal,
Naõ determino offendellos.
Dobre-se o mal, falte a vida,
Cresça a fé, falte a esperança,
Pois foi mal agradecida,
Fique a dor n'alma imprimida,
E do bem só a lembrança.

Mote.

Ojos, herido me aveis,
Acabad ya de matarme;
Mas muerto bolvè a mirarme,
Porque me resusciteis.

Voltas.

Pues me distes tal herida,
Con gana de darme muerte,
El morir me es dulce suerte,
Pues con morir me dais vida.
Ojos, que os deteneis?
Acabad ya de matarme;
Mas muerto bolvè a mirarme,
Porque me resusciteis.
La llaga cierto ya es mia,
Aunque, ojos, vòs no querrais;
Mas si la muerte me dais,
El morir me es alegria.
Y assi digo, que acabeis,
Ojos, de resuscitarme,
Mas muerto bolvè a mirarme,
Porque me resusciteis.

CARTA I.

ESCRIPTA DA INDIA A HUM AMIGO.

Desejei tanto huma vossa, que cuido que pela muito desejar a naõ vi; porque este he o mais certo costume da fortuna, consentir que mais se deseje o que mais presto ha de negar. Mas porque outras Náos me naõ façam tamanha offensa, como he fazerem-me suspeitar, que vos naõ lembro; determinei de vos obrigar agora com esta; na qual pouco mais ou menos, vereis o que quero me escrevais dessa terra; em pago do qual, d'ante mão vos pago com novas desta, que naõ seraõ más no fundo de huma arca, para aviso de algũus aventureiros, que cuidam que todo o mato he ouregãos, e naõ sabem, que cá, e lá, más fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia para o outro Mundo, mandei enforcar a quantas esperanças déra de comer até en-

taõ, com pregaõ público, por falsificadoras de moeda. E desenganei esses pensamentos, que por casa trazia, porque em mim naõ ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado que me naõ via senaõ por entre lusco, e fusco, as derradeiras palavras que na Náo disse, foram as de Scipiaõ Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* Porque quando cuido, que sem peccado que me obrigasse a tres dias de Purgatorio, passei tres mil de más linguas, peores tenções, damnadas vontades, nascidas de pura inveja, de verem su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida, da qual tambem amizades mais brandas que cera, se accendiam em odios que desesperavam, e lume, que me deitava mais pingos na fama, que nos couros de hum leitaõ. Entaõ ajuntou-se a isto acharem-me sempre na pelle a virtude de Achilles, que naõ podia ser cortado senaõ pelas sólas dos pés; as quaes de mas naõ verem nunca, me fez ver as de muitos, e naõ engeitar conversações da mesma impressaõ, a quem fracos punham máo nome, vingando com a

lingua, o que naõ podiam com o braço. Em fim, Senhor, eu naõ sei com que me pague saber taõ bem fugir a quantos laços nessa terra me armavam os acontecimentos, senaõ com me vir para esta, onde vivo mais venerado que os touros de Merceana, e mais quieto que a cella de hum Frade Prégador. Da terra vos sei dizer, que he mãi dos villões ruijs, e madrasta de homẽes honrados. Porque os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre agua como bexigas; mas os que sua opiniaõ deita a las armas Mouriscote, como maré corpos mortos á praia, sabei que antes que amadureçam, se seccam. Já estes que tomavam esta opiniaõ de valentes ás costas, crede que nunqua riberas de Duero arriba cavalgaron Çamoranos, que roncas de tal soberbia entre si fuessen hablando; e quando vem ao effeito da obra, salvam se com dizer, que se naõ podem fazer tamanhas duas cousas, como he prometter, e dar. Informado disto veio a esta terra Joaõ Toscano, que como se achava em algum magusto do rufiões verda-

deiramente, que alli era su comer las carnes crudas, su beber la viva sangre. Callisto de Siqueira se veo cá mais humanamente, porque assi o prometteo em huma tormenta grande em que se vio. Mas hum Manoel Serraõ, que, sicut et nos, manqueija de hum olho, se tem cá provado arrezoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez desdizer a hum Soldado, o qual pela postura de sua pessoa, era cá tido em boa conta. Se das damas da terra quereis novas, as quaes saõ obrigatorias a huma carta, como marinheiros á festa de S. Frei Pero Gonçalves, sabei que as Portuguezas todas cahem de maduras, que naõ ha cabo que lhe tenha os pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dá, além de serem de rala; fazei-me mercê, que lhe falleis algũus amores de Petrarca, ou de Boscaõ; respondem-vos huma linguagem meada de hervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança agua na fervura da mór quentura do Mundo. Ora julgai, Senhor, o que sentirá hum

estomago costumado a resistir ás falsidades de hum rostinho de tauxia de huma Dama Lisbonense, que chia como pucarinho novo com agua, vendo-se agora entre esta carne de Salé, que nenhum amor dá de si; como naõ chorará las memorias de in illo tempore? Por amor de mi, que ás mulheres dessa terra digais da minha parte, que se querem absolutamente ter alçada com baraço, e pregaõ, que naõ receem seis mezes de má vida por mar, que eu as espero com procissaõ, e palio, revestido em pontifical, aonde est'outras Senhoras lhe iraõ entregar as chaves da Cidade, e reconheceráõ toda a obediencia, a que por sua muita idade saõ já obrigadas. Por agora naõ mais, senaõ que este Soneto, que aqui vai, que fiz à morte de Dom Antonio de Noronha, vos mando em sinal de quanto della me pezou. Huma Ecloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Príncipe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vo-la mandára para a mostrardes lá a Miguel Dias, que pela muita amizade de D. Antonio,

folgaria de a ver; mas a occupaçaõ de escrever muitas cartas para o Reino, me naõ deo lugar. Tambem lá escrevo a Luis de Lemos, em resposta d'outra que vi sua: se lha naõ deram, saiba que he a culpa da viagem, na qual tudo se perde.

Vale.

O Soneto de que falla nesta Carta he o XII. nesta Ediçaõ.

CARTA II.

Esta vai, com a candêa na mão, morrer nas de v. m.; e se dahi passar, seja em cinza; porque naõ quero, que do meu pouco comam muitos. E se todavia quizer meter mais mãos na escudella, mande-lhe lavar o nome, e valha sem cunhos.

La mar en medio, y tierras he dexado,
Y quanto bien cuytado yo tenia:
Quan vano imaginar, quan claro engaño,
Es darme yo a entender, que con partirme
De mi se ha de partir un mal tamaño!

Quam mal está no caso quem cuida que a mudança do lugar muda a dor do sentimento! E senaõ diga-o quien dixo que la ausencia causa olvido. Porque, em fim, en la tierra queda, e o mais a alma acompanha. Ao alvo destes cuidados jogam meus pensamentos à barreira, tendo me já pelo costume taõ contente de triste, que triste me faria ser contente; por-

que o longo uso dos annos se converte em natureza. Pois o que he para mór mal, tenho eu para mór bem. Aindaque para viver no Mundo me debruo d'outro panno, por naõ parecer coruja entre pardaes, fazendo-me hum para ser outro, sendo outro para ser hum; mas a dor dissimulada dará seu fruito, que a tristeza no coraçaõ, he como a traça no panno.

E por taõ triste me tenho,
Que se sentisse alegria,
De triste naõ viviria.
Porque a tal sorte vim,
Que naõ vejo bem algum
Em quanto vejo,
Que naõ nasceo para mim,
E por naõ sentir nenhum,
Nenhum desejo.

Porque cousas impossiveis, he melhor esquecêlas que desejá-las. E por isso.

Só tristeza vos queria,
Pois minha ventura quer,
Qe só ella
Conheça por alegria;

E que se outra quizer
Morra por ella.

Pouco sabe da tristeza quem (sem remedio para ella) diz ao triste que se alegre. Pois naõ vê, que alheos contentamentos a hum coraçaõ descontente, naõ lhe remediando o que sente, lhe dobram o que padece. Vós, se vem á mão, esperais de mim palavrinhas joeiradas, enforcadas de bõos propositos. Pois desenganai-vos, que desque professei tristeza, nunqua mais soube jogar a outro fito. E porque naõ digais, que naõ sou gente fora do meu bairro, vedes, vai huma volta feita a este mote, que escolhí na manada dos engeitados, e cuido que naõ he taõ dedo queimado, que naõ seja dos que ElRei mandou chamar; o qual falla assi:

Naõ quero, naõ quero
Jubaõ amarello.

Se de negro for,
Tambem me parece,
Quanto me aborrece
Toda a alegre côr:

Côr que mostra dor,
Quero, e naõ quero
Jubaõ amarello.

Parece-vos que se póde dizer mais? Naõ me respondais, quem gabará a noiva; porque assentai, que foi comendo, e fazendo, ou assoprando, que naõ he taõ pequena habilidade. E porque vos naõ pareça, que foi mais acertar, que querê-lo fazer; vedes, vai outra do mesmo jaez, com tanto que senaõ vá a pasmar.

Perdigaõ perdeo a penna,
Naõ ha mal, que lhe naõ venha:
Em hum mal outro começa,
Que nunqua vem só nenhm;
E o triste, que tem hum,
A soffrer outro se offreça;
E só pelo ver conheça,
Que basta hum só que tenha,
Para que outro lhe venha.

Que graça será esperardes de mim propositos em cousa que os naõ tem para comigo? Pois aindaque queira, naõ posso o que quero; que hum sentido remontado de naõ pôr pé em ra-

mo verde, tudo lhe succede assi; e cada hum acode ao que lhe mais doe; e mais eu, que o que mais me entristece he ter contentamento, pois fujo delle, que minha alma o aborrece; porque lhe lembra que he virtude viver sem elle. Que já sabeis que mágoa he, vê-lo-has, e naõ o paparás. Por fugir destes inconvenientes

Toda a cousa descontente,
Contentar-me só convinha
De meu gosto;
Que o mal, de que sou doente,
Sua mais certa mézinha
He desgosto.

Já ouvirieis dizer: Mouro, o que naõ podes haver, dá-o pola tua alma. O mal sem remedio, o mais certo que tem, he fazer da necessidade virtude: quanto mais, se tudo taõ pouco dura, como o passado prazer; porque, em fim, allegados son iguales, los que biven por sus manos, etc. A este proposito, pouco mais, ou menos, se fizeram humas voltas a hum mote d'enchemão, que diz por sua arte zom-

bando, mais que naõ de siso, (que toda a galantaria he tirá-la donde se naõ espera) o qual crede, que tem mais que roer do que hum praguento. Por tanto recuerde el alma adormida, e mande escumar o entendimento, que d'outra maneira, de fuera dormiredes pastorzico. E o meu Senhor diz assi:

Dava lhe o vento no chapeiraõ,
Quer lhe dê, quer naõ.

Bem o póde revolver,
Que o vento naõ traz mais fruito;
E mais vento he sentir muito
O que, em fim, fim ha de ter:
O melhor, he melhor ser,
Que o vento no chapeiraõ,
Quer lhe dê, quer naõ.

Huma cousa sabei de mim, que queria antes o bem do mal, que o mal, do bem; porque muito mais se sente o por vir, que o passado; e a morte até matar mata. Naõ sei se sereis marca de voar taõ alto; porque para tomar a palha a esta materia, saõ necessarias azas de

Nebri. Mas vós sois homem de prol, e desculpa-me a conta em que vos tenho. E a que de mi vos sei dar he:

Que esperança me despede,
Tristeza naõ me fallece,
E tudo mais me aborrece,
Já que mais naõ mereceo
Minha estrella.
Só a tristeza conheço,
Pois que para mi nasceo,
E eu para ella.

No Mundo naõ tem boa sorte, senaõ quem tem por boa a que tem. E daqui me vem contentarme de triste. Mas olhai de que maneira

Vivo assi ao revés,
Tomando por certa vida,
Certa morte,
Com que fólgo em que me pês;
Pois minha sorte he servida,
De tal sorte.

Huma cousa sabei, que o mal, inda que ás vezes o vejais louvar, naõ ha quem o louve com a boca, que o naõ taixe com o coraçaõ.

Ajuda-me a soffrer
Vida taõ sem soffrimento,
E taõ sem vida,
Ver que, em fim, fim haõ de ter
Desgosto, e contentamento,
Sem medida.

Attentai que naõ saõ máos confeitos de enforcado, para os que estaõ com o baraço na garganta, cuidar que o bem, e o mal, aindaque sejam differentes na vida, saõ conformes na morte; porque vemos,

Que naõ ha taõ alta sorte,
Nem ventura taõ subida,
Ou desastrada,
A quem naõ assopre a morte,
Naõ sopre o fogo da vida.

A seu fim todas cousas vaõ correndo;
Nem ha cousa, que o tempo naõ consuma;
Nem vida, que de si tanto presuma,
Que se naõ veja nada, em se vendo.

Que o mais certo que temos,
He naõ termos nada certo
Cá na terra;

Pois para seus naõ nascemos,
Se o seu nos dá incerto
Nada erra.

Quero-vos dar conta de hum Soneto sem pernas, que se fez a hum certo recontro, que se teve com este destruidor de bõos propositos, e naõ se acabou, porque se teve por mal empregada a obra; cujo teor he o seguinte:

Forçou-me amor hum dia, que jogasse;
Deo as cartas, e de ouros levantou;
E sem respeitar mão, logo triumphou,
Cuidando que o metal, que me enganasse:
Dizendo, pois triumphou, que triumphasse
A huma sota de ouros, que jogou:
Eu entaõ por burlar quem me burlou,
Tres paos joguei, e disse que ganhasse.

Principes de condiçaõ, aindaque o sejam de sangue, saõ mais enfadonhos que a pobreza: fazem com sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias de seus avós, onde naõ ha trigo taõ joeirado, que naõ tenha alguma hervilhaca. Já sabeis que basta hum Frade ruim, para dar que fallar a hum convento. Tres cousas

naõ se soffrem sem discordia; companhia, namorar, mandar villaõ ruim, sobre cousa de seu interesse. Naõ se póde ter paciencia com quem quer que lhe façam o que naõ faz. Desagradecimentos de boas obras destruem a vontade para naõ fazê-las a amigo, que tem mais conta com o interesse que com a amizade: rezai delle, que he dos cá nomeados.

Grande trabalho he querer fazer alegre rosto, quando o coraçaõ está triste: panno he, que naõ toma nunqua bem esta tinta; que a Lũa recebe a claridade do Sol, e o rosto do coraçaõ. Nada dá, quem naõ dá honra no que dá. Naõ tem que agradecer, quem, no que recebe, a naõ recebe; porque bem comprado vai o que com ella se compra. Naõ se dá de graça, o que se pede muito. Está certo, que quem naõ tem huma vida, tem muitas. Onde a razaõ se governa pela vontade, ha muito que praguejar, e pouco que louvar. Nenhuma cousa homizia os homẽes tanto comsigo, como males, de que se naõ guardáram podendo. Naõ ha alma sem corpo, que tantos corpos

faça sem almas, como este purgatorio, a que chamais honra: donde muitas vezes os homẽes cuidam que a ganham, ahi a perdem. Onde ha inveja, naõ ha amizade; nem a póde haver em desigual conversaçaõ. Bem mereceo o engano, quem creo mais o que lhe dizem, que o que vio. Agora, ou se ha de viver no Mundo sem verdade, ou com verdade, sem Mundo. E para muito pontual, perguntai-lhe donde vem: vereis, que algo tiene en el cuerpo, que le duele. Ora temperai-me lá esta gaita, que nem assi, nem assi, achareis meio real de descanso nesta vida: ella nos trata sómente como alheos de si, e com razaõ,

Pois sómente nos he dada,
Para que ganhemos nella
O que sabemos:
Se se gasta mal gastada,
Juntamente com perdella,
Nos perdemos.

Em fim, esta minha senhora, sendo a cousa porque mais fazemos, he a mais fraca alfaia

de que nos servimos. E se queremos ver quão breve he,

Ponderemos, e vejamos,
Que ganhamos em viver
Os que nascemos:
Veremos, que naõ ganhamos,
Senaõ algum bem fazer,
Se o fazemos.

E porque respeitando,

Que o por vir tal será,
Enthesouremos;
Porque ao certo naõ sabemos
Quando a morte pedirá
Que lhe paguemos.

Nunqua vi cousa mais para lembrar, e menos lembrada, que amorte: sendo mais aborrecida que a verdade, tem-se em menos conta que a virtude. Mas, com tudo, com seo pensamento, quando lhe vem á vontade, acarreta mil pensamentos vãos, que tudo para com ella he hum lume de palhas. Nenhuma cousa me enche tanto as medidas para com estes que vi-

vem na mór bonança, como ella; porque quando lhe menos lembra, entaõ lhe arranca as amarras, dando com os corpos á costa; e, se vem á mão, com as almas no inferno, que he bem ruim gasalhado.

E pois todos isto temos,
Naõ nos engane a riqueza,
Porque tanto esmorecemos,
Traz que vamos;
Já que temos por certeza,
Que quando mais a queremos,
A deixamos.
Gastamos em alcança-la
A vida; e quando queremos
Usar della,
Nos tira a morte lográ-la:
Assi que, a Deos perdemos,
E a ella.

Porque já ouvirieis dizer, ninho feito, pega morta. Que me dizeis ao contentamento do Mundo, que toda a dura delle está em quanto se alcança? Porque acabado de passar acabado de esquecer. E com razaõ, porque acabado de alcançar, he passado; e maior saudade deixa,

do que he o contentamento que deo, Esperai, por me fazer mercê, que lhe quero dar humas palavrinhas de proposito.

Mundo, se te conhecemos,
Porque tanto desejamos,
Teus enganos?
E se assi te queremos,
Mui sem causa nos queixamos
De teus danos.
Tu naõ enganas ninguem;
Pois a quem te desejar,
Vemos, que danas:
Se te querem qual te vem,
Se se querem enganar,
Ninguem enganas.
Vejam-se os bens que tiveram
Os que mais em alcançar-te
Se esmeráram;
Que hũus vivendo, naõ vivêram;
E outros, so com deixar-te,
Descansáram.
Se esta taõ clara fé
Te põe claros teus enganos,
Desengana:
Sobejamente mal vê,

Quem com tantos desenganos
Se engana.
Mas como tu sempre mores
No engano em que andamos,
E que vemos,
Naõ cremos o que tu pódes,
Senaõ o que desejamos,
E queremos.
Nada te póde estimar,
Quem bem quizer conhecer-te
E estimar-te;
Que em te perder, ou ganhar,
O mais seguro ganhar-te,
He perder-te.
E quem em ti determina
Descanso poder achar,
Saiba que erra;
Que sendo a alma divina,
Naõ a póde descansar
Nada da terra.
Nascemos para morrer,
Morremos para ter vida,
Em ti morrendo:
O mais certo he merecer
Nós a vida conhecida,
Cá vivendo.
Em fim, Mundo. es estalagem,

Em que pousam nossas vidas
De corrida:
De ti levam de passagem,
Ser bem ou mal recebidas
Na outra vida.

A fuera, a fuera Rodrigo, que eu se muito for por este caminho, darei em enfadonho, de que me parece, me naõ livrará, nem ainda privilegio de Cidadão do Porto. E pois me vendo a vós, soffrei-me com meus encargos; e porque naõ digais, que sou herege de amor, e que lhe naõ sei orações, vedes, vai huma: Di, Juan, de que muriò Blas? Com hum pé á Portugueza, e outro á Castelhana: e naõ vos espanteis da libré, que eu em qualquer palmo desta materia perco o norte; e os supplicantes dizem assi:

Di, Juan, de que muriò Blas,
Tan niño y tan mal logrado?
Gil muriò de desamado.

Dime, Juan, quien se engañò,
Que con amor se engañasse,
Pensando que el bien hallasse,

Adonde el mal cierto hallò?
Despues que el engaño viò,
Que hizo desengañado?
Gil muriò de desamado.
  Travou com elle pendença,
Em ter razaõ confiado;
Mas amor, como he letrado,
Houve contr'elle a sentença:
E co' aquella differença,
Disse entre si o coitado:
Gil morreo de desamado.
  Quem tem razaõ taõ cerrada,
Que naõ saiba sendo rudo,
E sem respeito,
Que sem Deos he tudo nada,
E nada com elle tudo,
Sem defeito?
  E sendo isto assi taõ certo,
Como todos confessamos,
E sabemos,
Naõ troquemos pelo incerto,
O em que taõ certo estamos,
Pois o vemos.

A tudo isto podeis responder, que todos morremos do mal de Phaetaõ, porque del dicho

al hecho, vá gran trecho. E de saber as cousas, e passar por ellas, ha mais differença, que de consolar, a ser consolado: mas assi entrou o Mundo, e assi ha de sahir; muitos a reprehendê-lo, e poucos a emendá-lo. E com isto amaino, beijando essas poderosas mãos huma quatrinqua de vezes, cuja vida e reverendissima pessoa nosso Senhor, etc.

Finge que em Goa, nas festas que se fizeram á successaõ de hum Governador, sahiram a jogar cannas certos homens, a que naõ sabia mal o vinho, e outros notados de alguns vicios, com divisas nas bandeiras, e letras, conforme suas tençoẽs, e inclinaçoẽs.

Hum que bebia excessivamente, tirou por divisa hum morcego; ave em que foi convertida Alcithoe com as irmãas, por desprezarem os sacrifios de Baccho. E como aquelle, que se em tal erro cahisse, naõ queria ser convertido em taõ baixo animal, e taõ nojoso, dizia a sua letra assi em Castelhano:

Si yo desobedeciere
A tu deidad santa, y pura,
En almudes me figura.

Algũus praguentos quizeram dizer, que esta letra era maliciosa, e que naõ queria dizer tanto, desejar este galante de ser mudado em

al, como desejava almudes deste licor. Mas he muito grande falsidade, que sendo a letra assi feita, acaso acertou de sahir aquella palavra, com que molhava as suas, quem tirava a divisa. Do que o innocente Auctor, despois ficou para se enforcar. Mas outro galante, que de fino bebado já passava os limites do bom, e costumado beber, tirou por divisa huma palmeira; arvore, que entre os Antigos significava victoria; e ao pé della algũus ramos de vides, e de parreiras pizadas; e dizia a letra assi:

Ficai vencidas sem gloria,
Vós vides, e vós parreiras;
Porque os ramos das palmeiras
Saõ os que tem a victoria.

Tambem aqui naõ faltáram praguentos, que quizeram dizer, que este devoto, deixando já atraz Portugal, comettia com valeroso animo Orracas, e Fullas, tendo em pouco Caparicas, e Seixaes. Mas quem ha que fuja de más linguas, ou de mal costumadas gargantas?

Outro galante, a quem fazia mal ao esto-

mago beber o vinho aguado, tirou por divisa huma peça de chamalote sem aguas, que apresentava Baccho; e dizia a letra, como por parte do mesmo Baccho:

Sem aguas, Senhor, levaio
Se for bom,
Que las aguas de Moncaio
Frias son.

Aqui naõ tiveram praguentos que dizer, por ser opiniaõ de Physica, serem melhores os mantimentos simples, que os compostos.

Outro, que no bèber lançava a barra inda mais além que os acima escriptos, tirou por divisa huma salamandra, passeando por cima de hũas brazas de fogo; e a letra dizia:

En el fuego vivo yo.

Mas o Pintor errando as letras, acertou de pôr: De fuego la bebo yo. Donde os praguentos quizeram adivinhar, que este galante bebia Orraca de fogo. O demonio foi fazer tal erro, para delle sahir tamanho acerto.

Outro devoto, que desque estava quente, di-

zia dos companheiros, quaesquer que fossem, o que de cada hum sabia, sem respeito; tirou por divisa hum demoninhado, lançando os olhos em alvo, escumando, e apontando com o dedo para hum frasco de vinho; e dizia a letra:

Se fallar demasiado,
Naõ mo taixem; porque, em fim,
Aquella alma falla em mim.

Sendo atéqui introduzidos os religiosos de Baccho, pedíram dous d'outra religiaõ, que tambem os deixassem jogar as cannas, e que elles tirariam tal divisa, com que se tirasse a limpo sua habilidade; e sendo entrados ambos juntos, por certa conformidade que havia entre ambos, trouxeram pintados nas bandeiras cada hum seu par de pombas; e dizia a letra:

Se como vós ha ahi par,
Vós o podereis julgar.

Certo, que atéqui chegou amalicia dos homẽes, porque taõ subtilmente quizeram interpretar a innocencia desta letra, que tomá-

ram a derradeira syllaba da primeira regra, e ajuntáram-na com a primeira da derradeira, que vem a dizer parvos; e disseram que juntas significavam isso aquelles dous innocentes. Mal peccado; taõ errada anda a maldade humana, que logo tem por parvos aos que sabem pouco!

Outro homem entrou tambem por adherencia nas cannas, o qual dizem que tinha partes maravilhosas; porque era taõ perfeito em suas cousas, que o seu comer havia de ser o melhor temperado, e o mais suave do Mundo; e os seus vestidos eram sempre dos mais finos pannos, e sitijs, que se podessem descobrir; e esta perfeiçaõ até nos amores, e amizades se lhe estendia, porque com os amigos sempre tinha subtilezas de conversaçaõ, e com as amigas hum fingir, que queria o que naõ queria. E em fim, até no jogar usava daquellas manhas todas, as que para ganhar eram necessarias. E tinha mais hum revéz da fortuna recebido, que se lhe estendia desde a ponta do nariz, até huma orelha. Este Senhor tirou por

divisa huma camisa toda lavrada de pontinhos, lavor antigo; e a letra dizia assi:

Pontos de honrado, e sisudo,
Sempre na vida quiz ter;
Apontado no viver,
Apontado mais que tudo,
Em meu vestir, e comer:
Pontos subtijs no meu gosto,
Mais subtijs no conversar,
Tanto me vim a apontar,
Que apontado trago o rosto,
E as cartas para jogar.

Muitos outros homẽes illustres quizeram ser admittidos nestas festas, e cannas, e que se fizera memoria delles, conforme suas calidades; mas infinita escriptura fora, segundo todos os homẽes da India saõ assignalados; e por isto esses bastem para servirem de amostra do que ha nos mais.

INDICE DAS ECLOGAS,

CUJOS ASSUMPTOS, E ARGUMENTOS, COMO MAIS DIFFICEIS DE ENTENDER, NECESSITAÕ DE ALGUMA DECLARAÇAÕ.

OS NÚMEROS MARGINAES ACCUSAÕ AS PAGINAS.

mões esta Ecloga em Goa, nos fins do anno de 1554., ou principios de 1555., e affirma o Commentador Faria, que em grandeza de estylo, de pensamentos, de imagẽes, de affectos: e em bellezas Poeticas, naõ achára outra igual, havendo lido huma immensidade de Poetas.

FIM DO QUARTO TOMO.

ERRATA.

TOMO IV.

PAG.			ERROS.		EMENDAS.
8	egl. 1	v. 24	signal certo,	*leya*	segnal certo.
25	2	14	adornadas,		ordenadas.
25	2	18	verumno,		vertumno.
56	4	12	Naõ taes,		Nao tẽes.
188		26	natual,		natural.
195		16	sãa,		saõ.
225		6	ente si,		entre si.
245		7	prestates,		prestastes.
248		4	perque,		porque.
354		4	nenhm,		nenhum.
369	linh. 10		sacrifios,		sacrificios.

4.

